

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**IDENTIDADE E COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO NA
PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE PLURILÍNGÜE ALEMÃO-
ITALIANO-PORTUGUÊS DE IMIGRANTE - RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, área de Linguagem no Contexto Social.

MARCELO JACÓ KRUG

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Orientador

Porto Alegre, 16 de setembro de 2004

Dedico este trabalho
a minha esposa Cristiane, com muito amor e carinho.

Meus agradecimentos...

À Capes, pela bolsa de estudos concedida.

Ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pela valiosa orientação e pela paciência e bondade, sem as quais este trabalho não teria sido realizado.
“Cléo, mea misse Hunsrickisch spreche sunscht vagesse’mas noch“

À Prof^a. Dr^a. Ana Zilles, cuja dedicação e conhecimento foi especialmente marcante na minha trajetória como aluno.

Ao Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiro – UNISINOS – por aguçar e incentivar meu interesse pela pesquisa científica envolvendo o Hunsrückisch.

À família Horst, pela hospitalidade e o apoio concedido, durante toda a caminhada.

À amiga Clarice, pelo prazer de tantas descobertas e aventuras compartilhadas.

À minha família, que, mesmo distante, sempre me apoiou nesta caminhada.

À família Altenhofen, pelo auxílio prestado

Aos colegas de curso, pelas trocas de idéias.

Ao Canísio e à Márcia, na secretaria do Pós.

Aos informantes, pois sem eles esta pesquisa não teria sido possível.

SUMÁRIO

RESUMO	VI
RESÜMEE	VII
LISTA DE QUADROS	VIII
LISTA DE MAPAS	IX
INTRODUÇÃO	1
1. CONTEXTO TEÓRICO DA PESQUISA.....	7
1.1. Tema e objeto da pesquisa	7
1.2. Identidade: afinal, o que é e como se expressa?.....	9
1.3. Identidade e etnicidade: uma relação complexa.....	16
1.4. O papel da língua na definição da identidade: tendências gerais.....	18
1.5. Duas línguas, duas identidades? A identidade e o bilingüismo	20
1.6. Estudos realizados	22
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	27
2.1. Implicações metodológicas dos objetivos do estudo.....	27
2.2. Metodologia de pesquisa qualitativa e quantitativa	28
2.3. Descrição da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de Imigrante.....	29
2.4. Escolha dos informantes	36
2.5. Instrumentos de coleta dos dados.....	38
2.6. Análise dos dados.....	42
3. ANÁLISE DOS DADOS	43
3.1. Papel da língua como marca de identidade	43
3.1.1 Relevância das questões de identidade nas relações sociais	46
3.1.2 A língua minoritária na identificação dos grupos étnicos em contato	49
3.1.3 Identidade e nacionalidade/brasilidade	53
3.1.4 Identidade e diferenças no plurilingüismo	61
3.1.5 Traços lingüísticos de identidade no português de contato.....	72

3.1.6	Relação da língua com outras marcas identitárias	78
3.2.	Papel da identidade étnica no uso e manutenção da língua minoritária.....	84
3.2.1	Estigmatização e prestígio	86
3.2.2	Escolhas lingüísticas motivadas pela identidade	94
3.2.3	Manutenção/substituição da língua minoritária	96
3.2.4	Educação e fomento da língua minoritária.....	99
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
6.	ANEXOS	117

RESUMO

O presente estudo investiga o papel da língua na constituição da identidade e etnicidade dos grupos de base imigrante em contato em uma comunidade rural multilíngüe em português, italiano e alemão de Imigrante, no Rio Grande do Sul, Brasil. A concepção básica que subjaz a esse propósito é a de que a língua constitui um dos principais fatores de determinação da identidade e etnicidade de um grupo social, neste caso representado por descendentes de imigrantes alemães e italianos. A pergunta que orientou a pesquisa, na comunidade escolhida, é como se dá essa interrelação entre língua e identidade no contato entre dois grupos de fala contrastantes, germânico e românico, e ao mesmo tempo semelhantes, na medida em que compartilham o traço em comum de grupo minoritário falante de uma variedade dialetal aloglota oriunda da imigração a partir do século XIX. Tal objetivo envolveu quatro pontos essenciais: em primeiro lugar, pretendeu-se verificar o papel da língua na constituição de padrões de identidade, bem como se varia entre um grupo étnico e outro. Em segundo lugar, pretendeu-se analisar no sentido de sustentar a hipótese de uma identidade múltipla dos diferentes grupos étnicos e sociais em contato na comunidade e descrever os condicionadores dessa multiplicidade (situação, prestígio/estigmatização, duplicidade de comportamento). Em terceiro lugar, buscou-se reconhecer padrões identitários entre os diferentes grupos de falantes da comunidade, descrevendo meios e mecanismos de expressão/manifestação da identidade étnica no comportamento lingüístico dos falantes. E, por fim, objetivou-se reunir exemplos que atestam, no sentido inverso, o papel da identidade no comportamento lingüístico dos falantes da comunidade. A presente dissertação enquadra-se no âmbito de pesquisas do “bilingüismo, línguas em contato e identidade”, abordando tópicos como uso, manutenção e substituição de variedades lingüísticas minoritárias e majoritárias, identidade, estigmatização e preconceito lingüístico. Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, no sentido amplo. Os resultados da pesquisa nos levaram a constatar que a língua continua sendo um dos principais fatores de identificação entre alemães, italianos e luso-brasileiros, e que tal se manifesta de forma múltipla e variável nas relações sociais da comunidade plurilíngüe. Revelou-se também que a constituição da identidade quanto ao uso e à manutenção/substituição da língua é mais forte entre os descendentes de alemães que entre os descendentes de italianos.

RESÜMEE

Die vorliegende Untersuchung befasst sich mit der Rolle der Sprache hinsichtlich der Identitätsbildung und Ethnizität der Deutschen bzw. Italiänischen Einwanderungsgruppen in Kontakt in Imigrante, mit dem Portugiesischen, einer ländlichen Gemeinde in Rio Grande do Sul, Brasilien. Es wird zu diesem Vorhaben vorausgesetzt, dass die Sprache zu den wichtigsten Faktoren zur Bestimmung der Identität und Ethnizität dieser ethnischen Gruppen zählt. Die Frage, auf der die Untersuchung basiert, ist, wie sich diese Beziehung zwischen Sprache und Identität im Kontakt zwischen dieser zwei kontrastierenden Sprachgruppen germanischer und romanischer Herkunft ergibt, die auf der anderen Seite jedoch gemeinsame Merkmale aufweisen wie beispielsweise das einer Minderheitsgruppe, die eine alloglotte Dialektvarietät der Einwanderer aus dem 19. Jahrhundert spricht. Das der Untersuchung umfasst vier Hauptpunkten: als Erstes werden verschiedene Aspekte zur Rolle der Sprache bei der Identitätsbildung der Sprecher dieser Gemeinde analysiert, sowie auch Unterschieden im Verhalten den deutschen und italiänischen Gruppen gezeigt. Zweitens wurde die Hypothese einer multiple Identität der verschiedenen Kontaktgruppen untersucht, sowie auch die Faktoren, die diese Vielfalt bedinge (Sprechsituation, Prestige, Duplizität des Verhaltens). Als dritter Punkt wurde versucht, Standardverhalten im Ausdruck der Identität zu erkennen. Zum Schluß wurden umgekehrt Hinweise zum Einfluß der Identität auf der Sprachgebrauch gesucht. Der Rahmen der Untersuchung bildet die Bilinguismus und Sprachkontaktforschung. Es sind daher deren Schwerpunkte die Verhältnisse zwischen Identität und Sprache im Hinblick auf Aspekte wie Sprachauswahl und Spracherhalt, Sprachvariation, Stigmatisierungsprozesse, sowie auch u. a. Sprachvorurteile. Die Analyse der Daten basiert auf der Methodik der Qualitativen Analyse. Dabei wurde festgestellt, dass die Sprache immerhin eine der wichtigsten Faktoren zur Identifizierung der Verschiedenen Gruppen in Kontakt ist in vielfältiger und variabler Weise in den Sozialisierungen der Mehrsprachigen Gemeinde zeigt. Ausserdem wurde gezeigt dass die Identitätsbildung sich hinsichtlich des Erhalts der Minderheitensprache stärker bei den Deutschstämmigen als bei Italiänischstämmiger.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Adesão do núcleo de Imigrante (ale)	
quanto à identificação com o grupo étnico alemão	56
Quadro 2: Adesão do núcleo de Daltro Filho (ita)	
quanto à identificação com grupo étnico italiano.....	58
Quadro 3: Perfil e situação bilíngüe dos informantes de Imigrante (I).....	62
Quadro 4: Perfil e situação bilíngüe dos informantes de Daltro filho (D).....	66
Quadro 5: Quadro com os principais traços que identificam	
um alemão e um italiano na visão dos informantes.....	79

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização geográfica de Imigrante, no Rio Grande do Sul (http://www.geolivres.gov.br/).....	31
Mapa 2: Município de Imigrante com suas divisas e localização da sede Imigrante e do bairro Daltro Filho.....	31

INTRODUÇÃO

Há, no Brasil, a presença significativa de uma série de minorias étnicas que, na sua comunicação diária intra-grupo, utilizam uma variedade lingüística distinta do português, e que, no contato com a cultura majoritária, se deparam com o dilema entre a manutenção e afirmação dos hábitos lingüísticos de seu grupo e a adoção de hábitos novos determinados pela estrutura dominante do meio em que vivem. A solução de tal dilema implica uma série de aspectos, seja de ordem social e histórica, seja de um ponto de vista mais abstrato, envolvendo aspectos psicológicos dessa mudança. Um desses aspectos a considerar é a identidade étnica dos falantes em questão.

A concepção básica que subjaz ao presente estudo é a de que a língua constitui um dos principais fatores de determinação da identidade e etnicidade de um grupo social. Embora não seja o único, sua influência pode ser grande e varia, é certo, segundo uma série de variáveis, que incluem gênero, escolaridade, cultura, classe social, faixa etária, localização geográfica, estilos de linguagem, modos de agir, dentre outros. Por esta razão, sustenta-se que o estudo da identidade e etnicidade de determinado indivíduo ou grupo social requer a consideração dessas variáveis para abranger as relações que subsistem entre elas e o uso/escolha da língua.

Constitui, assim, o **objetivo central** deste estudo verificar o papel da língua na formação da identidade e etnicidade dos grupos étnicos de base imigrante em contato em uma comunidade rural multilíngüe em português, italiano, alemão¹ do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Tal comunidade, denominada Imigrante, situa-se aproximadamente a 146 km de Porto Alegre, em uma área bem próxima da região onde

¹ Os conceitos gerais “italiano” e “alemão” são usados como abstrações que incluem as respectivas variedades destas línguas faladas na comunidade em estudo (vêneto, Hunsrückisch e vestfaliano).

nasceu e se criou o próprio autor do estudo, o que, sem dúvida, também foi determinante para a sua escolha. O que, contudo, qualifica de modo particular Imigrante, para o objetivo exposto, é o contato de dois grupos étnicos distintos entre si, um de base românica, outro de base germânica, porém colocados em uma situação idêntica de distinção em relação ao elemento nativo, falante da língua oficial do país, o português. As línguas e variedades dos descendentes de alemães e italianos em Imigrante possuem *status* de língua minoritária e cultura diversa. O contato lingüístico e cultural entre os descendentes desses grupos coloca uma situação não mais de polarização com o português, visto que, além das marcas que os distinguem do elemento luso-brasileiro, se deparam com a identificação/distinção em relação um ao outro (quase uma espécie de *alter ego*). Um dos aspectos que os distingue entre si é o uso de línguas distintas, mas é também este o aspecto que, na relação com o português, os torna parecidos, ou seja, são ambos falantes de línguas distintas do português ou apresentam traços lingüísticos que os distinguem do elemento luso-brasileiro. Por outro lado, na medida em que o português assume a função de código comum de comunicação, ambos os grupos de imigrantes compartilham em princípio do português como código comum.

Enfim, a situação complexa do plurilingüismo como se apresenta nessa comunidade serve como uma situação exemplar (quase de laboratório) para compreender mais claramente os mecanismos que atuam na constituição da identidade no contato lingüístico entre grupos distintos, especialmente no que diz respeito ao papel da língua nesse processo. Em termos de contribuição, espera-se jogar um pouco mais de luz em uma realidade carente de estudos mais aprofundados. São inúmeras as comunidades bilíngües no mapa lingüístico do sul do Brasil. No entanto, trata-se de uma situação de anonimato científico, se podemos definir assim o contexto dos estudos sobre essas áreas.

Institucionalmente, por isso, o estudo está ligado às linhas de pesquisa de “contatos lingüísticos e interação social”, como também, de “variação e mudança lingüística”, do Programa de Pós Graduação em Letras da UFRGS. Ambas as linhas de pesquisa inserem-se no âmbito maior de estudos de Dialetoлогия e Sociolingüística.

A relevância do estudo reside no fato de descrever uma realidade lingüística que, proporcionalmente, tem ficado à margem do interesse dos pesquisadores, não obstante a sua representatividade no conjunto da estrutura social da região sul como um todo. É inegável a contribuição desse tipo de estudo não só para uma compreensão das relações sociais nessas áreas plurilingües resultantes do fluxo de imigrantes europeus no século XIX, como também no sentido de sua aplicação, fornecendo subsídios para projetos sócio-educacionais e culturais e estimulando o incremento de novos estudos.

Nesta mesma perspectiva, vale ressaltar uma qualidade *sui generis* do estudo, que é o enfoque de um contexto de análise praticamente inexplorado, qual seja o de investigar, principalmente, o papel da língua na formação da identidade como marca de identidade e etnicidade em um meio plurilingüe, como também nas relações sociais, culturais e geográficas, na construção da identidade étnica prevalente naquela comunidade. Estipula-se que, quanto maior o papel da língua como marca de identidade, tanto maior as possibilidades de uso e manutenção da língua minoritária.

Sabe-se que, nos últimos anos, houve na área de estudo uma lenta mudança da agricultura familiar, que caracterizou a economia das colônias de imigrantes, para uma ordem de trabalho centrada na pequena empresa. Descrever os efeitos sociais dessa mudança nas relações cotidianas constitui uma tarefa de grande relevância para a pesquisa sociolingüística. A compreensão dos mecanismos que regem o uso da língua na interação social e na construção da identidade e etnicidade dos envolvidos nos mais diversos contextos sociais pode, por exemplo, apontar estratégias que auxiliem na melhoria das relações de convívio em ambientes multilingües, muitas vezes propensos a tensões e dificuldades na comunicação interdialetoal.

Sabe-se que o comportamento lingüístico é concebido como uma manifestação da interação comunicativa do falante; no entanto, é bem mais que uma simples codificação de uma mensagem. Este comportamento expressa a identificação com o interlocutor com quem estamos interagindo. A intenção comunicativa ultrapassa a interpretação da mera mensagem, pois é através da comunicação que moldamos o que somos perante o outro e vice-versa. Sob este ponto de vista, podemos dizer que o falante bilíngüe, sendo proficiente em duas línguas, ou em duas “variedades lingüísticas”, dispõe de um repertório que lhe viabiliza jogar com sentidos diversos. Ao comunicar, o falante bilíngüe transmite não apenas mensagens, mas também valores e julgamentos.

Para identificar estes valores e julgamentos, serão reconhecidas e consideradas variantes carregadas de significado social na comunidade.

Considerando os pontos acima descritos, constituem-se as seguintes perguntas para as quais espera-se encontrar uma resposta nesta pesquisa:

- a) Com base no objetivo central, pretende-se verificar qual, especificamente, o papel da língua na constituição de padrões de identidade e se esse papel é maior ou menor em determinado grupo étnico ou social. A interpretação que se vincula a este objetivo é que o papel da língua é maior entre os membros do grupo étnico alemão e neste, maior entre os falantes da geração dos mais velhos e da classe baixa. Em outras palavras, sustentamos a idéia que a identidade étnica *lingüística* é maior no grupo étnico alemão do que no grupo italiano. Adicionalmente, coloca-se a tese de que o contato interétnico ajuda a reforçar e manter a identidade étnica dos dois grupos, mostrando um comportamento similar, porém múltiplo e heterogêneo, como se verá mais adiante. Isso no entanto não significa que a identidade *étnica* seja mais marcada no elemento alemão, mas apenas que a língua desempenha um papel mais marcante entre os descendentes de alemães do que entre os membros do grupo italiano.
- b) A identidade dos diferentes grupos étnicos e sociais em contato na comunidade é variável, conforme a situação? Em caso afirmativo, o que condiciona essa variação? Partindo dos estudos sobre identidade, como algo dinâmico, suscetível à mudanças ao longo da vida e variável, conforme o contexto situacional, pode-se sustentar a interpretação de que a identidade dos falantes não se configura como una e imutável; pelo contrário, varia conforme a situação. Ou seja, conforme o contexto, o mesmo falante poderá identificar-se mais como alemão ou italiano (identidade étnica e lingüística), ou contrariamente como gaúcho ou brasileiro (identidade nacional vinculada à nacionalidade), ou ainda como membro de uma classe social específica, mais ou menos escolarizada (identidade social).
- c) Não obstante essa interpretação, esperada para o objetivo inicial da pesquisa, pretende-se responder à pergunta se é possível reconhecer padrões identitários entre os diferentes grupos de falantes da comunidade, descrevendo meios e mecanismos de expressão/manifestação da identidade étnica no comportamento lingüístico dos falantes. Admitindo a possibilidade de verificar variação no tipo e grau de identidade entre os diferentes grupos e falantes, quais os fatores que condicionam essa variação,

considerando idade (velhos e jovens), grupo étnico (alemão, italiano), religião (protestantes e católicos), classe social (profissionais liberais, agricultores, operários), gênero (homens e mulheres), além de relações de prestígio e estigmatização, entre outras. A interpretação a essa questão é possível reconhecer, sim, tendências variáveis na constituição da identidade dos diversos falantes em contato.

- d) Por fim, lança-se o objetivo bastante desafiador e complexo de aprofundar a questão do papel da identidade no comportamento lingüístico dos falantes da comunidade. Quer dizer, uma vez descrevendo e identificando padrões identitários na variação no tipo e intensidade da identidade na comunidade, pretende-se reunir exemplos que atestam “o papel da identidade no comportamento lingüístico dos falantes”. Tal questão envolve aspectos como a escolha lingüística e a frequência de uso da língua minoritária, sua manutenção ou substituição, o prestígio e a estigmatização dessa língua, e a duração e fomento da língua minoritária, bem como atitudes lingüísticas (vergonha no uso da língua minoritária, preconceito lingüístico) e participações em atividades culturais típicas da etnia. Nessa perspectiva, é possível, por exemplo, encontrar falantes que abandonem a língua minoritária (por julgá-la “errada” e “quebrada”), mas possuam uma identidade imigrante fortemente marcada pela vida cultural (por exemplo, participando de grupos de dança da respectiva etnia, etc.). Segundo esse propósito, sustenta-se a hipótese de que os falantes com identidade imigrante mais arraigada (por exemplo, luteranos da etnia alemã) mantêm mais fortemente a língua minoritária. O mesmo vale para falantes de mais idade com dificuldades no português que, além disso, apresentam índices mais elevados de escolha da variedade imigrante.

O contexto social escolhido para o estudo é o de uma comunidade plurilingüe marcada pela presença de dois grupos étnicos de imigrantes, alemães e italianos, concentrados em dois núcleos vizinhos: a sede da comunidade, Imigrante, representando o núcleo alemão (Hunsrückisch e vestfaliano), e o bairro Daltro Filho, representando os descendentes de italianos (núcleo essencialmente vêneto). A interpretação que se coloca aqui é que, em cada núcleo, a identidade prevalecente corresponde à denominação e à escolha da respectiva variedade lingüística.

Com o intuito de melhor concatenar e organizar os assuntos desenvolvidos neste trabalho, optou-se por dividi-lo da seguinte maneira. No capítulo 1, expõe-se o contexto teórico em que se insere nosso objeto de estudo. Definições e problemas ligados ao conceito de identidade – sua relação com a língua e com outras noções essenciais como etnicidade, grupo étnico, falante bilíngüe – serão o centro de nossa preocupação nesse capítulo. No capítulo 2, apresenta-se a metodologia da pesquisa de campo, que inclui pressupostos básicos da análise qualitativa e quantitativa de dados, critérios levados em consideração na escolha dos informantes, variáveis lingüísticas e sociais relevantes e instrumentos de trabalho de campo. A descrição da comunidade pesquisada, Imigrante, já antecipa uma análise prévia de importantes aspectos da identidade manifestada através da língua e de sua relevância no conjunto dos valores simbólicos que a constituem. No capítulo 3, serão apresentados os resultados obtidos através da análise qualitativa dos dados coletados na pesquisa de campo. Seguem-se as conclusões e considerações finais.

1 CONTEXTO TEÓRICO DA PESQUISA

1.1 Tema e objeto da pesquisa

O presente estudo tem por tema central a questão da identidade e do papel da língua na constituição da mesma. O contexto social e lingüístico escolhido para a pesquisa é o de uma comunidade plurilíngüe em que convivem o português, como língua oficial do país, e três variedades lingüísticas de imigrantes, duas do alemão (Hunsrückisch e vestfaliano) e uma do italiano (vêneto). Trata-se, portanto, de uma situação complexa de contato lingüístico entre descendentes de imigrantes alemães, italianos e luso-brasileiros.

Neste sentido, não constitui tarefa das mais simples definir o que é e como se constrói a identidade dos falantes de uma comunidade plurilíngüe deste tipo, já que essa formação (*Identitätsbildung*) implica uma complexa rede de relações entre os falantes dos diversos grupos em contato. Como observa Tabouret-Keller (1998: 320),

“A bilingual speaker may be identified by linguistic features deriving from language contact. In certain situations, this gives rise to feelings of inferiority, discrimination, or exclusion from the dominant group, or conversely, feelings of familiarity, recognition, complicity among those who share the language and/or the contact situation. The creativity of bilinguals, especially in oral language not controlled by the normative power of writing, will suffer repression through the totemization of the dominant language. Mastery of the latter is regarded as testimony to allegiance to the state that imposes it, and integration into a community mistakenly based on a single linguistic identity. Such sociolinguistic constraints point toward the subjective difficulties which often arise in contact situations.”

As tensões sociais a que se refere Tabouret-Keller e que normalmente atuam sobre os falantes bilíngües em contextos de bilingüismo societal (v. 1.5) mostram diferentes fatores em jogo, incluindo em um extremo conseqüências negativas, como sentimentos de inferioridade e atitudes discriminatórias de exclusão do grupo dominante, e do outro lado comportamentos opostos, como sentimentos de familiaridade, reconhecimento e cumplicidade entre os membros da comunidade que

compartilham a língua e/ou a situação de contato. O plurilingüismo amplamente presente na paisagem lingüística do sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, evoca muitas destas questões, importantes para a caracterização de nosso objeto de estudo. Em primeiro lugar, pela sua representatividade geográfica e social, o fenômeno do bilingüismo parece configurar já uma identidade territorial dessa área. Ou seja: ao se pensar no sul do Brasil, observa-se já, no contexto “nacional”, a sua identificação com a presença maciça de populações alógenas falantes de línguas de adstrato diferentes do português. Tal identificação recebe certo espaço na mídia e normalmente vem acompanhada de outros ícones e símbolos, mais visíveis, como as festas tradicionais (Oktoberfest), paisagens turísticas, estilos arquitetônicos próprios, culinária, etc.

Em segundo lugar, considerando o tempo transcorrido desde o início da imigração (hoje, já se chega à quinta, sexta geração de falantes), surpreende a resistência desses falantes, em determinados contextos, à substituição lingüística pelo português (*language shift*). Neste sentido, é de se supor que a identidade lingüística, bem como a solidariedade à língua do grupo (*language loyalty*), tenha desempenhado papel vital nesse processo e que, do mesmo modo, a língua e outros traços da etnicidade tenham-se constituído em elementos cruciais na constituição dessa identidade.

Vale dizer que muitos dos membros dessas comunidades bi- ou plurilingües comunicam-se ainda hoje na variedade minoritária. Para muitas crianças, por exemplo, a entrada na escola chega a representar o primeiro contato com a língua oficial, o português, não obstante as pressões sociais que levam à estigmatização e marginalização da língua minoritária falada no grupo familiar. Em muitos casos, as crianças recém-ingressas na escola tornam-se alvo de gozações, devido às marcas lingüísticas da língua minoritária que carregam. A sua identificação com traços da língua surge como inevitável.

Em terceiro lugar, há que considerar, nesse contexto, um repertório bastante amplo e diversificado de situações de contato lingüístico envolvendo as mais diferentes condições sociais (e ecológicas) e diferentes variedades de fala trazidas por grupos de imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses, entre outros, a partir do início do século XIX. Assim, por exemplo, uma variedade minoritária pode ser, em determinado contexto ou comunidade, fortemente

estigmatizada e, em outro, gozar de amplo prestígio, dada a condição sócio-econômica de seus falantes. Citando um caso bem próximo à localidade escolhida para este estudo, Díaz (1996: 282) afirma o seguinte em relação ao vestfaliano, ou “Platt”, no sentido de “dialeto”, falado em Novo Berlim (RS):²

“su valor peyorativo se ha perdido totalmente entre los actuales habitantes de de Berlim debido, sin duda, a la situación de prosperidad y prestigio social de que gozan frente a los brasileños de origen luso.”

Enfim, é preciso levar em conta que a língua, e por extensão o bilingüismo, variam segundo fatores diversos, entre os quais se citam a escolaridade, classe social, relações de trabalho, faixa etária, gênero, religião, política lingüística, atitudes em relação às línguas em contato, entre outros. Deduz-se, em decorrência disso, que também as identidades ou as identidades étnico-lingüísticas variam, na medida em que se constroem essencialmente na identificação com traços lingüísticos, carregados de um valor simbólico específico. Contudo, como se dá essa relação entre língua e identidade? Qual a real relevância da língua na determinação das identidades dos membros de uma comunidade bi- ou multilíngüe? Como se relaciona com os demais elementos da cultura?

1.2 Identidade: afinal, o que é e como se expressa?

Em um sentido lógico-matemático, identidade pressupõe a equivalência de duas grandezas (Oppenrieder & Thurmair 2003: 39), ou seja, são dois valores que compartilham (um) traço(s) em comum. Portanto, para entender a complexidade das relações em torno do uso variável da língua e de sua influência sobre a constituição da identidade, necessitamos analisar primeiramente os diversos fatores relevantes no “processo de identificação” (v. Tabouret-Keller, 1998: 318) dos indivíduos e grupos em contato em uma comunidade como a que nos propomos estudar. Poder-se-ia dividir esses fatores entre aqueles que favorecem o bilingüismo e a língua e cultura minoritárias, sem ameaçar a identidade étnica e lingüística dos falantes do grupo, e aqueles que ao contrário representam uma “ameaça” a essa identidade do grupo e do

² Veja-se também o estudo de Kaufmann (1997), que compara as atitudes lingüísticas de menonitas, falantes de alemão (padrão e dialeto), em contato com o inglês (de maior prestígio), nos Estados Unidos, e o espanhol (em posição de inferioridade local), no México. A substituição do alemão pelo inglês é maior do que no caso do contato com o espanhol, em virtude do valor atribuído a ambas as línguas.

indivíduo (Oppenrieder & Thurmair 2003: 50, “*Identitätsbedrohung durch Mehrsprachigkeit*”)

Geralmente, conforme vimos acima, a negação da variedade minoritária está ligada a questões de prestígio e estigmatização atribuídas a ela, a partir sobretudo do momento em que o indivíduo começa a frequentar a escola. Pode-se dizer que a escola, ao assumir atitudes negativas ou de descaso em relação às especificidades lingüísticas do aluno e do meio em que se insere, desconsidera uma série de aspectos sumamente relevantes à socialização e escolarização desses mesmos alunos.

“O silenciamento do bilingüismo, muitas vezes eleito como bode expiatório do fracasso escolar, leva a um ensino que joga na vala comum monolíngües e bilingües e ignora qualquer adequação metodológica do ensino às especificidades do aluno falante da língua minoritária” (Altenhofen, 2002: 19)

Por outro lado,

“...na escola, quando o professor corrige o aluno, ele intervém nos sentidos que este aluno está produzindo e, no mesmo gesto, está inferindo na constituição de sua identidade.” (Orlandi, 1998: 205)

Silva (2000: 81) coloca que a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva e são disputadas. A identidade e a diferença andam em estreita conexão com o poder e o prestígio. Ninguém quer pertencer a um grupo étnico de menor prestígio ou de pouco poder. Nestes casos, os indivíduos de comunidades minoritárias tentam se assimilar tanto aos aspectos culturais quanto aos lingüísticos dos grupos dominantes. Ser integrante de um grupo com identidade étnica e lingüística forte é, muitas vezes, motivo de orgulho, conferindo ao falante um certo sentimento de superioridade. O prestígio e o valor de mercado da língua servem, neste caso, para a construção de uma identidade positiva. Seu papel pode ser ilustrado pelo exemplo encontrado na identidade das classes nobres, para quem, em determinada época histórica, identificar-se ou pertencer à classe nobre incluía imitar a alta cultura francesa e, inclusive, comunicar-se em francês com demais representantes da nobreza (Oppenrieder & Thurmair 2003: 53). Isto é, falar outra língua de prestígio, neste caso francês, contribuía para acentuar sua identidade de membro da nobreza.

Numa sociedade como a nossa, em que as desigualdades sociais são grandes e gritantes, nos defrontamos com o que Orlandi (1998) chama de “movimento da

identidade”: o reconhecimento e o investimento no apagamento da diferença. Se os indivíduos pertencem a uma classe dominada e estão conscientes dessa situação, podemos dizer que se identificam como tais, dada a sua identificação com a respectiva classe. O mesmo acontece com integrantes da classe dominante. Segundo Kleiman (1998: 278), “Quanto maior o *background* dos participantes, maior a possibilidade de não haver valores e conhecimentos partilhados entre eles...” Estas desigualdades, geralmente, são frutos do nosso sistema econômico variável. Em outras palavras, quanto maior o nível de instrução de um indivíduo, mais restritas são as chances de haver compartilhamento de conhecimentos entre classes sociais distintas, ou seja, dificilmente um médico terá em seu círculo de amizades um catador de lixo e vice-versa.

São muitos, porém, os aspectos que afetam a identidade dos membros dessas comunidades bi- ou plurilíngües. A língua é apenas um desses aspectos. No caso dos imigrantes alemães, uma identificação significativa é a que se dá através da religião. Diferentemente do grupo italiano, essencialmente católico, o grupo étnico alemão aparece em cerca de 60% dos imigrados no Rio Grande do Sul (Dreher 2002: 124;³ Koch 1974b: 85),⁴ identificados com o protestantismo luterano. Em muitas comunidades, a religião caracteriza-se como um demarcador de fronteiras na própria etnia, colocando lado a lado na comunidade os subgrupos católico e protestante, com suas igrejas, seus salões comunitários e escolas próprios. Entre os diversos traços que distinguem o grupo católico está a sua devoção a santos e as suas festas ao santopadroeiro da localidade. Os protestantes, por sua vez, têm sua identidade fortemente ligada ao nome de Lutero, que está intimamente ligado à língua alemã *per se* (v. Willems 1940: 206 e 232ss.).

A identidade dos diversos grupos em contato faz-se perceber, além disso, no âmbito do planejamento cultural de cada comunidade. É neste terreno que parecem surgir os símbolos concorrentes mais fortes da língua na expressão da identidade do grupo. Um exemplo são os grupos de danças folclóricas. Não raro observam-se casos em que integrantes desses grupos não falam mais a língua minoritária e, no entanto, apresentam uma identidade fortemente ligada à etnia e à sua cultura. A presença de outros ícones suficientemente claros para garantir a expressão da identidade étnica,

³ “Ao todo, o Brasil recebeu, entre 1824 e 1945, cerca de 300.000 imigrantes alemães, além de suíços, luxemburgueses e alguns holandeses. Estima-se, 60% eram protestantes.”

⁴ “Annähernd 60% der Einwanderer waren evangelisch.“

como os trajes típicos e a música, parece dispensar e substituir a língua nessa função. Esta deixa de ser um traço obrigatório da identidade do grupo étnico, para cumprir uma função mais auxiliar. No mesmo sentido, citem-se ainda outros símbolos com esse mesmo comportamento, tais como estilos de construção das casas em enxaimel (refletido também em certos prédios públicos, como as prefeituras); a promoção de eventos, como festas e bailes com denominações na língua minoritária (p.ex. *Blumentanzfest*, *Septemberfest*, *Festa do Capitel*); encontros de famílias; o próprio nome de família, refletido muitas vezes na denominação de um estabelecimento comercial (p.ex. *CR Mentz*, *Restaurante Rotuli*); criação de corais com cantores voluntários entoando canções na língua minoritária, entre outros.

Como vemos, existem muitos fatores a considerar no estudo da identidade e de sua relação com o uso da língua em um contexto social específico. Mas o que vem a ser exatamente a identidade de um indivíduo ou grupo étnico e social? Como definir um conceito que parece tão abstrato? E o que se entende por identidade quando se pensa em suas diferentes formas de manifestação, como identidade social, étnica ou lingüística?

Um ponto de partida razoável é conceber a identidade como algo não-estável, algo que não é nem um atributo, nem um objeto que um indivíduo possua ou algo que possa ser considerado uma posse. A identidade é antes um processo individual e coletivo de semiose, de produção de significado e de sentido. Não é algo que nasce pronto em um indivíduo. Pelo contrário, de acordo com Silva (2000: 76),

“Além de serem interdependentes, identidade e diferença compartilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação lingüística. Dizer que é o resultado de atos de criação significa dizer que não são ‘elementos’ da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade tem que ser ativamente produzida. Ela não é uma criatura do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que a fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais.”

Ainda segundo Silva (2000: 82), afirmar uma identidade significa demarcar fronteiras, separar o “nós” do “eles”, o “eu” do “você”, implica, sempre, as operações de incluir e excluir, dividir e classificar, o que também significa hierarquizar. Tabouret-Keller (1998: 315s.), analisando o exemplo dos bárbaros na visão dos gregos antigos, enfatiza que a constituição da identidade depende não só de quem eu sou e do grupo ao qual pertenço, mas especialmente o que não sou do grupo ao qual eu não pertenço, ou

seja, daquele grupo do qual claramente me diferencio. A identidade, além de ser subjetiva, é dinâmica e sofre constantes construções e desconstruções decorrentes de fatores sociais e lingüísticos. Para ilustrar esta dinamicidade, revelam-se fatores como as movimentações geográficas e os constantes contatos intra- e entre-grupos de diversas etnias e classes sociais, bem como a formação de grupos heterogêneos, decorrentes das constantes migrações, resultantes da intensa onda de industrialização das últimas décadas.

De acordo com Brandão (1986: 111), “identidades podem ser geradas, preservadas, extintas, transformadas, dependendo não de uma voluntária vontade simbólica do grupo, mas das atribuições pelas quais passa na realização cotidiana de sua própria história”. Os indivíduos vão construindo sua identidade de acordo com suas experiências vividas dentro e fora do grupo. Da mesma forma que se constrói uma identidade no núcleo familiar, a mesma pode ser desconstruída quando o indivíduo sai deste núcleo e entra em outros grupos, cujas vivências e experiências são adversas entre os indivíduos. Em outras palavras, como diria Conzen (1990: 5-6 *apud* Constantino 1991: 147), a identidade se repotencia no exterior, ou seja, o indivíduo “redimensiona o componente cultural e define os grupos étnicos como grupos de interesse”. A partir daí, podemos ver o quanto nos diferenciamos do “outro”, ou até que ponto nos identificamos com o outro. Vale, aqui, um depoimento dado por Trevisan (1996: 176):

“Em 1958, em viagem à Suíça, onde iria doutorar-me, fiz escala em Roma. Pela primeira vez ouvi o italiano ao vivo, “cantado” por não-estrangeirados. Aí senti, de repente, que eu não era aquilo! Ao ouvir, no aeroporto de Roma, a língua italiana, nasci como ítalo-gaúcho”.

Brandão (1986) baseia seu estudo em membros de uma comunidade indígena (Terena) que deixam suas tribos, seu *habitat* natural, para ganharem a vida na cidade. Esses índios, além de se instalarem nas periferias de cidades, sujeitam-se a trabalhos em fábricas, mormente chefiadas pelos brancos. Com isso, os índios perdem os costumes, lendas, tradições, enfim, tudo aquilo que herdaram de seus antepassados, assimilando hábitos e costumes do homem branco e do mundo civilizado. Muitos núcleos familiares são aniquilados com a migração de famílias inteiras para a cidade, geralmente incentivados por um ou outro membro do grupo.

“... o índio assiste primeiro à destruição de sua própria ordem social e simbólica... para depois assistir-se a si mesmo ser incluído pela porta dos

fundos na ordem capitalista regional que destrói física, social e culturalmente.” (Brandão 1986: 81)

Situação semelhante à descrita por Brandão em relação a esses grupos indígenas pode ser também observada nos movimentos migratórios – implicando “movimentos da identidade”, aos quais se refere Orlandi (1998), – de outros grupos, principalmente pequenos agricultores. Estes, por não conseguirem retirar de suas pequenas lavouras o sustento necessário para a família, são obrigados a encontrar outras formas de ganhar a vida, sujeitando-se, portanto, a servir de mão-de-obra a empresas. Estas migrações formam contextos propícios para conflitos de identidade, tanto étnica quanto lingüística.

Levando em consideração a importância existente entre os fatores sociais e lingüísticos na construção da identidade, estudos comprovam que a língua é um dos principais fatores para a determinação da identidade étnica de um povo, embora não seja o único. Segundo Kleiman (1998: 268), a “perda de identidade de certos grupos está geralmente simbolizada pela perda da língua materna em consequência de um processo de deslocamento lingüístico na direção da língua dominante”. Esse deslocamento não deve ser visto como característica exclusiva da língua de grupos minoritários (alemão, italiano e outros) inseridos em comunidades dominantes (português). Deve-se ter claro que a língua não existe por si só e que ela só ganha sentido na interação. Portanto, não se pode associar a língua a um objeto preexistente ou sobreposto a todos, mas sim como uma filiação do indivíduo, como uma posição que ele assume em relação a este objeto que está posto no meio social.

A identidade reveste-se, em função disso, de um caráter situativo-pragmático, ou seja, ela pode variar conforme a situação, podendo o falante optar entre uma conduta e outra, conforme as vantagens e desvantagens que essa opção implica (Constantino, 1991: 147). Encontramos no modelo “da comodificação de língua e cultura (popular)”, apresentado por Auer (2002: 2), um exemplo em que o indivíduo se auto-rotula descendente de alemão com o único propósito de “vender seus produtos”. Casos como estes encontramos em várias outras situações, como nas festas populares, comumente denominadas com nomes na variedade minoritária. A identidade local, representada através de uma denominação “exótica”, na visão de fora do grupo, chama especial atenção, porque justamente distingue, ou seja, confere identidade própria em meio às diferenças.

Em resumo, como podemos perceber, existem vários modos pelos quais um indivíduo é identificado na interação. Um desses modos é através da condição social (identidade social), que envolve uma série de traços como modo de se vestir, poder aquisitivo, bens adquiridos, escolaridade, dentre outros. Outro modo é através da língua (identidade lingüística), não apenas em situações de multilingüismo, mas também na relação com a variação lingüística inerente a cada língua, como é amplamente estudada pela sociolingüística. Muitas vezes, essa identificação sinaliza uma vinculação de determinado grupo de fala a uma área geográfica específica (identidade territorial). Sendo a língua parte da cultura, poder-se-ia reconhecer ainda uma identidade cultural (Posenato, 1999), englobando no sentido mais amplo o engajamento do indivíduo nas atividades culturais da comunidade, por exemplo, a participação em sociedades, clubes, o gosto por obras de arte, dança, música, teatro entre outros. Por fim, os traços físicos de um indivíduo podem ainda denunciar sua origem étnica (negro, índio, asiático), como no caso de um japonês no Brasil, ou ainda um alemão ou um italiano, no norte/nordeste do país. Essa identidade étnica, como veremos a seguir, exige no entanto, uma compreensão mais ampla do que é preciso considerar na definição do conceito de etnicidade.

Concluindo, o conceito de “identidade” engloba os seguintes aspectos relevantes para nosso estudo: 1) a identidade apresenta-se como múltipla e heterogênea; 2) múltiplos também são os condicionadores e traços sociais, lingüísticos e étnicos que a constituem; 3) ela é dinâmica, isto é, sofre mudanças e transformações e está em constante construção e desconstrução; 4) por ser dinâmica e múltipla, pode implicar reações negativas e/ou positivas, conforme o contexto e a situação em que se encontra inserido indivíduo/falante; 5) a identidade implica necessariamente diferenças; 6) em virtude disso, se repotencia em contato com outra cultura, principalmente quando ocorre um deslocamento no espaço ou um contato com outro grupo étnico e lingüístico; 7) pode assumir um cunho situativo-pragmático e, como tal, atender ao jogo de interesses nas relações sociais, no sentido de explorar vantagens e desvantagens de uma identidade em determinada situação.

1.3 Identidade e etnicidade: uma relação complexa

Como vimos, o conceito de identidade étnica é múltiplo e multifacetado. O que implica, no entanto, a noção de etnicidade? E o que constitui um grupo étnico e uma etnia? Estas são questões vitais para o presente estudo.

Não raro, grupos étnicos são confundidos ou relacionados a grupos marginalizados, de menor poder aquisitivo. Como observa Edwards (1994: 125), muitas vezes um “grupo étnico é visto como o grupo da minoria ou como um subgrupo social”, sendo difícil um grupo da classe dominante ser visto como grupo étnico. Edwards também se refere à identidade étnica como uma “caixa de pandora”, cheia de surpresas.

Em si, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade étnica específica quando é suficientemente diferente de outros grupos. Ora, alfaiates certamente constituem um grupo, mas não se poderia qualificá-los como um grupo étnico. Por outro lado, falantes de espanhol provenientes do México que vivem nos Estados Unidos definitivamente constituem um grupo étnico (Appel & Muysken 1996: 12), assim como também os grupos de imigrantes falantes de uma variedade do alemão ou italiano em nossa área de pesquisa. O que nos leva a chegar a tal constatação? Carneiro da Cunha (1986: 117) explica que

“Grupos étnicos distinguem-se de outros grupos, por exemplo, de grupos religiosos, na medida em que se entendem a si mesmos e são percebidos como contínuos ao longo da história, provindos de uma mesma ascendência e idênticos malgrado separação geográfica. Entendem-se a si mesmos como portadores de uma cultura e de tradições que os distinguem de outros. Origem e tradições são, portanto, o modo como se concebem os grupos: em relação ao único critério de identidade étnica, o de serem ou não identificados e serem identificados como tais...”

Contudo, ainda não está claro o que exatamente implica esse traço de “eticidade” que caracteriza esses grupos. No francês, o termo “etnia” como forma culta aparece desde 1896 (do grego *éthnos*, *eos-ous* ‘toda classe de seres de origem ou de condição comum’, donde ‘raça, povo, nação; classe, corporação’; segundo os antigos, de *éthos* ‘costume, a saber, grupos de homens que têm os mesmos costumes’). Segundo o Dic. Houaiss (2001), “para alguns autores, a *etnia* pressupõe uma base biológica, podendo ser definida por uma raça, uma cultura ou ambas; o termo é evitado por parte da antropologia atual, por não haver recebido conceituação precisa.” Fishman (1972b: 184) lembra igualmente que o termo *eticidade* tem causado problemas entre alguns

cientistas sociais, de um lado pelo desconforto no uso de termos como *raça* e *nacionalidade*, de outro pela impossibilidade de inquirir um indivíduo sobre sua etnicidade real por meio de um simples questionário.

De acordo com Fishman (1977: 17 *apud* Appel & Muysken 1996: 12), é preciso considerar três dimensões, quando se pensa em etnicidade. A dimensão mais importante é chamada *paternidade*: etnicidade é ‘em parte, mas essencialmente, experienciada como uma constelação inerente adquirida dos pais de um indivíduo como estes adquiriram dos seus, e assim cada vez mais para trás, *ad infinitum*’. Nesta perspectiva, a etnicidade agrega um sentimento de continuidade. A segunda dimensão seria a do *patrimônio*, i.e., a herança da coletividade – definindo comportamentos e visões: padrões de educação, música, vestimentas, comportamento sexual, ocupações especiais etc., os quais são de alguma maneira herdados das gerações mais antigas. O *caráter fenomenológico* equivale à terceira dimensão, que se refere ao significado que as pessoas atribuem à sua paternidade (seus descendentes como membros de uma coletividade) e sua herança (étnica). Este aspecto fenomenológico tem a ver com as atitudes subjetivas dos indivíduos em relação à sua inclusão em um grupo étnico potencial. Vale ressaltar ainda que, para Fishman (1977: 25 *apud* Appel & Muysken 1996: 13), a língua constitui o símbolo *par excellence* da etnicidade:

“Language is the recorder of paternity, the expresser of patrimony and the carrier of phenomenology. Any vehicle carrying such as precious freight must come to be viewed as equally precious, as part of the freight, indeed as precious in and of itself.”

Quando pensamos em subjetividade, devemos sempre ter em mente que nossos pensamentos conscientes ou subconscientes nos impulsionam a efetuar determinada operação ou ação. Quando num contexto social a linguagem e cultura dão significado às nossas ações, é através da subjetividade que nossa identidade ganha evidência.

Rosenberg & Weydt (1992: 222) colocam que a identificação ou a manutenção da identidade e etnicidade são processos complexos que envolvem princípios objetivos e subjetivos, ou seja, levam em conta identificações sociopsicológicas. Entende-se por princípios objetivos a representação da identidade a partir de elementos concretos, como a religião, a classe social, os bens culturais e outros. Já os princípios subjetivos representam a identidade através de pensamentos e ações cientes ou inconscientes, racionais ou irracionais com o meio social em que o indivíduo se encontra. De acordo

com este princípio, o indivíduo não é visto somente como integrante do grupo a que pertence, mas pelas suas ações como indivíduo dentro do grupo. Segundo Woodward (2000: 55-6), o “conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade.”

1.4 O papel da língua na definição da identidade: tendências gerais

Como já foi descrito anteriormente, a língua é considerada um dos principais fatores de determinação da identidade de um grupo. Da mesma forma como ocorrem mudanças na identidade de um indivíduo, a língua também sofre mudanças. Algumas delas se dão ao longo do tempo com as inovações no campo científico e tecnológico. Outras são, no entanto, o resultado das constantes migrações, seja de cidade para cidade, seja do campo para a cidade. Com estas mudanças, tanto a língua quanto a identidade sofrem alterações. Com estas alterações, originaram-se novos grupos, surgiram novas identidades, as variedades lingüísticas rumaram em direção às variedades dominantes e, portanto, as variedades dominadas ou minoritárias entraram em desuso. Muitas das variedades minoritárias que ainda sobrevivem são alvo de estigma e preconceito e, em certos casos, ridicularizadas, gerando, dessa forma, conflitos de inclusão ou exclusão.

“...identity is rather a network of identities, reflecting the many commitments, allegiances, loyalties, passions, and hatreds everyone tries to handle in ever-varying compromise strategies. These imply language use to mark group affiliation, to reveal permitted or forbidden boundaries, to exclude or include, etc.” (Tabouret-Keller, 1998: 321)

Nessa rede de identidades, a língua aparece como um elemento constitutivo importante, porém não exclusivo, como já lembramos acima. Acompanham-na nesta função várias outras marcas simbólicas, como danças, trajes típicos, tipos de casas (em enxaimel), clubes, música, entre outros. Isso significa, em certos casos, a possibilidade de abrir mão da língua, uma vez que a expressão da identidade está assegurada por outros ícones.

Willems (1941) descreve a situação de jovens de descendência germânica de Santa Catarina que deixam a casa, no meio rural, para concluírem seus estudos em um seminário, onde a língua portuguesa é predominante.

“El ingreso a un seminario significa para el hijo de un colono, una elevación de nivel social. El se va a preparar para la carrera, a su alcance, de mayor y más duradero prestigio. En el medio originario hablaba la lengua de los colonos, pobre en recursos, ridiculizado si no despreciado, a veces, por los compañeros que no lo entienden. Realizado el cambio, el lenguaje primitivo ya no parece compatible con el nuevo medio. Los rapaces comienzan a avergonarse de su lengua materna. El portugués se convierte en medio de distinción y es requisito imprescindible de la nueva posición”. (Willems 1941: 45).

Como vimos, Willems retrata um caso típico de mudança de identidade associada à troca da variedade lingüística e a mudanças no comportamento diário de cada jovem. Antes, os jovens falavam uma variedade minoritária prestigiada somente no círculo familiar e na comunidade; após entrarem no seminário, esta variedade perdeu o prestígio para a língua dominante, o português. As mudanças lingüísticas observadas são acrescidas de mudanças de hábitos e costumes, bem como do convívio com pessoas diferentes, da submissão a novas regras de vida e outras características que acabam afetando a língua e, conseqüentemente, a identidade dos jovens.

Outro exemplo que ilustra a relação entre língua e identidade é dado por Appel & Muysken (1996: 23), ao mencionarem o caso de um menino turco que vive na Holanda e frequenta aulas ministradas em neerlandês.

“Pero lo que aún es más importante es que, a veces, él no usa el turco para transmitir un mensaje sino para señalar su propia identidad como chico turco que no está de acuerdo con lo que ocurre en la clase holandesa. Al cantar una canción turca, Sançak muestra parte de la cultura turca de la que, por otra parte, parece sentirse bastante orgulloso.”

O exemplo reforça a idéia de que a língua não apenas funciona como instrumento para a comunicação, mas também serve para distinguir um grupo específico de outros. “Las normas e valores culturales del grupo se transmiten por medio de la lengua. Los sentimientos grupales se enfatizan mediante el uso de la lengua propia del grupo, y los miembros que no pertenecen al grupo quedan excluidos de sus transacciones internas.” (Appel & Muysken 1996: 24)

Silva (2000: 81) relaciona a identidade e a diferença a questões de poder. “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder (...) onde existe identidade e diferença, aí está presente o poder”. Historicamente, tal relação tem-se evidenciado em registros de rivalidade entre católicos

e protestantes, como mostram alguns contos do pastor Wilhelm Rotermund (traduzidos por Dreher 1997), Arendt & Silva (2000) descrevem igualmente conflitos de cunho identitário entre descendentes de alemães católicos e protestantes. Muitos conflitos da humanidade, envolvendo aspectos religiosos, étnicos, ideológicos, revestiram-se de forte cunho político, em que o poder sempre falava mais alto. Para Willems (1940: 206), os descendentes de alemães católicos mostram uma tendência maior à substituição do alemão pelo português do que os protestantes. As comunidades da Igreja Evangélica Alemã são, no seu entender (Willems 1940: 234), caracterizadas *mutatis mutandis* pela fusão funcional entre a) vida religiosa propriamente dita (culto, preces, interpretação dos evangelhos, pregação, cerimônias etc.), b) a língua alemã e c) certos costumes, mormente a endogamia (isto é, casamentos só dentro da comunidade evangélica).

1.5 Duas línguas, duas identidades? A identidade e o bilingüismo

Partindo do princípio de que a língua exerce papel fundamental na constituição da identidade, a pergunta que se coloca é “como se dá essa influência”, considerando de modo especial um contexto multilíngüe, onde a identificação pelas línguas em contato é claramente marcada. Pode um indivíduo falante de mais de uma variedade ser detentor de mais de uma identidade? Considerando a definição do conceito de identidade (v. 1.1) e o traço de dinamicidade que a caracteriza, não há outra resposta senão sim. Perguntas como estas, aparentemente simples, exigem, porém, uma análise mais minuciosa do que implica ser bilíngüe e da relação existente entre as línguas em contato. Titone (1993: 12) lembra que o “problema del bilingüismo è tra i più complessi che si possano presentare al lingüista, allo psicólogo, all’antropólogo, all’educatore”. (“O problema do bilingüismo é muito mais complexo do que se pode apresentar ao lingüista, ao psicólogo, ao antropólogo e ao educador.”)

No caso da situação concreta que iremos analisar neste estudo, encontram-se em contato falantes de variedades distintas do alemão e do italiano com o português. Considerando alemão como A e italiano como B, parece óbvio que A seja diferente de B. Contudo, como observa Tabouret-Keller (1998: 324), podemos admitir que, na presença de um traço em comum C (por exemplo, como língua ou grupo minoritário de origem imigrante, em oposição ao luso-brasileiro, nativo) compartilhado por ambos os

grupos étnicos, A seja igual a B, isto compartilhe uma identidade específica, a saber, grupo de imigrantes falantes de uma língua aloglota. Em contrapartida, sendo C igual a traços de semelhança lingüística (português e italiano como línguas românicas em oposição ao alemão como língua germânica sem intercompreensão), além de traços do comportamento, ter-se-á que A se diferencia de B, que ao contrário assume uma identidade maior com D, neste caso o português.

No que tange à questão do bilingüismo, é preciso antes definir o que seja um indivíduo bilíngüe. Na visão de Mackey (1972), o bilingüismo deve ser considerado como um conceito não absoluto, mas relativo, em que importa menos responder se determinado indivíduo é bilíngüe ou não, mas muito mais, “em que medida ou sentido ele é bilíngüe?” Para tanto, cabe considerar na mensuração diversos aspectos do bilingüismo, entre os quais: número de línguas implicadas, tipo de língua usada, influências de uma língua exercidas sobre as outras (influências fonético-fonológicas, semântico-lexicais e estruturais), grau de perfeição quanto ao uso de cada língua, oscilação lingüística durante a vida de uma pessoa, ordem de aprendizagem e, por fim, função social, de acordo com o interlocutor e a situação de uso de cada língua (v. também Weinreich (1970 [1953])). Em outras palavras, Mackey (1972) sugere que a descrição do bilingüismo, diferente de indivíduo para indivíduo, se faça considerando seu grau, função, alternância e interferência.

Mackey propõe evitar a generalização de um conceito que vê o bilingüismo simplesmente como o igual domínio de duas línguas, pressupondo antes graus e tipos de bilíngües distintos. Pensando nas comunidades de imigrantes do sul do Brasil, tem-se como característica predominante que, de modo geral, o uso das línguas minoritárias se restringe à oralidade, sendo a habilidade de escrita reservada ao português. No que se refere à função de cada língua, verifica-se que a língua minoritária aparece essencialmente como língua de uso familiar e intra-étnico. No que se relaciona ao aspecto da interferência, o senso comum costuma identificar essas línguas/variedades minoritárias pejorativamente como “línguas misturadas”, intensamente invandidas por traços do português.

Para medir o grau de bilingüismo, propõem-se duas dimensões de análise: a horizontal, medindo as habilidades escrita e falada para a língua A e B; e a vertical, que mede o grau de proficiência de cada um dos níveis constitutivos da língua como

sistema. A mensuração da função, por sua vez, distingue-se entre função externa, determinada pelas zonas de contato e da variação do uso de cada língua; e funções internas, vinculadas ao falante (p.ex. xingar, sonhar, rezar etc.). A análise da alternância entre as línguas em questão depende, por outro lado, da função da língua e do grau de domínio por parte do falante e de seus ouvintes, na interação. Por fim, para medir o grau de interferência, buscam-se os elementos ou conjuntos de elementos pertencentes a uma língua no ato de falar ou escrever na outra língua.

Todas estas questões resultam em identidades marcadas pela visão e pelo valor simbólico que o próprio bilingüismo assume na comunidade. Pode-se, neste sentido, prever uma identidade (negativa ou positiva) para bilíngües e monolíngües, conforme as condições sociais dos falantes e grupos étnicos com os quais se relaciona. Kielhöfer & Jonekeit (1983: 7-8) fazem um levantamento de conceitos e preconceitos em relação ao bilingüismo e à aquisição de uma segunda língua, presentes na literatura mais antiga sobre o tema.⁵ Dentre esses conceitos e preconceitos, citam-se, por exemplo a idéia subjetiva de que crianças bilíngües não aprendem nem uma nem outra variedade corretamente, ou ainda, que um bilíngüe não sabe quem é, ou seja, não tem raízes nem pátria, ou que um indivíduo bilíngüe possuiria inteligência abaixo da média. Todos estes traços, ou melhor, crenças populares, podem influenciar e até mesmo integrar a identidade de um grupo, levando à inibição ou proibição do uso de mais de uma variedade. No pólo oposto, encontram-se atitudes positivas, por exemplo a suposição de que as crianças bilíngües seriam mais inteligentes que as monolíngües, ou de que um bilíngüe adquire uma segunda língua brincando, ao contrário de outras crianças que, só com muito esforço a aprenderiam na escola.

1.6 Estudos realizados

Existem muito poucos estudos que tratam especificamente de aspectos da identidade no uso da língua pelos diversos grupos de imigrantes presentes no Brasil. A maioria dos estudos lingüísticos ocupa-se com a influência do português no uso e na estrutura das línguas minoritárias faladas por esses grupos. E o estabelecimento, no

⁵ “Freqüentemente, o bilingüismo é tomado como responsável por fatos (positivos ou negativos) que, basicamente, não têm a ver com ele. Em suma, têm a ver com preconceitos.”

Brasil, de uma área de pesquisa plenamente instaurada e visível de “estudos de bilingüismo e línguas em contato” ainda está por se consolidar (Altenhofen 2004). No âmbito da sociolingüística, onde se encontram as potencialidades maiores de estudo do multilingüismo, o “número de projetos na área de contato de línguas de imigrantes tem diminuído na última década” (Vandresen 2003: 26), embora sem interromper o fluxo de dissertações e teses. Considerando porém a representatividade do bilingüismo no contexto geográfico e social do sul do Brasil, são enormes as lacunas a preencher e inúmeras, as tarefas que a realidade coloca à pesquisa.

As razões para tantas lacunas na pesquisa são diversas. Uma delas deriva das próprias dificuldades de formação de uma classe de pesquisadores/lingüistas especializada para essa tarefa. Grande parte dos estudos ocorre em áreas afins, vizinhas à lingüística, como antropologia, sociologia e, sobretudo, história. Tal pode ser visto através da evolução dos estudos do contato alemão-português, que Altenhofen (1996: 30) divide em quatro fases:

Fase 1 (até fim dos anos 60): envolve a pesquisa sobre a aculturação e a “mistura lingüística”, abordando sobretudo os empréstimos lingüísticos do português nas línguas de imigrantes, concebidas como línguas “misturadas”. É conduzida sobretudo por antropólogos e sociólogos, como Oberacker Jr. (1957), Schaden (1956), Willems (1940; 1941; 1980 [1946]), além do estudo de Fausel (1959), que aparece como uma espécie de paradigma para toda essa fase.

Fase 2 (fim dos anos 60 até meados dos anos 70): representa um intermédio crítico que busca um tratamento de questões negligenciadas pela pesquisa centrada apenas na influência do português, sobretudo traços dialetais trazidos pelos imigrantes de sua matriz de origem. É o caso dos estudos de Koch (1974a; 1974b) e Vandresen (1970). Do lado do italiano como língua minoritária, citem-se Bonatti (1974), Bunse (1975) e Frosi & Mioranza (1983). Grande impulso é dado aos estudos etnográficos, como o de Bunse (1978), sobre o vinhateiro, e o de Koch (1970), sobre a moenda de cana-de-açúcar nas colônias alemãs. O léxico analisado não é mais constituído apenas de empréstimos do português, mas essencialmente da variedade dialetal falada pela população rural de descendentes dessas etnias.

Fase 3 (a partir da segunda metade dos anos 70): com os novos impulsos trazidos da sociolinguística, começou-se a dar atenção especial ao bilingüismo e à interferência linguística, este um tema comum em dissertações e teses, como em Damke (1988) e Bisol (1975). Do lado italiano, segue-se uma série de estudos culturais (etnográficos), ligados a costumes e tradições presentes nas colônias italianas (p.ex. Battistel & Costa 1983; Costa 1986; Posenato 1983; 1987).

Fase 4 (recentes tendências): a partir de 1995, surgiram diversos estudos de maior fôlego e sistematização teórica, entre os quais Altenhofen (1996), Damke (1997), Tornquist (1997) e Ziegler (1996).

Com a intenção de analisar a variação na variedade do Hunsrückisch no RS, apresenta-se o estudo de Altenhofen (1996), com um total de 10 pontos levantados entre as colônias novas e velhas. O corpus levantado atesta que o Hunsrückisch não constitui uma coine uniforme e homogênea; pelo contrário revela uma variação interna significativa influenciada pelo contato com migrantes alemães falantes de outras variedades assim como pelo contato com imigrantes falantes, por exemplo, de polonês e italiano e, sem esquecer, do contato com a língua dominante no Brasil, o português. Ziegler (1996) prognosticou em seu estudo que o abandono da variedade minoritária tem forte influência com o aumento da urbanização. Por sinal, Damke (1988), em sua pesquisa sobre interferência, uso e atitudes linguísticas, no povoado Ipê, em São Paulo das Missões, encontra resultados semelhantes aos de Ziegler.

O tema da identidade só aos poucos vem ganhando atenção expressa nos estudos. Altenhofen (1990), em seu estudo sobre a aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul, observa a duplicidade de sentido da alternância de código entre falantes bilíngües alemão-português, entre a função de solidariedade ao grupo (*language loyalty*) e a função de mostrar a proficiência na língua oficial, o português. Sambaquy-Wallner (1998) focaliza igualmente a influência das redes de comunicação sobre o alemão falado no município de São José do Hortêncio e constata que “quanto mais jovem for o informante e quanto mais aberta sua rede social, maior o número de troca de código desse tipo.” Na interpretação de Sambaquy-Wallner (1998: 108), isso significaria que “jovens e membros de redes sociais abertas se identificam mais intensamente com a sociedade brasileira.” Recentemente, Anton

(2001) mostra o significado da máquina de costura, ou mais especificamente, de objetos do lar como elementos constitutivos da identidade étnica dos teuto-brasileiros. Sua pesquisa leva em consideração dados coletados em Harmonia e Nova Petrópolis. Confortin (2001) segue a mesma trilha, analisando a simbologia desses objetos no mundo doméstico do imigrante italiano. A integração da língua com diferentes conceitos culturais é também o tema do estudo de Tornquist (1997), que vê na mãe e, por extensão, na mulher um papel fundamental na difusão da cultura e língua materna da etnia.

Do lado italiano, Frosi (1998) coloca que a língua, ou as variedades lingüísticas de descendentes de italianos, passaram por quatro períodos distintos, desde a vinda dos primeiros imigrantes em 1875 ao Rio Grande do Sul. No primeiro período, o da colonização e desbravamento da mata, a etnolingüística não foi levada em conta. Este período foi marcado por um processo de aculturação e integração dentro da comunidade italiana, sem contato com a comunidade brasileira. O segundo período inicia com a inauguração, em 1910, da estrada de ferro ligando Caxias do Sul a Porto Alegre. Este período seria marcado pela comercialização e industrialização dos produtos agrícolas. Também é neste período que surge uma fala comum entre as variedades, uma *coiné*. Outro fato que marcou este período é a proibição do uso das variedades lingüísticas dos imigrantes por parte do Estado. Veja-se igualmente Payer (2001). Com isso, as variedades minoritárias perderam em valor social e prestígio enquanto que a língua portuguesa começou a ter mais força. O terceiro período deu início, na década de 1950, com a diversificação industrial. Este período foi marcado por diversas migrações internas, difundindo a *coiné* de origem vêneta. A partir desta data, o domínio de uma língua de prestígio significava a conquista de um melhor emprego, ascensão social e econômica. Também o preconceito e o estigma rotularam as variedades minoritárias. Enquanto isso, o português se expandia pelas colônias, ficando o aprendizado da variedade minoritária a cargo da família. No quarto período, apesar da grande maioria não falar mais a variedade italiana, ainda existe uma afinidade quanto à identificação lingüística em relação a ela. Frosi (1998) observa um crescimento do interesse na preservação das variedades lingüísticas vinculado ao aumento da transmissão de programas de rádio nas variedades locais.

Bonatti (1974) aborda, por exemplo, a aculturação lingüística, tomando como base a comunidade rural de Pomeranos (SC). Neste estudo, procura-se determinar as múltiplas influências da cultura e do ambiente sobre a vida da língua em paralelo às transformações internas do sistema lingüístico. Ele aponta influências tanto do português como de variedades do alemão em contato com a variedade trentina falada em Pomeranos. Da mesma forma, o autor aponta semelhanças e diferenças entre a variedade trentina falada no sul do Brasil, especificamente em Pomeranos, com a variedade falada em Trento, na Itália.

Dentre os poucos estudos do imigrante cidadão, Constantino (1991) apresenta um quadro dos traços fundamentais da identidade étnica do italiano moranês, na cidade de Porto Alegre. Dentre esses traços, aponta a língua, a união entre os descendentes de moraneses (casamentos endogâmicos), o estilo de vida ao qual eles se acomodaram e, principalmente, a ligação com a cidade de Morano Calabro, na Itália. Trata-se porém de um estudo não-lingüístico, mas sim de cunho mais histórico-antropológico. É o caso também de Seyferth (1994) para os imigrantes alemães.

Entre os demais estudos, predomina a análise e “defesa” do *talian* como variedade nova originada do contato do ítalo-brasileiro com o português brasileiro. Citem-se Oro (1996) e Posenato (1999). Via de regra, estes trabalhos servem para mostrar uma interrelação muito forte entre a variedade de imigrantes e a identidade étnica dos descendentes de falantes dessa variedade (*talianità*, expressa na frase “*Mi son talian, grassìè a Dio*”). Essa identificação com o *talian* parece estar conduzindo a uma revitalização da língua e da cultura no interior do grupo étnico.

Enfim, apesar desses estudos, muitos deles no âmbito da sociolingüística, enfocando variação e contato lingüístico, ainda permanecem lacunas enormes que carecem ser pesquisadas mais a fundo. Dentre estas pode-se citar questões que envolvem a linguagem e o meio social, como por exemplo, a função da língua na construção da identidade em meios plurilíngües e para as quais se espera poder contribuir através desta pesquisa.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Implicações metodológicas dos objetivos do estudo

Conforme expusemos na introdução, faz parte do objetivo central desta pesquisa descrever as interrelações entre língua e identidade em um contexto plurilíngüe português-alemão-italiano específico, representado pela comunidade de Imigrante, no Rio Grande do Sul, Brasil. A pergunta que orientou a pesquisa, na comunidade escolhida, é como se dá essa interrelação entre língua e identidade no contato entre dois grupos de fala contrastantes, germânico e românico, e ao mesmo tempo semelhantes, na medida em que compartilham o traço em comum de grupo minoritário falante de uma variedade dialetal aloglota oriunda da imigração a partir do século XIX. Tal objetivo envolveu quatro pontos essenciais: em primeiro lugar, pretendeu-se verificar o papel da língua na constituição de padrões de identidade, bem como se varia entre um grupo étnico e outro. Em segundo lugar, pretendeu-se analisar a hipótese de uma identidade múltipla dos diferentes grupos étnicos e sociais em contato na comunidade e descrever os condicionadores dessa multiplicidade (situação, prestígio/estigmatização, duplicidade de comportamento). Em terceiro lugar, buscou-se reconhecer padrões identitários entre os diferentes grupos de falantes da comunidade, descrevendo meios e mecanismos de expressão/manifestação da identidade étnica no comportamento lingüístico dos falantes. E, por fim, objetivou-se reunir exemplos que atestam, no sentido inverso, o papel da identidade no comportamento lingüístico dos falantes da comunidade.

Para responder a estas perguntas procedeu-se a um levantamento de dados que seguiu aos seguintes procedimentos básicos: observação participante, conversa semi-dirigida e entrevista mediante aplicação de um questionário. A pesquisa de campo orientou-se pela metodologia de análise qualitativa e quantitativa dos dados, conforme será explicado a seguir.

2.2 Metodologia de pesquisa qualitativa e quantitativa

O levantamento e análise dos dados deste estudo estão baseados na metodologia de pesquisa qualitativa e quantitativa no sentido amplo. A rigor, este tipo de metodologia parece-nos o mais apropriado para os objetivos fixados, devido justamente às especificidades de nosso objeto de estudo, apresentadas no cap. 1. Existem várias possibilidades metodológicas viáveis para se fazer um estudo qualitativo e quantitativo. Dentre elas, opta-se pelo estudo dos dados sob a visão real das “coisas”, ou seja, dos fatos, como eles acontecem no mundo e como estão dispostos e/ou inseridos em determinados contextos.

A pesquisa qualitativa tem como base a visão de mundo através dos “olhos do meu informante”. Isso significa que o pesquisador registra o fato no meio natural em que ocorre, observa ações humanas e procura interpretá-las, a partir do ponto de vista das pessoas que praticam as ações (Jung 2003: 86). Trata-se, segundo Mason (1996 *apud* Jung 2003: 85-6), de gerar dados procurando apresentar o sentido êmico dos fatos, ou seja, aproximar-se da perspectiva que os participantes têm dos fatos, mesmo que não possam articulá-la. Assim sendo, todo o processo é interpretativo.

Erickson (1989) define a pesquisa interpretativa (qualitativa) como uma investigação que é *deliberadamente* interpretativa, já que toda forma de investigação é interpretativa, mesmo que se apresente como “objetiva” e neutra em relação ao ponto de vista do pesquisador. Uma característica da pesquisa qualitativa é a busca da articulação de conhecimento particular, articulando a visão do que são os participantes. Em outras palavras, é a busca da visão do participante. Na pesquisa qualitativa, há uma busca constante de universais concretos, não abstratos, isto é, o que interessa ver neste método de pesquisa é aquela mulher que possui 2, 3 ou 5 filhos e não ficar na “visão aérea” de que é 1,75 filhos por mulher.

As pesquisas qualitativas envolvem trabalho de campo – sem laboratório. O pesquisador deve ser completo e reflexivo no ato de perceber/captar e descrever o que o participante quer dizer com isso. “De acordo com o princípio da reflexividade, o pesquisador precisa estar em constante processo de reflexão a respeito do seu lugar social na pesquisa e do lugar social dos participantes. Identificar a sua posição ontológica diante das questões em análise na comunidade investigada é de fundamental importância para apresentar os fatos, segundo o ponto de vista dos participantes.” (Jung

2003: 86) Dito em outras palavras, o entrevistador deve apresentar a “visão” do entrevistado, do participante.

Através da pesquisa quantitativa visa-se buscar a representatividade dos dados através da quantidade de informantes, ou seja, quanto maior o número de informações, melhores serão os resultados.

Na coleta de dados, optou-se por entrevistas informais, aplicação de um questionário e registros em áudio, além da observação participante em pontos isolados dos dois núcleos em questão. Durante o levantamento de dados, uma ferramenta de muita valia foi o diário de campo. Neste foram registrados fatos não captados pelo gravador na hora da entrevista ou fatos presenciados durante a observação participante, bem como comentários que davam pistas aos propósitos desta pesquisa.

Através da entrevista, são coletados dados cruciais focando a visão do entrevistado sobre a maneira como os fatos relativos ao objeto de estudo acontecem no seu mundo. Esta visão limita-se a três pontos; um ponto que a pessoa acha que faz, outro que ela acha que é ideal fazer e o terceiro ponto que ela realmente faz. Na pesquisa qualitativa, o que interessa é o modo pelo qual os informantes expressam suas idéias, e não a substância que ele quer dizer. Enfim, o que se quer na entrevista qualitativa é, justamente, contrapor os outros a nós.

Com a aplicação do questionário, o informante foi induzido a falar especificamente sobre questões que o levassem a revelar sua identidade étnica e lingüística. Durante a entrevista, o informante ficava livre para divagar sobre a questão, ou seja, ele recebia toda a autonomia para se expressar sobre a questão. Mais detalhes sobre a elaboração dos instrumentos de coleta dos dados são colocados mais adiante (v. 2.5).

2.3 Descrição da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de Imigrante

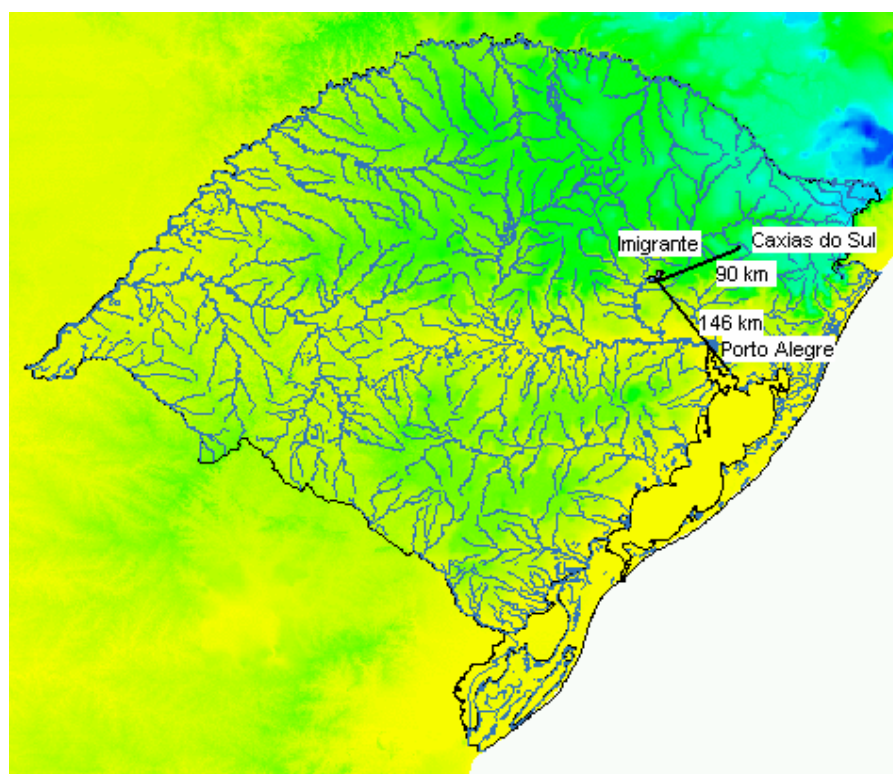
Uma visão geral sobre a localização geográfica e a ocupação territorial da área escolhida para este estudo mostra já uma delimitação fundamental. Localizado no Vale do Taquari, a 146 km de Porto Alegre, Imigrante situa-se em uma fronteira entre duas grandes áreas dominadas respectivamente pelos grupos étnicos alemão (mais ao sul) e italiano (mais ao norte). Por esta razão, centramos a pesquisa em dois núcleos, a sede de Imigrante e o bairro de Daltro Filho, identificados respectivamente pelo predomínio da

etnia alemã e italiana. Isto é, a cada um desses núcleos é atribuída uma identidade territorial, equivalente a [+alemão] ou [+italiano]. A sede de Imigrante, ocupada essencialmente por representantes da etnia alemã, sobretudo falantes de uma variedade do Hunsrückisch (tipo mais próximo do alemão-padrão, segundo a tipologia apresentada por Altenhofen 1996, mapa 6), centraliza a administração municipal e vários outros serviços e instituições (banco, cartório, escola de ensino médio). Daltro Filho, único bairro do município, ocupa uma posição lateral e periférica, acentuada por sua diferença étnica, isto é, caracteriza-se como “a área dos italianos (ou gringos)”.

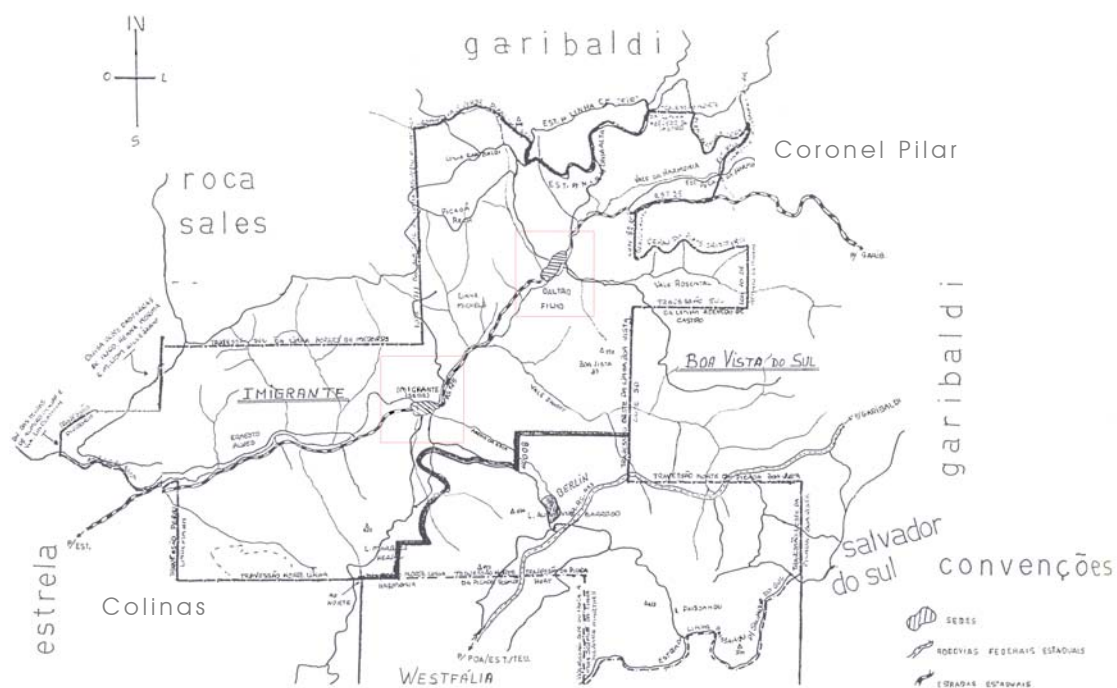
Vale ressaltar o papel da ordem de chegada dos respectivos grupos de imigrantes. Como primeiro grupo a se instalar (a partir de 1859) na área englobada pela atual sede de Imigrante, o grupo étnico alemão aproveita certas vantagens, além de instaurar as bases de domínio do espaço geográfico e social da localidade. Os italianos viriam apenas cerca de vinte anos depois, por volta de 1880, em uma estrutura em parte já consolidada pelos alemães. Além disso, tiveram que ocupar as áreas mais montanhosas, que ainda restavam. Costuma-se dizer que, ao longo do tempo, “os italianos foram se projetando morro abaixo, e os alemães avançaram morro acima”.

A extensão territorial do município, desmembrado dos municípios de Garibaldi e Estrela em 1988, é de 75,42 km², dividida em doze localidades, incluindo-se nestas a sede Imigrante e o bairro Daltro Filho. Imigrante faz divisa com os municípios de Coronel Pilar e Garibaldi ao norte, Boa Vista do Sul a leste, Westfália e Teutônia ao sul e Colinas e Roca Sales a oeste (v. mapas 1 e 2 abaixo). Vale ressaltar que, do mesmo modo que Imigrante, também esses municípios vizinhos apresentam alto índice de falantes bilíngües. Não é portanto por acaso que, após a sua emancipação, se tenha denominado o novo município de Imigrante. Na verdade, o topônimo, assim como no caso de Westfália e Teutônia, já aponta para uma identidade étnica da região, fortemente identificada pela presença de populações originárias da imigração alemã (e italiana).

Segundo dados do IBGE (Censo 2000), 68,2% da população imigrantense reside na zona rural, o que confirma que grande parte da economia do município está voltada para a agricultura, pecuária e à criação de frangos e suínos. A economia de Imigrante também é aquecida pelas várias indústrias que se instalaram no município ao longo dos anos. Dentre estas destacam-se as do ramo da metalurgia, confecções e têxtil, além das indústrias moveleira, de tecnologia, saboaria, fábrica de cosméticos, laticínios e outras.



Mapa 1 - Localização geográfica de Imigrante, no Rio Grande do Sul (<http://www.geolivres.gov.br/>)



Mapa 2 - Município de Imigrante com suas divisas e localização da sede Imigrante e do bairro Daltro Filho

Vale ressaltar que a grande maioria da população que hoje mora nos dois núcleos, são ex-agricultores ou descendentes de agricultores. Esta mudança do campo para a cidade correu devido ao crescimento da industrialização a partir dos anos 60. A procura de uma estabilidade financeira, que não dependesse das condições climáticas nem da variação dos preços das mercadorias e dos baixos rendimentos obtidos na agricultura, fez com que muitos agricultores abandonassem o cultivo da terra e se transferissem para a sede ou o bairro do município.

A ocupação demográfica acompanha o número de indústrias existentes em cada núcleo. Quanto mais industrializada a área, maior sua população. Em outras palavras, podemos dizer que Imigrante apresenta um número maior de habitantes, não somente por ser a sede do município, mas também, por concentrar um maior número de indústrias que necessitam de mão de obra. Daltro Filho também possui indústrias, mas pode ser considerada uma comunidade com boa parte da sua economia voltada para a agricultura, pecuária, suinocultura e avicultura.

A existência de uma linha de ônibus com quatro saídas diárias de Daltro Filho, passando pela sede de Imigrante e tendo como destino a cidade de Estrela, com posterior retorno, facilita o deslocamento da população. A linha de ônibus propicia desde algum tempo o contato entre os dois núcleos, assim como dos núcleos com outras localidades e cidades nos arredores. Existe também uma linha de ônibus no sentido contrário, com saída pela manhã e retorno à noite, em direção a Bento Gonçalves, passando por Garibaldi. Além do ônibus de linha, existem ainda os chamados “ônibus das firmas” e o “ônibus escolar”, que são contratados por empresas e prefeitura para recolher funcionários e alunos da rede estadual e municipal de ensino. Ainda, para as pessoas que se localizam em áreas mais longínquas, de difícil acesso, que não possuem carro próprio, existem os chamados táxi-lotação.

Hoje, o telefone encontra-se amplamente difundido na área em estudo. Embora muitas pessoas disponham de telefone celular, o mesmo não alcança o sinal necessário para a realização de chamadas. Isto se dá em função da distância de uma torre de retransmissão e principalmente pela localização entre morros que impossibilita a recepção das ondas de transmissão. Existem em Daltro Filho, além dos telefones convencionais normais, as chamadas centrais telefônicas com sistema de ramal.

Além do telefone, outro meio de comunicação bastante usado é o rádio. É através do rádio que os imigrantenses são informados sobre eventos sociais e culturais do município e da região, assim como noticiários do sindicato rural, da prefeitura, notas de falecimento, convites para cultos e missas, jogos de futebol, bocha, cartas, bolão e muitas outras atividades. As principais emissoras de rádio são a Rádio Independente de Lajeado, Rádio Alto Taquari de Estrela e a Popular de Teutônia. Além destas, a partir de setembro de 2003, começou a ir ao ar a programação da rádio comunitária Paradigma 98.1 FM, transmitindo informações exclusivamente do município de Imigrante. Todas as emissoras acima dispõem de programas com locutores bilíngües que fazem menções em língua alemã. Somente a Rádio Popular oferece oficialmente um programa totalmente transmitido em língua alemã, aos domingos pela manhã. No que diz respeito ao italiano, há uma programação quinzenal na rádio Paradigma, mas, infelizmente, toda a programação é feita em língua portuguesa, restringindo-se o programa somente às músicas italianas. Diante desse quadro, não se pode negar a função do rádio na manutenção e vitalização da identidade étnica dos grupos em contato na região.

Ainda na área de comunicação, existe no município a circulação de vários jornais. Dentre eles se destacam o jornal Correio do Povo e Zero Hora, com informações regionais, do estado, país e mundo; Folha Popular com informações da região do Vale do Taquari e jornal Imagem, editado em Imigrante, que traz informações exclusivamente dos municípios de Imigrante e Colinas. Muito raramente aparecem colunas ou publicações em língua alemã ou italiana nos jornais locais acima citados.

A partir da observação participante, foi possível constatar que o fluxo de pessoas em direção à sede, núcleo alemão, é muito maior que da sede para o bairro, núcleo italiano. São vários os motivos pelos quais esse fluxo é maior para a sede do município. Dentre esses, estão a existência de duas agências bancárias (BANRISUL e BRADESCO), sede do hospital e posto de saúde, sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Imigrante, que oferece sementes e insumos para as lavouras, sede da prefeitura, sede paroquial da Igreja Luterana, além dos vários estabelecimentos comerciais que vão desde bares, supermercados a lojas de móveis, roupas, calçados, materiais de construção e suprimentos de informática.

Na área em estudo, existem duas escolas, uma em cada localidade-núcleo, porém, somente a escola da sede (Imigrante) possui o ensino médio, a outra oferece

apenas o ensino fundamental. Isto obriga o deslocamento dos alunos todas as noites até Imigrante para concluírem o ensino médio. Nesta escola, encontram-se alunos das duas comunidades-núcleo. Esta junção ou mescla de alunos propicia um forte contato entre as etnias e entre os dois núcleos existentes, não só entre os alunos, como também entre suas famílias. O contato se dá principalmente quando são feitas as reuniões com pais dos alunos e quando os alunos se visitam para fazer trabalhos ou praticar esportes. Vale ressaltar que somente a escola de Daltro Filho oferece aulas de Língua Alemã e Italiana. Tal se deve à burocracia que, nas escolas estaduais (caso da sede de Imigrante), dificulta a implantação de ensino de línguas estrangeiras modernas distintas do inglês e do espanhol. Este problema é mais facilmente contornado na rede escolar sob jurisdição do município (caso de Daltro Filho).

Quanto à variável religião, predominam na área em estudo as confissões católica e luterana (IECLB). Como já foi mencionado acima, a igreja luterana tem sede em Imigrante, no núcleo alemão. A confissão católica tem sede em Daltro Filho, no núcleo italiano, além de uma pequena igreja em Imigrante. Há também, em Daltro Filho, um seminário (São Boa Ventura) e um convento, ambos pertencentes à congregação Franciscana. Atualmente, estes não estão em atividade, abrindo somente para seminários e eventos da comunidade em geral.

São várias as instituições culturais e sociais na área em estudo. Dentre elas, destaco os grupos de canto coral, grupos de danças alemãs, grupos de bolão, times de futebol de campo e salão, grupos de senhoras (OASE), sindicato (STR), grupos da terceira idade, sociedades evangélica e católica e outras mais. Trata-se de instituições que direta ou indiretamente atuam sobre os diversos movimentos de construção e desconstrução da identidade dos membros da comunidade.

Neste particular, destacam-se os grupos de canto coral, os quais são incentivados pelo município, recebendo subsídios para sua manutenção. Há nos dois núcleos em estudo um total de quatro grupos de canto coral, fato que chama a atenção de quem vem de fora. Destes quatro grupos três têm sede em Imigrante, e um em Daltro Filho. Todos os quatro grupos são mistos, isto é, reúnem representantes de ambas as etnias. Como é de se esperar, o grupo que compõe o coral de Daltro Filho possui o maior número de descendentes de italianos. No grupo de danças alemãs, composto por

doze pares, verifica-se a presença de quatro pares de descendentes de italianos e oito pares de descendentes de alemães.

Outro tipo de interação importante na vida social e cultural da comunidade são os grupos de bolão. Para se ter uma idéia da sua importância local, estes grupos têm horários de jogos fixos e estão assim divididos: segundas feiras à noite, jogam os grupos de senhoras; às terças-feiras, os grupos de casais; nas quartas-feiras, os jovens iniciantes e o grupo da terceira idade; às quintas-feiras é a vez dos homens veteranos; e nas sextas-feiras jogam os casais; aos sábados e domingos, geralmente são disputados campeonatos e torneios tanto municipais, quanto regionais. Tais formas de agremiação criam redes de comunicação que conduzem a um contato relativamente intenso entre italianos e alemães. Como no caso dos corais, também têm por característica o fato de serem mistos quanto à origem étnica de seus integrantes.

Semelhante comportamento pode ser observado no âmbito do futebol que, localmente, recebe o incentivo da prefeitura e de empresas. Existem times masculinos e femininos, que participam de campeonatos municipais, como também, de campeonatos da região do Vale do Taquari. As torcidas são formadas por pessoas de todas as idades, etnias e credos da comunidade. Vale ressaltar que, os integrantes destes grupos originam-se dos mais diversos extratos sociais, desde operários de empresas, trabalhadores liberais, agricultores, até comerciantes, professores, chefes de setores e empresários. Naquele momento cultural, todos são vistos como “uma grande família”.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), em trabalho conjunto com a EMATER (Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica de Extensão Rural), exerce igualmente um papel relevante às necessidades básicas dos membros da comunidade. Além de incentivarem e lutarem pelo homem do campo (identidade social pautada no grupo agricultor), organizam palestras reunindo as comunidades e trazendo informações de interesse para os produtores. Nesses eventos sociais, geralmente ocorrem trocas de experiências, colocando em contato culturas e grupos sociais distintos. Não me refiro somente às trocas de informações entre agricultor e palestrante, mas também entre agricultores das duas etnias predominantes.

Em síntese, o perfil que se tem da comunidade plurilíngüe pesquisada dá já uma noção da dimensão que o problema das inter-relações entre língua e identidade étnica assume nessa mesma comunidade. Alguns pontos já apontaram para categorias

simbólicas relevantes, tais como a identidade territorial que associa os dois núcleos escolhidos a falantes de uma língua minoritária e outra, a identidade étnica como membro do grupo étnico alemão, italiano ou luso ($A \neq B \neq D$), ou ainda como membro do grupo étnico imigrante, que compartilha traços culturais e históricos semelhantes ($A = B \neq D$). Como se pôde perceber, tais identidades aparecem integradas em diversos eventos e subgrupos de atividades sociais e culturais, os quais contribuem para uma rede de comunicações que coloca em contato os membros dos diferentes grupos étnicos.

2.4 Escolha dos informantes

A escolha dos informantes obedeceu a um duplo critério: segue o conceito de Conzen (1990 *apud* Constantino 1991: 147), de que “a identidade se repotencia no território do outro” e, de outro lado, é reforçada pelo pressuposto de Thun (1996: 211) de que “é preciso considerar os movimentos no espaço como uma característica fundamental dos falantes” na definição das relações sociais de uso da língua. O tipo de falante sedentário, ou topostático, no dizer de Thun, é raro, comparado com o tipo topodinâmico, considerando tanto uma mobilidade relativa, quanto uma mobilidade diária que contrasta, por exemplo, um comerciante ou operário de uma fábrica e um migrante que muda de lugar, em busca de melhores condições de vida e de trabalho. A partir destes conceitos, e buscando garantir a representatividade dos dados para os objetivos fixados, consideraram-se as seguintes variáveis/dimensões na escolha dos informantes:

- a) localização geográfica: o informante devia, preferencialmente, ser nascido no município de Imigrante e residir em uma das duas áreas envolvidas: a sede de Imigrante, dominada essencialmente pelo grupo étnico alemão, e o bairro Daltro Filho, distante 5 Km da sede e colonizado majoritariamente pelo elemento italiano. Face a esta identidade territorial de ambos os núcleos da pesquisa, os informantes em Imigrante (sede) serão essencialmente descendentes de alemães; em Daltro Filho, foram escolhidos informantes da etnia italiana.
- b) faixa etária: os informantes foram divididos em duas faixas etárias: geração I dos velhos (idade entre 45 e 60 anos), e geração II, dos jovens (idade entre 16 e 30 anos);
- c) gênero: homem e mulher;

d) classe social: classes A e B, considerando os quesitos economia, profissão e grau de instrução.

Para cada variável/dimensão, procurou-se inquirir o máximo possível de informantes que, novamente, garantisse a representatividade dos dados e que fosse exequível dentro das condições de realização da pesquisa. Deste modo, alcançou-se um total de 24 indivíduos, sendo 12 em cada localidade investigada. Desses 12, inquiriu-se 6 jovens e 6 velhos em cada núcleo, sendo em cada núcleo 3 homens e 3 mulheres jovens e 3 homens e 3 mulheres velhas. Independente de gênero e idade, inquiriu-se 12 informantes em cada localidade, sendo 6 da classe A (com estudo, profissionais liberais e maior poder aquisitivo) e 6 da classe B (operários com pouco estudo e menor poder aquisitivo). Esquematizando, obteve-se a seguinte matriz de informantes:

ÁREA GEOGRÁFICA	IDADE	GÊNERO*	CLASSE SOCIAL** (escolha independente de gênero e idade)
ponto bilíngüe alemão-português: IMIGRANTE (12 informantes)	GI (velhos) (06 informantes)	Homens (03 informantes)	Classe A (06 informantes)
		Mulheres (03 informantes)	
	GII (jovens) (06 informantes)	Homens (03 informantes)	Classe B (06 informantes)
		Mulheres (03 informantes)	
ponto bilíngüe italiano -português: DALTRO FILHO (12 informantes)	GI (velhos) (06 informantes)	Homens (03 informantes)	Classe A (06 informantes)
		Mulheres (03 informantes)	
	GII (jovens) (06 informantes)	Homens (03 informantes)	Classe B (06 Informantes)
		Mulheres (03 informantes)	

(*) Se considerarmos os gêneros masculino e feminino em cada geração de informantes, chegamos, conforme o quadro, a três informantes. Elevar esse número implicaria duplicar o número de informantes para cada geração, o que se encontra fora das possibilidades da pesquisa no atual estágio, pois sobrecarregaria excessivamente o trabalho, colocando em risco a sua exequibilidade. Por outro lado, se desconsiderarmos a idade dos informantes, podemos somar os homens e mulheres de cada geração e chegamos a um total de seis informantes para cada gênero, número que garante uma representatividade maior dos dados. A diferenciação por idade em cada gênero serve, então, pelo menos para confirmar uma tendência ou apontar contrastes entre homens e mulheres das duas gerações distintas.

(**) Para garantir os mesmos informantes para a variação diageracional e diagenérica, é preciso que, dos seis informantes de cada geração, três sejam homens e três mulheres. Do mesmo modo, para utilizar 100% dos mesmos informantes para a análise da variação de comportamento entre uma classe social e outra, seria necessário que três de cada geração, em cada localidade, fossem de um gênero e três do outro. Na medida do possível, procurar-se-á utilizar esses informantes. Contudo, na falta do número de três informantes de cada classe em cada gênero, o número de seis informantes será complementado com a escolha de informantes suplementares que contenham o perfil exigido.

Todos os informantes receberam um código, visando proteger suas identidades, segundo princípios éticos de pesquisa científica, bem como para facilitar a posterior análise dos dados. Neste sentido, optou-se por adotar o seguinte código, ou melhor, a seguinte nomenclatura: para designar o núcleo de origem do indivíduo, tomou-se a letra inicial do núcleo (I ou D); em seguida, o número do informante – de um a seis, dividido pelo fator gênero; em terceiro, o gênero do informante especificado pelas letras “m” (masculino) e “f” (feminino). Em quarto lugar, descreve-se a origem étnica do informante, especificando se o mesmo é de descendência alemã ou italiana. Em seguida, considera-se a religião, luterana (lut) ou católica (cat), seguida do fator faixa etária (GI ou GII) e, por fim, a definição da classe social do indivíduo (Ca ou Cb). Fica então assim visualizada a nomenclatura acima descrita: I-1-m-ale-lut-GI-Cb, ou seja, o indivíduo aqui descrito é do núcleo de Imigrante, é o primeiro informante masculino, de descendência alemã, luterano, pertencente à primeira geração (mais de 45 anos), e membro da classe social “b”.

Cabe enfatizar, por fim, que devemos ver os informantes como participantes da pesquisa e não como “o vizinho”, “o professor” ou “o funcionário público”, lembrando novamente que, na pesquisa qualitativa, procuramos registrar a “perspectiva que os participantes têm dos fatos, mesmo que não possam articulá-la.”

2.5 Instrumentos de coleta dos dados

A coleta dos dados obedeceu a três procedimentos básicos: observação participante, conversa semi-dirigida e entrevista com uso de questionário. No contato inicial com os membros das comunidades escolhidas para a pesquisa, deu-se ênfase na observação participante ao número mais amplo e diversificado possível de contextos e situações sociais, incluindo desde a observação em mercados, barbearias, oficinas mecânicas, igrejas, reuniões do sindicato dos trabalhadores rurais, posto de saúde, reuniões das escolas, agência de correios, prefeitura, eventos comemorativos nos dois núcleos e, até mesmo, visitas a cemitérios (católico e evangélico). Tal procedimento foi complementado com conversas semi-dirigidas com líderes comunitários (pastor, padres e freis, irmãs, professores e diretores das escolas, presidente do sindicato, prefeito, secretários administrativos, donos de empresas e profissionais liberais). Estas conversas

renderam dados importantes não só sobre o mapeamento territorial e social do contato entre as línguas e os respectivos falantes nos dois núcleos, como também sobre fatores sociais diversos e suas influências no meio lingüístico destas comunidades.

Com base nos dados registrados a partir da observação participante e das conversas semi-dirigidas, elaborou-se um questionário (ver em anexo) visando à coleta sistemática de dados específicos ligados aos objetivos da pesquisa. Tal questionário foi dividido em cinco partes, a saber: 1) levantamento de dados a partir do bilingüismo dos entrevistados; 2) identidade dos informantes através de dados descritivos, ou seja, como eles se vêem e como acham que os outros os vêem; 3) identificação através de padrões identitários, pelos quais se distinguem descendentes de alemães, italianos ou luso-brasileiros, bem como a existência de preconceitos lingüísticos; 4) definição do papel da língua na constituição da identidade e relação da língua com outros ícones da cultura na constituição da identidade; 5) por fim, papel da identidade no comportamento lingüístico. Neste ponto, foram tomados os exemplos, na estrutura de superfície, ou seja, considerando a variação lingüística que distingue os diferentes informantes quanto às variáveis sociais, de gênero e de faixa etária, além da variação diatópica (Imigrante e Daltro Filho) que envolve as etnias alemã e italiana. Este questionário serviu como principal instrumento para confirmar hipóteses sobre o papel da língua na expressão da identidade de cada grupo étnico em contato e sua manifestação nas relações sociais, culturais e econômicas intra- e entre-grupos.

Através das observações, pretendeu-se entre outras coisas minimizar o efeito de estranhamento entre o pesquisador forasteiro e os indivíduos nativos da comunidade e criar, desta forma, as condições adequadas à obtenção de dados espontâneos para a pesquisa. Além disso, obteve-se através desse contato inicial uma base auxiliar importante para o controle posterior dos dados e as decisões envolvendo a metodologia da pesquisa qualitativa e o questionário.

Sabe-se que a pesquisa de campo envolve certas dificuldades no que se refere ao acesso aos informantes. Vale, no entanto, utilizar-se de experiências de pesquisas similares e buscar o que mais se ajuste à própria pesquisa. Labov (2001) sugere que se contate com indivíduos que se disponibilizem a auxiliar no contato com novos informantes. Isto envolve, principalmente, pessoas ligadas a instituições sociais, como

padres, pastores, professores, presidentes de sociedades, que, além de conhecer um grande número de indivíduos, também gozam do respeito e credibilidade dos mesmos.

A coleta dos dados ocupou mais de um mês de trabalho. Como já foi especificado acima, desde a escolha do informante até a escolha do momento ideal para a realização da gravação da entrevista foram necessários no mínimo três encontros. Praticamente todas as gravações foram realizadas na casa do informante, em local por ele determinado. Das 24 gravações, apenas três foram realizadas na casa do entrevistador, pois os entrevistados afirmavam ser mais calmo e se sentiam mais seguros. Para a gravação, foi utilizado um gravador de fitas K7 Panasonic RQ-L31 com lapela, o que auxiliou em muito na qualidade dos dados adquiridos. Procurou-se realizar gravações que não excedessem em muito os trinta minutos, visando com isso, não a quantidade, porém a qualidade dos dados.

Vale saber que a variedade lingüística utilizada para a realização das entrevistas foi a variedade portuguesa (o brasileiro), porém os informantes ficavam livres para interagir na variedade minoritária a qualquer momento. Esta escolha se deu devido à intenção de comparar o português falado pelos descendentes de alemães do núcleo de Imigrante com o português dos descendentes de italianos do núcleo de Daltro Filho, além de verificar a existência de traços que pudessem identificar os informantes quanto à sua descendência étnica. Todos os entrevistados foram informados, desde o primeiro encontro, que poderiam fazer uso das duas variedades durante a entrevista.

Convém relatar que nenhuma das 24 entrevistas foi realizada no primeiro encontro. Em todas as entrevistas houve um primeiro contato com o intuito de apresentação. Nesta situação era exposto ao então, possível, candidato o que se pretendia com a entrevista, numa tentativa de minimizar o estranhamento entre entrevistado e entrevistador. Com a intenção de evitar possíveis situações de constrangimento, realizou-se uma segunda visita ao candidato sob o pretexto de marcar um dia para a entrevista. Somente então, no terceiro encontro, era realizada a entrevista. Mesmo assim, alguns entrevistados ficavam um pouco receosos com a entrevista.

Desde o primeiro momento procurava-se interagir com os entrevistados na variedade minoritária ou, se preferissem, na variedade que melhor lhes convinha. Da mesma forma, os entrevistados também estavam livres quanto à escolha da variedade lingüística por eles usada durante a entrevista. No entanto, o entrevistado, quando

falante de uma variedade minoritária, era convidado a se pronunciar na mesma, visando identificar qual a variedade por ele falada.

Outro instrumento de coleta de dados que se mostrou de suma importância nesta pesquisa foi o caderno de campo. Tanto na conversa semi-dirigida e na observação participante, quanto na aplicação do questionário, o caderno de campo se fazia presente. Nesse caderno, foram feitas as mais variadas anotações, incluindo desde comentários e situações curiosas de contato lingüístico envolvendo descendentes de italianos e alemães. Tais anotações renderam ricas análises e comparações que serão expostas no capítulo 3 seguinte.

2.6 Análise dos dados

Delimitada a área de pesquisa, definidos os instrumentos para o levantamento de dados, bem como os indivíduos a serem entrevistados, deu-se início à coleta e posterior análise dos dados. A análise dos dados dividiu-se em duas etapas: a primeira ocupou-se do papel da língua na constituição da identidade (ver 3.1) e a segunda, da influência da identidade quanto ao uso e manutenção/substituição da língua minoritária/imigrante (v. 3.2). Esta divisão reflete a interface da relação entre língua e identidade que está no centro de nosso interesse.

Para a análise qualitativa dos dados, foram levados em consideração os diferentes parâmetros de identificação dos informantes, segundo sua área geográfica, gênero, grupo étnico e religioso, faixa etária e classe social. Isso exigiu uma classificação prévia dos dados coletados. Para isso, foi de crucial importância uma transcrição ou transliteração adequada desses dados que, ao mesmo tempo, permitisse o registro e a observação de um repertório mais variável de “nuances” no uso da língua pelos falantes. As regras adotadas pelo projeto NURC, excetuando algumas adaptações mínimas, pareceram-nos satisfatórias ao propósito deste estudo. Procurou-se transcrever as entrevistas ainda no mesmo dia da realização da mesma, porém isso nem sempre foi possível. Para a transcrição, preferiu-se, primeiramente, ouvir a gravação na sua íntegra, o que facilitou a familiarização com a voz do informante. Em seguida, procedeu-se à transcrição das entrevistas. Esta foi feita diretamente no computador e ocupou pouco mais de um mês de trabalho. Pode-se dizer que a própria transcrição das entrevistas foi

ao mesmo tempo parte da análise dos dados. Ao transcrever os dados, procurou-se já sinalizar, em vermelho, traços que chamavam maior atenção, por denunciarem aspectos da identidade étnica e lingüística tanto do indivíduo quanto do grupo a que pertencia o informante.

Na observação da fala dos mesmos informantes, com o objetivo de detectar relações com a identidade étnica e social dos mesmos, deu-se ainda especial atenção a algumas variáveis lingüísticas comumente analisadas na literatura as quais costumam funcionar como marcas identitárias dos grupos étnicos em contato, a saber:

- a) palatalização de /d, t/: *noite, quente, tarde, sabonete* [v. gênero], *tesoura, dia, dinheiro, tio, tipo, mentira*;
- b) realização da vibrante: *borracha, terra, ruim, rapaz, rua, morro, perguntar, morrer, sair, calor*;
- c) alternância entre /C*/ : /Ⓢ/, /♣/ : /♠/: *hoje, a gente, jantar/janta, jornal, joga, baixa; peixe, bocha, cachorro, chuva, chapéu, vizinho*;
- d) realização das laterais: *mulher, velho, trabalhar, barulho, sol, mel, sal, planta, Brasil*;
- e) realização do ditongo nasal /ãõ/: *procissão, pão, então, calção, alemão*;
- f) realização de /a/ diante de nasal: *italiano, ano, tanto, interessante, também, andando, banho, ganhar*;
- g) harmonização vocálica/alçamento: *menino, bonito, esquerdo, gordura, pedir, ferida*;
- h) vogal tônica diante de consoante sonora: *emprego, estrada, passagem, igreja, casa*;
- i) vocalismo - diversos: *três, dois, luz, mas, pés, arroz*;
- j) elementos do léxico: *mais ou menos, pedir = perguntar, nono/avô, etc.*

Para garantir a ocorrência de exemplos dessas variáveis, valemo-nos do recurso de indução temática, propondo temas que induzissem à ocorrência desses exemplos de forma espontânea, tanto durante a aplicação do questionário, quanto na conversa semi-dirigida. Porém nem todas as variáveis foram analisadas em profundidade devido à grande extensão do tema que as envolve, o que fugiria em muito do tema aqui proposto.

3 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo apresenta a análise dos dados colhidos através da pesquisa de campo. Para tanto dividiu-se a análise qualitativa dos dados coletados em duas partes: na primeira parte, analisam-se dados que explicitam melhor o papel da língua na constituição da identidade, tanto da comunidade de Imigrante como um todo, como também dos grupos étnicos e sociais em particular. Ao contrário, a segunda parte da análise enfoca dados sobre o papel da identidade no uso e manutenção/substituição das variedades minoritárias na comunidade plurilíngüe de Imigrante.

3.1 Papel da língua como marca de identidade

Como se percebeu no capítulo teórico, pode-se julgar a língua como um dos fatores mais importantes na definição da identidade de um grupo (Appel & Muysken 1992). A língua pode aproximar como também distanciar indivíduos de certos grupos. No que se refere aos núcleos de Imigrante e Daltro Filho, a língua exerce a função de marcador ou divisor geográfico entre descendentes de italianos e alemães. Quer dizer, existe uma identidade territorial para cada variedade em contato. Com isso não quero dizer que italianos e alemães sejam rivais, mas sim, salientar a existência, reconhecida pelos próprios indivíduos que compõem os dois núcleos, de marcas lingüísticas que identificam a fala de cada núcleo.

“E: Tem diferença entre o português falado em Imigrante e o de Daltro Filho?

DM: Tem. Tem diferença pelo sotaque né. Porque aqui a gente percebe um sotaque caRRegado da língua alemã, lá a gente percebe na maioria das pessoas um sotaque mais caRRegado da língua italiana.

E: Teria um exemplo pra me dar.

DM: Deixa eu pensá. ... deixa eu ver uma palavra que as pessoas costumam falá que eu perce::bo. Deixa eu vê, como é que a Aline me disse esses dias... eu tô, eu tô, como é que ela disse...ela não disse apavorada, mais é uma palavra assim, no mesmo sentido. Ai, a troca do D pelo T, umas coisas assim, né o italiano não, ele não faz isso.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

“SB: Na fala tem. Por causa do sota::que o alemão tem aquelas palavras mais puxa:::das, o italiano fala, o que eu falei há pouco, fala mias lije::ro, tem aquela coisa de bate a lí::ngua, falá saí uma palavra atrás da otra, mesmo falando em português, isso com certeza tu diferencia, por esse ponto.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca).

“E: E assim de modo geral, quem fala melhor o português o alemão ou o italiano, na tua opinião.

LH: Eles TIZEM que eles falam melhor.

E: Eles, os italianos?

LH: Os italianos. Os que eu convivo e conheço. Eles, pra eles a gente nota que eles acham que a gente fala errado, fala mal. Agora eu não sei até que ponto isso é errado, isso eu não sei dizê. Agora na minha opinião eu acho que isso é INTIFERENTE. Assim como, tem aqueles nossos alemães, que falam no meio palavras que nem nôsso e ... sabe. Eu acho que os italianos também têm algumas palavras que eles exageram em algumas ...en-to-na-ções, sei lá. Mais nós, meu Deus nós temos muita gente assim que fala perfeitamenti português e que é de origem alemã.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca)

Tão logo me alojei em Imigrante, percebi que, ao falar a variedade minoritária do núcleo (Hunsrückisch), me aproximava com maior êxito deste mesmo grupo. Este foi, portanto, um dos primeiros pontos que chamou minha atenção, não somente pelo fato de eu ser descendente de alemães, mas principalmente por eu falar uma das variedades do alemão falado no núcleo de Imigrante. Isto demonstra que o uso da variedade minoritária, em Imigrante, reforça a identidade do grupo.

Apesar de ser um estranho, em certas ocasiões, fui bem recebido pelos falantes pelo simples fato de falar a variedade alemã. Um exemplo que ilustra esse “ser bem recebido” e que merece ser citado é a conversa que tive com o proprietário da casa que fui alugar para morar. Quando cheguei ao proprietário, vendo que se tratava de um descendente de alemães, fui me identificando, falando a variedade Hunsrückisch. Mantivemos uma conversa de aproximadamente quarenta minutos, acompanhados de um chimarrão. Durante a conversa, expus os porquês da minha vinda a Imigrante e o motivo da locação da casa. No momento em que indaguei o proprietário a respeito do contrato de aluguel da casa, fui surpreendido com a seguinte resposta:

“Du bist ein Deutscher und sprichst jo Deutsch. Fo ein Deutsche brauch man kein Kontrat mache. Wenns ein Polack wea, dann ja, aba du nicht.” (*Caderno de Anotações*) **Tradução:** “Tu és um alemão e falas alemão. Para um alemão não se precisa fazer um contrato. Se fosse um brasileiro, aí sim, mas tu, não.”

Esta resposta nos mostra uma confiança maior nos descendentes da mesma etnia, ou seja, uma identificação maior com os membros do mesmo grupo. Em contrapartida, a confiança reduz-se no caso dos de origem “brasileira” (não-descendentes de alemães e/ou italianos), principalmente os descendentes afro-brasileiros. Em outras palavras, o fato de o pesquisador falar a variedade alemã transmitiu confiança, ou seja, identificou-o com o grupo alemão.

O uso da variedade minoritária pode demonstrar afinidade e ser um meio através do qual ocorre a aproximação, a identificação entre dois indivíduos da mesma etnia, e o não domínio pode ser um meio de excluir indivíduos da interação, pelo simples fato de o mesmo não entender e não conseguir se comunicar na variedade minoritária. O exemplo a seguir narra um fato que ocorreu comigo enquanto fazia compras em um mercado de Imigrante. Na ocasião, estava no supermercado, além de mim, um casal há pouco domiciliado em Imigrante, que não se comunicava na variedade alemã. Tudo aconteceu enquanto escolhia alguns tomates e fui interceptado pela atendente, que, então, já me conhecia.

“*Komm, hol dich von hier die Tomaten. Die dat die sinn schlecht, loss die fo die wo uns net verstehen, die kenne di jo mitnemme.*” (*Caderno de Anotações*) **Tradução:** “Vem, pega destes tomates aqui. Estes aí estão ruins, deixa esses para aqueles que não nos entendem, eles podem levá-los junto.”

A manifestação da atendente ilustra o papel da língua como marcador de coesão social do grupo [alemão], a ponto de excluir do mesmo os não-falantes dessa variedade lingüística. Além disso, esses indivíduos não são tratados de igual para igual tanto entre os alemães, quanto entre os italianos. Também é comum ouvirmos asserções do tipo “das ist ein richtig Negerorweit” (este é um legítimo trabalho de negro) referindo-se a trabalhos mal feitos, ou ainda “die Polacke, die mache ja ken richtig Orweit” (os “polacos” – referindo-se aos luso-brasileiros – eles não fazem um bom trabalho) “Ah::: negri, negri. Si nóm apronta na entrada, na saída aprontam né.” (D- 5-m- ita- cat- GI- Ca), o que demonstra a supremacia e o sentimento de perfeição dos

descendentes de alemães e italianos em comparação a indivíduos de outras descendências. Situação semelhante, envolvendo língua e identidade, pode ser encontrada em Mey (1998: 70), em estudo realizado na Dinamarca.

3.1.1 Relevância das questões de identidade nas relações sociais

A relevância das questões de identidade nas relações sociais encontra-se muito presente nos núcleos de Imigrante e Daltro Filho. Com a observação participante, que ocupou aproximadamente um mês de pesquisa, foi possível uma primeira incursão nos aspectos identitários envolvendo o uso das línguas em contato e as relações sociais emergentes nos núcleos em estudo.

Traços que se destacaram nessa fase estão relacionados a questões como o medo, o receio ou até mesmo o preconceito perante o novo, o estranho. Logo ao me alojar no núcleo de pesquisa (Imigrante), fui confundido, inúmeras vezes, com um vendedor de bilhetes de loterias, inclusive com um pastor de igreja evangélica. Este medo perante o estranho, “o de fora”, pode ser contudo decorrente de recentes acontecimentos, como arrombamentos e roubos, que assolam constantemente o município e a região.

Praticamente todos com quem mantive contato me faziam a mesma pergunta, “o que tu veio fazer aqui em Imigrante?” ou “onde tu trabalha?”, até alguns comentários do tipo: “ele não trabalha, vai toda a semana para Porto Alegre, será que não é um maconheiro?”. Em seguida, vinham as perguntas leigas “o que é esse tal de mesCLAdo?”, “como assim, tu tá estudando se não vai pra escola?”, isso sem contar que, nas primeiras semanas, fui alvo de observação, inclusive, da Brigada Militar, possivelmente alertada pela população sobre a presença do estranho que caminhava pela cidade em diferentes horários, observando o que acontecia a sua volta. Para evitar maiores constrangimentos, na quarta semana apresentei-me junto à delegacia de polícia. Na ocasião, informei quem eu era, o que estava fazendo na cidade e por que me encontrava muitas vezes observando o movimento na cidade. A partir desse momento, comecei a ser visto com outros olhos, pelo menos pelos componentes da Brigada Militar.

A presença marcante de descendentes de alemães e de italianos, o uso de variedades lingüísticas distintas entre os indivíduos de cada grupo étnico, as diferentes culturas, modos de agir, vestir, enfim, a convivência de dois grupos étnicos distintos em contato conquistam a atenção dos que passam por Imigrante.

“E: E como você... como as pessoas que vêm de fora, na sua opinião, vêm as pessoas daqui?”

RR: Elas acham muito engraçado nosso jeito, nosso jeito de falá. Es já í::, tu é italia:na só pelo. Té me acontece na faculdade né... E:::, eles acham importante a nossa tradição, nossos costumes italianos. E eles gostam muito da nossa comida italiana. Quando vem pra cá.” (D-3-f-ita-cat-GII-Ca)

Filhos, netos, ascendentes de terceira, quarta, quinta geração de italianos e alemães, provindos das mais variadas regiões da Itália e da Alemanha, hoje são indivíduos que lutam pelos seus ideais e tentam preservar línguas e tradições herdadas dos antepassados. São indivíduos muitas vezes esquecidos e marginalizados, quando não rotulados de “colono burro e grosso”. Esses descendentes, apesar de nunca terem tido a oportunidade de conhecer a terra de seus ancestrais, sentem-se e dizem-se italianos e alemães com muito orgulho. Comparando os descendentes de italianos com os descendentes de alemães, podemos notar que assim como as diferenças os distinguem uns dos outros – como a língua, por exemplo, essas diferenças também servem como ponto de identificação, de união, levando-os à defesa dos mesmos ideais – a preservação da língua minoritária de cada grupo (v. Tabouret-Keller 1998: 324).

“E: Sim. E como você se sente mais, mais italiana, mais brasileira ou mais gaúcha?”

DM: Eu me sinto mais italiana e me orgulho disso. Eu me sinto italiana.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

“E: E como tu te sente mais, tu te sente mais alemão, brasileiro...”

EB: Eu me sinto mais alemom.” (I-3-m-ale-lut-GI-Cb)

Partindo do princípio de que as relações sociais podem se tornar marcas de identificação importantes entre os grupos em contato, encontramos nos núcleos de Imigrante e Daltro Filho alguns fatores que comprovam isso. Segundo dados do IBGE (2000), o município possui 3.839 habitantes, dos quais 2.615 habitantes residem em área rural e 1224 em área urbana. Por se tratar de um município jovem - criado em 1988 - e com uma recente expansão industrial, grande parte dos moradores dos dois núcleos aqui estudados já foram agricultores ou são descendentes de agricultores e sabem o que

E: Negri. Tu me descreve, consegue descrevê um brasileiro? Como é que é um brasileiro?

RL: A, primero lugar a cor né, nom sô racista mais é.. E, e tamém o jeito de falá tamém né, tem mais um jeito assim de... tipo que ele só entende né aquele jeito né.” (D-1-f-ita-cat-GI-Cb)

“E: Uhum. E como vocês chamam aqui as pessoas que não são de origem alemã?

EB: A, são chamado memo que nem nós aqui. A chente nom é racista, qualquer coisa né, é aceito um que nem o otro né, mas a chente nota que é tiferente mais somos todos iguais né.” (I-3-m-ale-lut-GI-Cb)

A partir destes depoimentos, percebemos que a identidade tanto dos alemães quanto dos italianos continua fortemente arraigada no que diz respeito ao outro. Ou seja, o “outro” continua sendo o “gringo”, o “alemão”, o “negro” ou os “brasileiros”, diferente do “eu alemão” ou “eu italiano”. Silva (2000) coloca que é a partir da diferença que me identifico ou não com o outro, ou seja, é naquilo que o outro tem de diferente de mim que está a minha identidade. É exatamente o que os entrevistados estão colocando; eles se reconhecem na diferença..

3.1.2 A língua minoritária na identificação dos grupos étnicos em contato

Conforme dito, a língua desempenha, nos núcleos de Imigrante e Daltro Filho, papel fundamental na identificação dos grupos étnicos em contato. Partindo dessa afirmação e com a intenção de levantar dados que comprovassem tal afirmação, os entrevistados foram questionados sobre a língua na qual gostavam de conversar mais e qual delas costumavam falar mais na família. Os integrantes do núcleo alemão, (sede de Imigrante), principalmente os da GI, deram como resposta o “alemão”. Dos seis integrantes da GII, todos dizem falar a variedade alemã, mas somente três afirmam que, no âmbito familiar, a variedade minoritária é predominante em relação ao português. Já no grupo de amigos, o uso da variedade minoritária é maior entre os integrantes do grupo da GI, que usa inclusive a variedade minoritária para se comunicar com monolíngües no português.

“E: Em que língua tu gosta mais de conversar?

RB: Normalmente o alemon né.

E: O alemão. E:: de modo geral, tu costuma falar mais em alemão ou em português.

RB: Och isso tepende como o cara da a resposta né... eu ajo (acho).

E: Depende da pessoa com quem tu fala...

RB: É, é, se ele pede pro... se vem a resposta brasileiro, aí continua no brasileiro, se vem no alemão, spreche ma Deutsch mit, was man so kenne, né.
 E: Uhum, já sicher... E quando vem visita qual é a língua que tu usa ou prefere usar...
 RB: Ja so:: oitenta por cento é o alemão já né, se é alemão, se é brasileiro né, muda né.
 E: E se a visita só fala português?
 RB: Ó, volta e meia sai o alemão no meio... (risos)". (I-1-m-ale-lut-GI-Cb).

O mesmo não acontece entre os integrantes da GII, pois o uso da variedade minoritária é mais restrito tanto entre familiares quanto nas rodas de amigos. Geralmente, a variedade minoritária é usada quando lhes traz algum benefício, (função pragmática da expressão da identidade). É o caso dos informantes I- 2- m- e I- 4- m-, que dizem usar a variedade minoritária principalmente quando vão à praia, com a intenção de que os outros não os entendam.

“E: Tu te sente alemão.
 RP: Sim, porque tu vai... principalmente quando a gente vai pra praia, fazê festa, a gente só fala alemão pra complicá com os outros (risos) e assim também, aqui tu vê um loiro olhos azul é alemão, não existi.” (I- 2- m- ale-lut- GII- Cb).

“E: Sim. E tu teve vergonha alguma vez de falar alemão, de sabê falar ou de falar?
 MM: A:: talvez não vergonha, mais eu tenho assim sempre um certo receio em lugares onde em momentos que eu comecei a falar o alemão, o pessoal ficava di olho. Entendi. Ali a gente não é qui ficava vergonha, mais a gente ficava um pouco sentido, então falava uma outra, uma outra língua no caso né. mais pro outro lado muitas vezes nós si orgulhávamos em poder falar alemão. Por exemplo, a gente foi pra praia no final de ano e o momento que nós távamos lá e tínhamos tomado umas cervejas a mais nós si orgulhá::vamos em falar em alemão. Porque nós chamávamos atenção, era um momento onde aqui a gente, pá chamá atenção falava o alemão e o pessoal ficava di olho. A gente sentia muito, muito orgulho nesse caso.” (I-4-m-ale-lut-GII-Ca)

Neste caso chegamos à mesma conclusão de Thim-Mabrey (2003: 6-7): indivíduos identificam-se com determinada língua devido ao grande envolvimento com fatores políticos, culturais ou nacionais ou, neste caso, uma questão de *status* na escolha do uso de uma variedade minoritária. Também Brandão (1986: 111) coloca que: “identidades podem ser geradas, preservadas, extintas, transformadas, dependendo não de uma voluntária vontade simbólica do grupo, mas das atribuições pelas quais passa na realização cotidiana de sua própria história”. Além disso, poderíamos ver aqui um exemplo de que a identidade se repotencia em ambiente externo (a praia) à comunidade (Imigrante).

Quanto ao uso da variedade minoritária pelos italianos, percebe-se que é em níveis menores ao registrado entre os descendentes de alemães. Dos doze entrevistados seis dizem falar mais italiano em casa com a família, enquanto os outros seis dizem falar muito pouco na variedade italiana, aderindo mais à variedade portuguesa. A geração que mais fala a variedade italiana em casa é a GI; dessa forma, analisando por este ângulo, pode-se dizer que a GI possui uma identidade mais forte em relação à GII. Quatro informantes da GI responderam que falam mais italiano em casa com a família. Os outros dois dizem que o português é a variedade predominante em eventos de interlocução com a família. Já os descendentes da GII demonstram exatamente o contrário da GI, ou seja, quatro integrantes da GII mencionam ser o português a variedade que mais usam no âmbito familiar. Somente dois colocam que falam em casa mais a variedade italiana que o português.

No núcleo de Imigrante, não é raro encontrarmos pessoas que falam uma ou duas variedades da língua alemã (Hunsrückisch e/ou Platt), assim como ainda encontramos indivíduos, principalmente descendentes de alemães, que não falam o português – principalmente indivíduos mais velhos. Também existem, no núcleo de Imigrante, descendentes de italianos e brasileiros⁶ que dominam perfeitamente uma ou as duas variedades do alemão além de, em certos casos, dominarem inclusive a variedade italiana. Como exemplo, pode-se citar o dono de um dos supermercados do núcleo Imigrante, o qual, de descendência italiana – Bazanella –, fala fluentemente, além da variedade italiana, a variedade alemã com seus fregueses. Indagado sobre como via o falar “alemão”, ele respondeu:

“Aprendi a falar alemão com meus funcionários, pois quem não fala alemão aqui em Imigrante está perdido, principalmente quem é do comércio. Então o jeito é aprender ou cair fora.” (caderno de campo)

É evidente que nem todos os italianos que moram no núcleo Imigrante falam e/ou entendem a variedade alemã, assim como nem todo alemão residente no núcleo Daltro Filho fala a variedade italiana. Isso depende de uma série de fatores, como o deste caso, em que a função exercida pelo indivíduo exige/envolve um contato mais intenso com falantes de outras variedades. Pode-se atribuir o fato de um indivíduo falar a variedade lingüística do “outro” como um ato de mudança de identidade pelo interesse

⁶ Entenda-se por brasileiros todos aqueles que em suas origens não possuem ascendência nem italiana, nem alemã.

em vender seus produtos, o que é denominado por Auer (2002) como modelo de co-modificação.

Outro fato que chamou bastante a atenção é o de um falante de descendência luso-brasileira, de sobrenome Alves, que se comunicava melhor na variedade alemã que na variedade do português. Além disso, este mesmo falante apresenta o comportamento⁷ idêntico ao dos descendentes de alemães no que se refere, por exemplo, ao preconceito em relação aos brasileiros de origem não alemã. Isso certamente se deve ao fato de sempre ter morado entre descendentes de alemães. Dito em outras palavras, este indivíduo sofreu um processo de aculturação e assimilação à identidade alemã.

Comportamentos como estes demonstram que os indivíduos, para serem aceitos em Imigrante, necessitam adequar-se às regras impostas pela sociedade local. Um dos quesitos básicos, no entanto, é a língua, o que demonstra que na formação da identidade dos falantes de Imigrante a língua minoritária representa uma marca fundamental obrigatória.

Os descendentes de alemães e italianos geralmente se orgulham por ainda saber falar o “alemão” ou o “italiano”, visto que lastimam muito a variedade não se apresentar tão difundida entre a juventude atual.

“E: Muitos jovens, aqui inclusive em Imigrante eu já percebi não falam mais a língua dos pais, o alemão ou o italiano. O que que tu acha disso.

LH: Não sei o que eu acho, é que, isto é... nós estamos morando no Brasil, a rádio, o jornal tudo é português a escola é português, então eu acho que isto é ... é uma consequência da nossa vida. Nós somos brasileiros, querendo ou não querendo. Claro que muitos insistem que nem esses, pensando ali no nosso pedreiro, eles insistem em falá, ali no meio, por exemplo, alguns não são vestfäler ali no meio, mas eles falam por que os outros falam e si tu fica lá um tempo parado tu vê que eles falam Vestfäler, porque os pais insistem nessa língua. Só que fora de casa, muito difícil. Só se eles querem fazer grupinho na escola e não querem que os outros entendam tudo daí eles falam Vestfäler, falam Deutsch, falam italiano, mais no, no linguajar assim, no dia-a dia se fala português e eu acho que por isso o pessoal tem mais facilidade de falar português.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca)

Como podemos ver na citação acima, existe a consciência de que falar uma variedade minoritária consiste em identificar-se com determinado meio ou grupo. O fato de morarmos no Brasil, de falarmos o português, de estarmos cercados pelos meios de comunicação noticiando e publicando tudo em língua portuguesa, na escola, na

⁷ Refere-se ao “comportamento” tudo o que envolve o modo como os indivíduos vêem, agem, se relacionam com o outro, ou seja, tudo o que difere entre ascendentes de origens distintas.

sociedade, de todo lugar, enfim, a língua portuguesa deter o domínio, faz com que muitos descendentes de alemães e/ou italianos abandonem a variedade minoritária em detrimento do português. Nesse contexto, coloca-se o esforço, exemplificando pelo depoimento da informante, de manter a variedade minoritária viva. A identidade alemã ou italiana, como vemos, está fortemente representada por uma variedade lingüística minoritária ainda falada por indivíduos que almejam e insistem na sua preservação. Em outras palavras, a identidade alemã/italiana permanece assegurada pela língua de imigrantes. No depoimento acima, a informante cita um nítido exemplo de como a língua é usada como demarcador de fronteiras entre grupos lingüísticos distintos. Pode-se dizer, no entanto, que os indivíduos bilíngües, principalmente os da GII, fazem uso da variedade minoritária, primordialmente quando esta lhes traz algum tipo de vantagem, *status* ou proveito.

“E: (...) Muitos jovens aqui não falam mais o italiano eu vejo...

NR: Não.

E: O que tu acha disso?

NR: Acho ruim, porque eles estão esquecendo uma coisa que foi... que é que vai sê provavelmente mais importante no futuro também. Eles estão deixando isso de lado sabi, uma cultura nossa aqui. que nem eu ti falei, acho que não pode deixá se perdê sabe..” (D-2-f-ita-cat-GII-Cb).

Os próprios informantes da GII reconhecem que falar a variedade minoritária é importante, pois, de acordo com a citação acima, ao deixar de falar a variedade minoritária/imigrante, estão deixando morrer toda uma cultura. No momento que um indivíduo deixa de falar a variedade minoritária do seu grupo, ele muda sua identidade Kleiman (1998: 268), Willems (1941: 45).

3.1.3 Identidade e nacionalidade/brasilidade

Nos núcleos plurilíngües de Imigrante e Daltro Filho, a relação entre a identidade étnica alemã ou italiana e a nacionalidade brasileira apresenta-se como bastante complexa. Muito dessa complexidade deve-se à ideologia do monolingüismo, segundo a qual, para ser brasileiro, se deve falar português. (cf. Oliveira 2000). Por outro lado, a identificação com o ser italiano/alemão demonstra que, apesar da distância que os separa dos países de origem, os indivíduos, descendentes de imigrantes,

continuam se sentindo mais alemães/italianos. Para conseguir dados que evidenciassem a identidade dos informantes em relação ao sentimento de nacionalidade, eles foram indagados sobre como se sentiam, mais alemães/italianos, brasileiros ou gaúchos. Com muita naturalidade e espontaneidade, muitos deles responderam sentirem-se mais alemães/italianos. Também não negam ser brasileiros e gaúchos, o que comprova a existência de identidades étnicas múltiplas e heterogêneas:

“E: E como o senhor se sente mais? Mais italiano, mais brasileiro, ou mais gaúcho.

IA: Óia, eu me sinto mais mais italiano, mais gaúcho tamém.” (D-5-m-ita-cat-GI-Ca)

“E: E quem nasce no RS é...

EB: Gaúcho.

E: É gaúcho. E tu te sente gaúcho também?

EB: Sim, a chente tem de honrá isso aí né (risos)” (I-3-m-ale-lut-GI-Cb)

No núcleo alemão, dos doze entrevistados, apenas dois deles se dizem brasileiros e gaúchos, enquanto os outros dez se dizem, em primeiro lugar, alemães. Já no núcleo italiano, o número de informantes que dizem se sentir mais italianos é mais reduzido em comparação ao grupo alemão, pois, de doze informantes, apenas seis, a metade, se considera italiano.

“E: E como tu te sente mais. Tu te sente mais alemão, brasileiro ou gaúcho.

RB: O:: eu me sinto mais um alemão.

E: Mais um alemão...

RB: Jô:: não é que não prefiro ser brasileiro, gaúcho, tanto, mesmo samo, mas eu prefiro mais sê alemon assim. Como eu sou, eu vou nas bode::gas nas vila assim, alles uf Deutsch né.

“E: Sim. E como você se sente mais, mais italiana, mais brasileira ou mais gaúcha?

DM: Eu me sinto mais italiana e me orgulho disso. Eu me sinto italiana.” (D-4- f- ita- cat- GII- Ca)

“E: E como o senhor se sente mais brasileiro, mais italiano, mais gaúcho?

IC: Nóm, eu tô me sentindo mais brasileiro né. Acho que... claro, sô italiáno né, mais, mais é brasileiro.” (D- 6- m- ita- cat- GI- Ca).

O fato de os informantes afirmarem, em primeiro lugar, que são alemães ou italianos, demonstra o quão arraigada se encontra a identidade étnica deles no que diz respeito à sua origem. É interessante observar que não existe unanimidade nem entre os alemães, nem entre os descendentes de italianos, ou seja, sempre existe um ou outro que se sente mais alemão, mais italiano ou mais brasileiro. Além disso, como se pode observar, na citação a seguir, há indivíduos que, além de se sentirem alemães, têm

orgulho em dizer que se sentem inclusive *Westfäler*. Este orgulho é explicado por eles, além de serem descendentes de *Westfäler*, ainda usarem a variedade lingüística vestfaliana (*Platt*) como código de comunicação, fato que os identifica ainda mais como descendentes de alemães.

“E: E como o senhor se sente mais. Mais alemão ou...

SG: Eu me sinto um alemom. Eu com toda certeza me sinto um alemom ou westfála né, eu sou descendente de westfála né.

E: E o senhor se sente Gaúcho também ou brasileiro?

SG: Claro, brasileiro porque a gente nasceu no Brasil né. Gaúcho, também, porque a gente nasceu no Rio Grande do Sul, mais eu não cultivo as tradições. Mais gosto, gosto, aprecio, gosto de danças gauchescas, meus filhos já participaram né, gosto com toda certeza. O que que eu mais eu gosto é as danças folclóricas nossas, do grupo de danças alemãs...que a minha filha dança no grupo.” (I-6- m- ale- lut- GII- Ca)

Outra característica importante a ser analisada é a de que muitos informantes, principalmente os descendentes de alemães, identificam o “ser gaúcho” aos trajés, às danças, à música e ao folclore tradicionalista gaúcho. Os informantes em hipótese alguma mencionam ou levam em consideração o modo de falar do gaúcho como algo característico em relação a outros estados do país. A partir desse fato, podemos perceber que existem outras características que identificam um indivíduo e que a língua nem sempre é a principal e única detentora de identificação.

“E: Quem nasce no Rio Grande do Sul é gaúcho né. Tu te sente gaúcha?

FB: Eu me sinto, só que assim, não totalmente, porque::: gaúcha, pra sê gaúcha mesma, parece que tem que tê aquela tradição o dia todo e né, esses fandango e essas coisas assim eu já não ligo tanto, né. Daí, não cem por cento gaúcha né.” (I- 5- f- ale- cat- GII- Ca).

“E: Tu te sente mais alemã.

IH: Alemão.

E: Não gaúcho ou...

IH: Não, alemão.

E: Mesmo que quem nasce no Rio Grande do Sul é:::

IH: É gaúcho

E: E a senhora não...

IH: Não. Se é pra eu me misturá numa dança gauchesca, eu saio correndo, agora pra dançá uma valsa, essas coisa, né, eu tô dentro.” (I- 3- f- ale- lut- GI- Cb).

Veja no quadro a seguir como cada informante do núcleo alemão se apresenta no que diz respeito à identificação étnica. A identificação do indivíduo com o grupo étnico está representada no quadro por numerais ordinais, de acordo com a ordem

de valor por ele apresentado ao responder ao questionário. Nos espaços sem numeração, entenda-se que o informante não se identifica com a referente origem étnica.

Quadro 1: Adesão do núcleo de Imigrante (ale) quanto à identificação com o grupo étnico alemão

Informantes:	Mais ale	Mais ita	Mais bras.	Mais gaúcho
I -1 -f -ale-lut-GI-Ca	1º		2º	3º
I -1 -m-ale-lut-GI-Cb	1º		2º	3º
I -2- f -ale-lut-GII- Cb	1º		2º	3º
I -2 -m -ale-lut-GII- Cb	1º		2º	3º
I -3 -f -ale-lut-GI-Cb	1º		2º	3º
I -3 -m -ale -lut- GI -Cb	1º		3º	2º
I -4 -f -ale -lut -GI -Ca	3º		2º	1º
I -4 -m -ale-lut-GII- Ca	1º		3º	2º
I -5 -f -ale-cat-GII- Ca	1º		3º	2º
I -5 -m -ale-cat-GII- Cb	1º		3º	2º
I -6 -f -ale-lut-GII- Ca	3º		2º	1º
I -6 -m -ale-lut-GI-Ca	1º		2º	3º

O quadro nos mostra que dez informantes, dos doze entrevistados, sentem-se mais alemães, o que confirma que os descendentes de alemães possuem uma identidade alemã fortemente arraigada. Por outro viés, os informantes não negam seus laços afetivos ao “ser brasileiro” e ao “ser gaúcho”. O que chama atenção, no entanto, é a identidade gaúcha (com o grupo de contato mais próximo), que em seis informantes, (50% da amostra) precede a brasileira. Dos doze informantes, oito responderam que também se sentem brasileiros, como segunda opção. Quatro responderam que se sentem mais gaúchos na segunda opção. No entanto, dois se dizem gaúchos e escolheram esta como primeira opção.

Mesmo com o constante aumento do desinteresse pela variedade minoritária, principalmente pelas gerações mais recentes, ainda persiste o orgulho de se sentir e ser descendente de alemães. Em seguida, temos a identificação com o “ser brasileiro”, acompanhado pelo sentimento de “ser gaúcho”. Embora a identificação com o “ser gaúcho” exista no núcleo alemão, ela não é muito cultivada. Apesar dos dados, existe em parte uma certa rejeição por parte dos informantes em identificar-se ao “ser gaúcho”, por reprovarem o uso das vestimentas típicas – bombachas, botas, esporas, vestidos de prenda etc – bem como o não gostar da música, muito menos das danças gauchescas. Diferentemente de outras comunidades teuto-riograndenses e ítalo-riograndenses, não há um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) em Imigrante. Pelo que se percebe, para alguns dos informantes o “ser gaúcho” envolve gostar das tradições, andar pilchado,

ouvir e dançar músicas gauchescas. Vale ressaltar que, no Hunsrückisch, se faz uma distinção entre [ʎo ɔ̃ < ◆ ◆] “gaúcho pilchado que cria gado” e [ʎo ɔ̃ < ◆ ◆ □] “gaúcho como o natural do Rio Grande do Sul” (Altenhofen, 1990). Neste caso, pode ter havido uma interpretação ambígua do termo pelos informantes de modos que é preciso separar entre ambas as identificações.

“E: E tu não te sente gaúcho.
 RB: Não, pela tradição assim não. Weist du sê bombachudo assim ne, ne, ne...
 ” (I- 1- m- ale- lut- GI- Cb).

“E: E tu te sente gaúcha?
 EH: Não muito.
 E: Não muito! Porque?
 EH: Sei lá, não gosto da tradição.” (I- 2- f- ale- lut- GII- Cb).

Um fato interessante é que exatamente os dois entrevistados que não se sentem alemães são os que mais se sentem gaúchos. O que chama a atenção, neste caso, é o fato de os dois informantes serem do sexo feminino, sendo que um é descendente da GI, enquanto que o outro é da GII. A única semelhança entre os dois entrevistados é que eles pertencem à mesma classe social (Ca). Este fato pode ser um indício de alguma mudança em curso o que necessitaria de estudos complementares.

“E: Isso já me aconteceu também. A senhora se sente mais alemã ou brasileira ou gaúcha?
 MP: A::: caúcha, prasilera, caúcha. Não alemã.
 E: Não se sente alemã?
 MP: Não, não. De Jeito nenhum.” (I- 4- f- ale- lut- GI- Ca)

“E: Uhum. E como tu te senti mais. Mais alemã, brasileira ou gaúcha? Ou as três?
 CT: Me sinto mais gaúcha.
 E: Mais gaúcha. Não te senti mais alemã?
 CT: Nã:::o um poquinho, mais eu me sinto mais gaúcha.” (I- 6- f- ale- lut- GII- Ca)

Temos aí um caso em que dois informantes, falantes da variedade minoritária alemã assumem uma identidade étnica – nacional – gaúcha e negam, de certa forma, a identidade alemã, embora se sintam orgulhosos em saber se comunicar na variedade minoritária. Poderíamos comparar este fato ao estudo elaborado por Labov (2001), na Filadélfia, posicionando as mulheres como condutoras das mudanças no que diz respeito a inovações. Em outras palavras, elas são mais abertas às inovações. Como este ponto tangenciaria em muito no tema central desta pesquisa, fica portanto, como uma sugestão para trabalhos futuros.

Veja no quadro a seguir como cada informante do núcleo italiano se apresenta no que diz respeito à identificação étnica.

Quadro 2: Adesão do núcleo de Daltro Filho (ita) quanto à identificação com o grupo étnico italiano

Informantes	Mais ale	Mais ita	Mais bras.	Mais gaúcho
D -1 -f-ita-cat-GI-Cb		1º	3º	2º
D -1 -m-ita-cat-GII- Cb		1º	3º	2º
D -2 -f-ita-cat-GII- Cb		3º	2º	1º
D -2 -m-ita-cat-GII- Cb		3º	1º	2º
D -3 -f-ita-cat-GII- Ca		1º	3º	2º
D -3 -m-ita-cat-GI-Cb		1º	3º	2º
D -4 -f-ita-cat-GII- Ca		1º	2º	3º
D -4 -m-ita-cat-GII- Ca	2º	2º	2º	2 ^{os}
D -5 -f-ita-cat-GI-Ca		3º	1º	2º
D -5 -m-ita-cat-GI-Ca		3º	1º	2º
D -6 -f-ita-cat-GI- Ca		2º	1º	3º
D -6 -m-ita-cat-GI-Cb		3º	2º	1º

O quadro nos mostra que dos doze informantes do núcleo italiano somente cinco responderam que se sentem mais italianos. Os outros sete estão divididos entre quatro que se identificam mais como brasileiros, dois que se identificam mais como gaúchos e um diz identificar-se um pouco com tudo. Este quadro nos mostra que a identidade étnica dos descendentes de italianos com o “ser italiano” não está tão arraigada, comparada aos descendentes de alemães com o “ser alemão”, pois menos da metade dos informantes declararam não se sentir italianos, como primeira opção. Com certeza, enfatizam que se sentem italianos, mas respondem, por primeiro, que são brasileiros ou gaúchos.

“E: E como o senhor se sente, mais brasileiro, mais italiano, mais gaúcho?
 IC: Nóm, eu tô me sentindo mais brasileiro né. Acho que... claro, sô italiáno né, mais, mais é brasileiro.
 E: E o senhor se sente gaúcho também?
 IC: Si::m tamém, magina, semo gaú::cho né...” (D- 6- m- ita- cat- GI- Cb)

“E: E como tu te sente mais. Mais brasileiro, mais italiano, mais gaúcho.
 CG: Mais.... bah, agora ficô difiçil de respondê, acho que é brasile:ro. Que a gentE nasceu no Brasil e:::
 E: Uhum. E ... quem nasce no RS é gaúcho né?
 CG: Sim.
 E: E tu te sente gaúcho?
 CG: Um poquinho sim, até por ser um gaúcho né.” (D- 2- m- ita- cat- GII- Cb)

⁸ O informante coloca que ele é “de tudo um pouco”, ou seja, ele se identifica com todos sem distinção.

É interessante observar que o número de informantes a se identificar como italianos em primeira opção é igual ao número que se identificou por último como italiano, ou seja, quando os indivíduos se identificam mais como brasileiros e gaúchos que como italianos. Este fato reforça ainda mais a hipótese de que os descendentes de italianos estão mais abertos ao “aportuguesamento” que os descendentes de alemães, como visto anteriormente. Dos quatro indivíduos que se identificaram como brasileiros em primeiro lugar, três citam o italiano por último, e um identifica-se como italiano em segundo lugar. Já dos dois que se mostraram mais gaúchos, ambos comentam identificar-se com italiano em terceiro lugar.

Convém também chamar a atenção que, o mesmo informante que se diz não falante da variedade italiana, como descrito anteriormente, quando questionado sobre como se sentia, surpreendentemente, a resposta foi, italiano. Isso contraria, em partes, a tese de que a língua é o principal definidor da identidade de um indivíduo. Este é, no entanto, um legítimo caso em que a identidade é constituída a partir de valores como a cultura, os costumes e outras marcas.

“E: E como tu te sente, tu te sente mais italiano ou mais brasileiro.

RL: A, mais italiano, sem dúvida.

E: Quem nasce no RS é gaúcho né. Tu te sente gaúcho também?

RL: Tamém, tamém.” (D- 1- m- ita- cat- GII- Cb)

Ainda em relação ao quadro 2, temos o caso do informante que se julga um pouco de tudo. Este é um caso que pode ser tratado como um indivíduo em conflito com sua identidade, como também pode ser o caso de identidades múltiplas, ou seja, ele muda de identidade toda vez que muda o grupo com o qual ele está interagindo. Mas para comprovar esta possibilidade serão necessárias pesquisas mais aprofundadas, o que fugiria do tema principal desta dissertação.

Embora muitos indivíduos se digam e se sintam mais alemães ou mais italianos, quando o assunto diz respeito a uma paixão nacional, como por exemplo, o futebol, há quase uma unanimidade brasileira. Neste ponto, a nacionalidade em ambos os grupos fala mais alto, e praticamente todos deixam de ser alemães ou italianos e passam a ser brasileiros. Tal característica também vem citada por Altenhofen (1990: 217-18) em seu estudo na comunidade bilíngüe de Harmonia – RS.

“E: Agora, se joga a seleção brasileira contra a seleção alemã, pra quem tu torce?”

RP: Ah, eu torce pro Brasil. Claro, que eu gosto de vê a Alemanha jogá, mais eu torço pro Brasil, não existi, sempre.” (I- 3- m- ale- lut- GII- Cb).

No entanto, encontram-se ainda indivíduos que “não dão o braço a torcer” e julgam-se torcedores do país de seus antepassados, bem como existem aqueles que se dizem neutros, como podemos ver nas citações a seguir.

“E: (...) Se joga a seleção brasileira contra a alemã pra quem tu torce?”

RB: Eu nunca torci pro Prasil (risos) (I- 1- m- ale- lut- GI- Cb)

“E: E se joga seleção brasileira, não sei se a senhora gosta de futebol ou não, se a seleção brasileira joga com a seleção alemã, pra quem a senhora torce?”

IH: Eu fico neutra.” (I- 3- f- ale- lut- GI- Cb)

Estes fatos mostram alguns casos em que a identificação com suas origens permanece muito forte, ao ponto de, os informantes do núcleo alemão se identificarem-mais como torcedores alemães que como brasileiros. Dados semelhantes foram analisados por Rosenberg & Weydt (1992) em estudo sobre manutenção da identidade entre os descendentes de alemães na antiga União Soviética. Identificações como estas não são encontradas entre os descendentes de italianos no núcleo italiano. Eles alegam carinho para com a seleção italiana, mas torcem para o Brasil.

“E: E se jogasse a seleção brasileira contra a italiana, pra quem você torceria?”

NR: Eu torço sempre pro Brasil, mas em segundo plano sempre pra Itália né.” (D- 2- f- ita- cat- GII- Cb).

“E: Português. E:: se joga a seleção brasileira contra a italiana, pra quem tu torce?”

CG: Aí o cara vai do lado que tá ganhando sempre porque é::: a emoção é tanto se ganha um como outro né. O cara é brasileiro, mais tem origem italiana.” (D- 2- m- ita- cat- GII- Cb)

Comparando os quadros dos dois núcleos, percebe-se que os integrantes do núcleo alemão preservam mais a sua identidade no que diz respeito ao fator origem, em relação aos integrantes do núcleo italiano. Nota-se que o sentimento de pertencer e de se identificar ao grupo de origem é muito maior entre os descendentes de alemães que entre os descendentes de italianos, o que, mais uma vez, reforça a tese de que os alemães possuem uma identidade étnica mais arraigada em comparação aos italianos.

Analisando os assuntos abordados neste subitem, pode-se dizer que os descendentes de alemães aparecem liderando no que diz respeito à preservação da identidade étnica e lingüística. Podemos dizer que os alemães se identificam mais como alemães que os italianos como italianos. Segundo os alemães, “os que vêm de fora” os vêem como diferentes, enquanto os italianos, apesar de alguns deixarem transparecer esta visão, não observam tanta diferença. Uma possível explicação seria a semelhança lingüística entre duas línguas românicas e a maior proximidade cultural. Na questão da paixão nacional, o futebol, dentre os alemães ainda existem aqueles que torcem somente pela seleção alemã, enquanto os italianos sentem um carinho estimável pela seleção italiana, mas torcem pelo Brasil.

3.1.4 Identidade e diferenças no plurilingüismo

Analisar a constituição da identidade etnolingüística em um contexto plurilíngüe como de Imigrante e Daltro Filho reveste-se de complexidade redobrada devido às próprias condições do bilingüismo. Por um lado, temos a questão do bilingüismo variável dos falantes das variedades minoritárias de cada núcleo; por outro, a questão da descendência étnica predominante. Além disso, há um terceiro ponto, a questão do contato lingüístico e cultural entre as duas comunidades, o que, por sua vez, envolve questões sociais como faixa etária, religião, bem como questões de poder, prestígio e estigmatização. Para desvendar todo esse emaranhado, decidiu-se tratar neste subitem questões que retratam a identidade envolvendo a língua e as diferentes questões sociais acima descritas.

A partir do questionário (ver em anexo) foi possível coletar dados que comprovassem algumas hipóteses e contestassem outras, no que diz respeito ao tema central deste estudo. Partindo do princípio de que a língua é o principal meio pelo qual se expressa a identidade do grupo étnico, o questionário tem como um foco importante, o bilingüismo, ou seja, as primeiras 12 perguntas foram elaboradas com o intuito de coletar dados que comprovassem a influência da língua na constituição da identidade de um grupo nas diferentes dimensões sociais.

Os 24 informantes, selecionados para responder ao questionário, foram, divididos em dois grupos, respeitando o núcleo, ou melhor, a comunidade de cada um.

Os informantes foram classificados como bilíngües de acordo com a tese defendida por Titone (1993) e Mackey (1972) de que “o bilingüismo é um conceito relativo, pois uns são mais enquanto que outros são menos bilíngües, dependendo, no entanto, dos pontos pré-estabelecidos do ser bilíngüe”. Dentre os pontos pré-estabelecidos estão, a princípio, falar, entender, ler, e escrever. Isto não impede que neste estudo pontos como sonhar, calcular, pensar e outros não sejam enquadrados como definidores do bilingüismo. porém de forma superficial.

Como veremos nos quadros 3 e 4 a seguir, estão relacionados como bilíngües os indivíduos que entendem, falam, lêem e/ou escrevem mais de uma variedade lingüística. Isto não quer dizer que o indivíduo que apenas fala ou somente entende a variedade minoritária não seja considerado bilíngüe. Dos 24 informantes submetidos ao questionário, apenas um informante não fala a variedade minoritária. Este é o caso do entrevistado “D-1-m-ita-cat-GII-Cb” (quadro 4 a seguir), que se diz não falante da variedade minoritária, mas que entende tudo o que os outros falam. Pode-se classificar este informante de bilíngüe passivo, ou seja, aquele que entende, mas não fala duas variedades.

O quadro 3 revela o perfil e a situação bilíngüe dos informantes do núcleo de Imigrante. O quadro foi dividido nas quatro variedades lingüísticas em estudo, e estas, por sua vez, foram subdivididas em falar, entender, ler e escrever.

Quadro 3 – Perfil e situação bilíngüe dos informantes de Imigrante (I)

Informantes:	Variável ale				Variável ita				Variável platt				Variável ptg			
	fala	ent	lê	escr	fala	Ent	lê	escr	fala	ent	lê	escr	fala	ent	lê	escr
I-1 -f -ale-lut-GI-Ca	X	X	X	X						X			X	X	X	X
I-1 -m -ale-lut-GI-Cb	X	X	X							X			X	X	X	X
I-2- f -ale-lut-GII- Cb	X	X											X	X	X	X
I-2 -m -ale-lut-GII- Cb	X	X											X	X	X	X
I-3 -f -ale-lut-GI-Cb	X	X	X							X			X	X	X	X
I-3 -m -ale -lut- GI -Cb	X	X	X						X	X			X	X	X	X
I-4 -f -ale -lut -GI -Ca	X	X	X							X			X	X	X	X
I-4 -m -ale-lut-GII- Ca	X	X	X										X	X	X	X
I-5 -f -ale-cat-GII- Ca	X	X	X		X	X			X	X			X	X	X	X
I-5 -m -ale-cat-GII- Cb	X	X											X	X	X	X
I-6 -f -ale-lut-GII- Ca	X	X											X	X	X	X
I-6 -m -ale-lut-GI-Ca	X	X	X	X					X	X			X	X	X	X

Como podemos ver no quadro, os doze representantes do núcleo Imigrante são, na sua totalidade, falantes do, por eles chamado, Deutsch (alemão). Destes doze, oito

alegam ler, e apenas dois dizem escrever, mas com dificuldades, a variedade do alemão “padrão”. Dos oito informantes que alegaram ler na variedade alemã, dois são integrantes da GII e seis da GI. No que se refere à escrita, apenas dois integrantes da GI alegam que sabem escrever em alemão. A partir desta análise, podemos perceber que os descendentes da GI são, em graus de leitura e escrita, mais bilíngües que os descendentes da GII, o que reforça a identidade alemã daquele grupo.

“E: E o senhor sabe ler em alemão.

SG: Si::m eu leio, até:: eu tenho um Gesangbuch né que eu ganhei da minha avó quando fui confirmado que é em letras góticas....”

“E: O senhor sabe escrevê em alemão?

SG: Eu escrevo sim, mais com certeza não coRetamente (riso) certas palavras” (I-6-m-ale-lut-GI-Ca).

Em alguns casos, os descendentes da GI eram submetidos ao ensino confirmatório ou catequese, ministrados em língua alemã, sem contar que alguns ainda foram alfabetizados na língua alemã. O contato com a literatura (bíblia, histórias, hinários) publicados em língua alemã, bem como a participação em grupos de canto coral e de atividades ligadas à igreja e à comunidade em geral, fazem com que os descendentes da GI tenham mais afinidade com a variedade do alemão padrão que os descendentes da GII.

“E: Ok. Tu sabe lê em alemão?

EB: Sim...

E: E Escrevê?

EB: Escrevê também, mas nom o bem coReto né. Porque... na..., no tempo da totrina, nós tinha em alemom um poco né.” (I- 3- m-ale-lut-GI-Cb).

Traços como estes demonstram que os descendentes da GI possuem uma identidade alemã mais arraigada. Isto também é demonstrado pelo valor atribuído à língua e cultura como um todo. Em hipótese alguma podemos dizer que a GII não apresenta uma identidade étnico-lingüística alemã arraigada. Pode-se apenas registrar uma menor adesão às marcas da variedade alemã, devido ao rápido e intenso crescimento e maior prestígio da variedade nacional – o português. Esta expansão da variedade portuguesa em relação a variedades minoritárias encontra sua explicação nos meios de comunicação em massa. Como exemplo, podemos considerar os longos períodos de tempo em que a maioria das crianças ficam expostas a um aparelho de televisão, enquanto que os pais exercem seus ofícios em fábricas, empresas ou até na própria propriedade.

“E: Que legal. E.. como tu aprendeu o português? Tu aprendeu ele em casa ou na escola?

EH: Em casa na frente da televisão. (Risos)

E: Na frente da televisão!

EH: No programa da Xuxa.” (I-2-f-ale-lut-GII-Cb)

Além dos casos de informantes que se comunicam na variedade Hunsrückisch/Deutsch, encontramos, no quadro 3, aqueles que falam e/ou entendem a variedade *Platt*, também conhecida como *Westfälisch*. Esta variedade, embora pouco falada no centro urbano de Imigrante, ainda é muito falada na zona rural do município e, em alguns casos, além do português, ela é a única variedade entendida e falada por algumas pessoas. Esta variedade vem perdendo força entre seus descendentes em decorrência da formação de uma *coine* (Koch, 1974a: 18), que tem o Hunsrückisch como variedade de base, além, é claro, do forte domínio da variedade portuguesa. Em Imigrante, o *Platt* é falado quase exclusivamente entre indivíduos da GI. De acordo com o quadro 3, dos doze informantes que responderam ao questionário, apenas sete dizem entender a variedade e, destes, apenas três ainda a falam. Dos sete informantes apenas um pertence ao GII os outros seis constituem a GI, ou seja, todos os informantes da GI ao menos entendem a variedade *Platt*, embora somente dois se declarem falantes desta variedade. O terceiro e único informante, que se apresentou como falante do *Platt*, é representante da GII.

O intenso convívio entre descendentes de italianos e alemães faz com que haja trocas lingüísticas entre as variedades minoritárias por eles faladas. Registra-se, no quadro 3, o caso de uma informante que, além de falar e entender as duas variedades do alemão, também consegue falar e entender a variedade italiana da região. Casos como este demonstram, por um lado, afinidade, e por outro, pode ser interpretado como uma necessidade intrínseca de se comunicar com o outro. Esta informante explica que aprendeu a variedade italiana através do contato com seus vizinhos, descendentes de italianos. I – 5 – f explica que aprendeu estas variedades satisfazendo as necessidades de comunicação em sua casa e com seus vizinhos. Segundo ela, aprendeu o Hunsrückisch com os pais, o *Platt* com os avós e a variedade italiana com os vizinhos. Atualmente, sente-se muito orgulhosa em saber todas estas variedades, pois na profissão que exerce – bancária - o uso destas variedades a auxiliam e ao mesmo tempo facilitam a comunicação com seus clientes.

“Italiano eu intendo e falo um pouquinho, mais né, como eu não ouço diariamente, então eu não domi::no a língua, mais eu intendo tudo.”

“Meus pais, desde pequenos eles falavam português com nós. Só que sempre português e alemão. Avós falavam alemão sapato de pau com nós e: eu tinha uma vó que me ensinou sapato de pau, a outra me ensinou alemão e meus pais português né. Aí as três línguas cresceram juntas daí né.” (I-5-f-ale-cat-GI-Ca)

Os entrevistados enfatizam que o alemão por eles falado não é o “legítimo alemão da Alemanha”, mas também não sabem designar um nome à variedade por eles falada. Quando questionados sobre o Hunsrückisch, muitos negam ser esta a variedade por eles falada, já outros concordam, mas a unanimidade está em chamar a variedade de “alemão”. Esta variedade ainda é falada por praticamente toda a população descendente de alemães, embora não com tanta frequência entre a atual juventude. Os que mais utilizam a variedade são os representantes da GI. No entanto, isso não elimina o uso da variedade Hunsrückisch pelos representantes da GII. Ambas as gerações, por um lado, sentem-se orgulhosos em falar a variedade, mas, por outro, lastimam pelo contínuo e crescente desinteresse pela mesma em virtude do uso generalizado do português.

“E: Uhum. Eu vejo que aqui em Imigrante muitos jovens que não falam mais o alemão que tu me diz disso.

RP: É, bem por isso, se ia ter talvez no colégio eles iam falá. Porque, a gente às vezes, quando a gente faz festa e tudo a gente fica falando alemão assim na brincadeira né, fica si bobinando e aí... muitos querem falá, mais não sabem falá, e aí a gente pode aproveitar um pouco.” (I-2-m-ale-lut-GII-Ca)

“E: Eu vejo muitos jovens aqui em Imigrante que não... os pais falam alemão ou sapato de pau e eles não falam. O que tu acha disso?

FB: Eu acho uma pena, porque, como eu disse quem cresce ouvindo, não esquece, né. Eu acho uma pena.

E: Claro, claro. E já teve alguma situação que você teve vergonha de saber falá alemão ou de falá alemão?

FB: Não, não assim, muito mais de orgulho que de vergonha. De vez em quando tu trava numa palavra, não consegue, números né, mas assim, muito mais de orgulho do que de vergonha. Quando o pessoal de italiano se reúne e tu tá lá “fala um poquinho em alemão pra nós, como é que consê::gue”. Eles acham muito difícil. E mesmo assim, né... com certeza sempre tive orgulho por entender pelo menos o italiano e falá o alemão um poquinho né. (I-5-f-ale-cat-GII-Ca)

Analisando o uso das variedades minoritárias sob a visão do fator classe social, percebe-se que não há uma disparidade drástica entre Ca e Cb. A partir do quadro 3, identifica-se uma pequena porcentagem a favor da Ca, no que diz respeito à leitura em relação à Cb. Isso se explica pelo fato de a Ca ser formada, principalmente, por indivíduos com um nível de escolaridade mais avançado e com um poder aquisitivo maior comparado à Cb. Em outras palavras, podemos dizer que os representantes da Ca têm um maior acesso à literatura e, geralmente, maior gosto pela leitura que os descendentes da Cb. Os três representantes da Cb, que se dizem leitores, são

integrantes da GI que, enquanto pequenos, tiveram contato com a língua alemã escrita, seja na doutrina, seja na escola.

“EB: Escrivê também, mas nom o bem coReto né. Porque... na..., no tempo da totrina, nós tinha em alemom um poco né.” (I- 3- m-ale-lut-GI-Cb).

“E: e como é que foi na escola?

RB: Ach, foi tificil tepois pra aprende o brasileiro. Plos Deutsch gelernt wó, só no alemón.” (I- 1- m-ale-lut-GI-Cb).

“LH: É, uma ou outra palavra sim, a gente escreve, mas é complicado. É que ler a gente quando criança a gente lia as coisas da vó, da mãe em alemão. Nós tinha a bíblia em alemon. Ehh, estas coisas de bíblia para as crianças, enton isto era tudo em alemon, a gente lia em alemon, agora escrever eu nunca pratiquei.” (I- 1- f- ale- lut- GI- Ca)

É interessante observar que muitos dos descendentes de alemães da GII costumam comunicar-se na variedade minoritária apenas com descendentes da GI. Isso demonstra uma rápida e crescente redução do uso da variedade minoritária/imigrante entre os descendentes da GII.

“E: Mais alemão. E com quem?

RP: É, só com os parenti mais velhu porque primu tudo aí é só português que ninguém sabe falá alemon. Só eu; sou o único neto que sabe fala (...)

E: E quando vem visita, que língua tu prefere usar.

RP: É, aí que ta, se vem os meus parente aí eu falo só alemão, mas se vem aí os meus primo eu não posso fala alemão, mais mais é o alemão, se vem qualquer visita assim é sempre alemão.” (I-2-m-ale-lut-GII-Ca).

“E: (...) E...quando vem visita, que língua tu prefere falá?

CT: Eu prefiro falá português. Agora quando é gente idosa, daí eu falo alemão com eles. Que eles preferem falá alemão né. Até com a minha vó... falo mais alemão.” (I-6-f-ale-lut-GII-Ca)

Todos os traços listados sobre o uso da variedade minoritária/imigrante na comunidade de Imigrante reforçam os indícios de que os descendentes de alemães possuem uma identidade fortemente arraigada aos valores culturais, étnicos e, principalmente, lingüísticos voltada às origens. Esta se apresenta, como vimos, mais acentuada entre os descendentes da GI em comparação aos descendentes da GII.

Vejamos, no quadro 4, como se encontra a situação bilíngüe no núcleo de Daltro Filho, com predominância italiana.

Quadro 4 – Perfil e situação bilíngüe dos informantes de Daltro filho (D)

Informantes	Variável ale				Variável ita				Variável platt				Variável ptg			
	Fala	ent	lê	escr	fala	ent	lê	escr	fala	ent	lê	escr	fala	Ent	lê	escr
D -1 -f-ita-cat-GI-Cb					X	X	X						X	X	X	X
D -1 -m-ita-cat-GII- Cb						X							X	X	X	X
D -2 -f-ita-cat-GII- Cb					X	X	X						X	X	X	X
D -2 -m-ita-cat-GII- Cb					X	X	X						X	X	X	X
D -3 -f-ita-cat-GII- Ca					X	X	X						X	X	X	X
D -3 -m-ita-cat-GI-Cb					X	X							X	X	X	X

D -4 -f-ita-cat-GII- Ca					X	X	X						X	X	X	X
D -4 -m-ita-cat-GII- Ca	X	X			X	X	X						X	X	X	X
D -5 -f-ita-cat-GI-Ca					X	X	X						X	X	X	X
D -5 -m-ita-cat-GI-Ca					X	X							X	X	X	X
D -6 -f-ita-cat-GI- Ca					X	X	X	X					X	X	X	X
D -6 -m-ita-cat-GI-Cb					X	X							X	X	X	X

O quadro 4, novamente encontramos o grupo da GI liderando o domínio da variedade minoritária em relação ao GII. Dos seis integrantes do GII, cinco se dizem falantes da variedade minoritária; no entanto, apenas dois apresentaram-se como falantes “assíduos”, enquanto os outros três falam a variedade minoritária, mas com deficiências, ou seja, eles não detêm um bom domínio de vocabulário. Somente um nega falar a variedade italiana. Tais traços demonstram que a variedade italiana encontra-se mais “aberta” no que diz respeito ao uso e à influência da variedade do português. Os próprios informantes afirmam que a língua portuguesa encontra-se mais difundida entre os jovens em comparação à variedade italiana. O que vem a confirmar a hipótese de que os italianos aderem mais ao português que os alemães.

“LR: ...Que a gente vê quando vai nas festa, se reúne uma turma de alemom e uma turma de italiano. Ma os alemão só falam alemom. os italiano vez não, eles falam o português. Daí eu acho que os alemães ainda, eles, mais...” (D-5- f- ita- cat- GI- Ca)

Entre os informantes do núcleo italiano pode ser observado que praticamente todos se dizem falantes da variedade italiana, com a exceção de um, como já citamos acima, o qual “nega” ser falante, embora durante a entrevista tenha se constatado o contrário. Há, portanto, neste caso, uma característica marcante de negação da identidade através da negação da língua. Ele não somente está negando sua língua como também está negando suas origens e, conseqüentemente, sua identidade. Esta reação que fez com que o informante negasse o domínio da variedade minoritária pode ser relacionada a questões de poder e prestígio, pois o informante é filho de agricultores e tem como profissão alternativa DJ.

“E: E quando vem visita, que língua tu prefere usá?
 RL: Português. Porque italiáno nom me inquadro muito.
 (...)
 E: Roberto, que línguas tu fala em casa?
 RL: Português.
 E: Só português?
 RL: De vez em quandó italiáno. Tá pegándo né.

E: E que línguas tu fala na família em casa?
 RL: Português.” (D- 1- m- ita- cat- GII- Cb)

Os italianos dizem ser falantes apenas da variedade “italiano” Em outras palavras, eles não distinguem, como já foi dito, o vêneto do Bergamasco ou tirolês. Para os informantes, a variedade por eles falada é o dialeto ou ainda o “Talian”, enquanto o italiano da Itália é o “italiano pela gramática”. Da mesma forma que os alemães, os italianos não souberam responder como se chama a variedade italiana por eles falada. Dos doze, apenas três diziam não ser o Bergamasco, também não afirmavam ser o vêneto, mas sim um dialeto.

“SB: A, a gente costuma chamá de dialeto, não é nada de, de, de, Bergama::sco ou coisa assim não tem nada, é o italiano diale::to comum da região aqui no caso.
 E: Vêneto, no caso....?.
 SB: É, eu acho que é o vê::neto que se diz aqui assim.” (D- 4- m- ita- cat- GII- Ca)

Assim como existe a possibilidade de se formar uma *coiné* entre as variedades do alemão, o mesmo pode estar ocorrendo com as variedades do italiano fatos que podem responder, pelo menos em parte, o desconhecimento do nome da variedade falada pelos seus descendentes.

Oito informantes, dos doze entrevistados, responderam que liam em italiano. Destes oito, cinco são da Ca e três da Cb. Percebe-se que, da mesma forma como foi constatado com os descendentes de alemães, também a classe de maior escolaridade vem liderando no que diz respeito à leitura entre os descendentes de italiano. Ao contrário do que havia se imaginado, a classe social mais alta dos descendentes de italianos sente orgulho e prestigia o domínio da variedade italiana. Embora muitos jovens da Ca não detenham o domínio da variedade minoritária, isso não interfere no orgulho que sentem de suas origens.

“E: Teve alguma situação que tu teve vergonha de falá italiano ou de ser italiano?
 RR: Não.
 E: Não.
 RR: Não. Porque inclusive, até na faculdade, primeiro dia a gente tem sempre apresentação né e teve... eu tava sentada mai no fundão, e teve uma guria sentada bem lá na frente. “Ai, eu moro não sei aonde eu so italiana e odeio sê italiana” ela disse, e eu só simplesmente levantei da classe e disse assim: “olha minha filha não fala mal da nossa raça, poque eu valorizo ela muito, eu dô tudo por ele, faço tudo o que for preciso pra ... i me orgulho muito de ser italiana” bati boca com ela, a

genti bateu boca. Todo mundo ficou assim bem, bem sabe, que ela não gostava e eu gostava entendeu, eu gosto.” (D- 3- f- ita- cat- GII- Ca)

Quanto à variável escrita, apenas uma informante da Ca acusa escrever em italiano. Esta informante é sócia majoritária de uma empresa bem sucedida no município. Apesar de não possuir um alto grau de escolaridade, é uma pessoa bem instruída, com um conhecimento de mundo invejável. A informante é muito religiosa e participa ativamente em eventos na igreja e na comunidade. Seus conhecimentos na variedade italiana, segundo ela, foram reforçados com uma recente viagem pela Itália.

“NG: Sabe que nós viajamo um mês e, em Milóm, tinha uns pratos assim, de, de, lu::xo, aquilo era finíssimo, com uma camada dessa fissura de carne cru que cobria o fundo do prato, depois em cima a comida. Única carne de::: reis, sei lá, de gado (riso) qui vimo todo tempo, senóm era só carne de frango, desossado do Brasil....” (D- 6- f- ita- cat- GI- Ca)

Embora esta informante tenha pouca escolaridade, ela dispõe de boas condições financeiras, o que eleva sua condição na classe social. Quando questionada sobre o aprendizado de variedades minoritárias, ela se apresenta muito favorável ao ensino e aprendizagem das mesmas.

“E: A senhora acha importante que os filhos aprendam italiano com os pais em casa?

NG: Eu acho que até deveria ser um dever. Porque eu acho que como a pessoa tem a chance de estudá, sabê as língua também é sabedoria, porque de repente eu sei duas língua eu já mi di muito bem tê saído daqui até na Itália. E provavelmente como o mundo tá indo agora, deveria sabê mais língua, nóm só o italiano.

E: Eu vejo que muitos jovens não falam mais a língua dos pais, ou seja, a língua italiana, o que a senhora me diz disso?

NG: É, falando prus filhos dos otros é difícil, nós nom temo filho, mais os filhos. Acho que, o que que vou dizê. Acho que é uma fala que é mais difícil, agora entre tudo isso que é italiano e brasileiro, a maioria em casa o casal novo fala o português né. Entóm o filho eles deveria se começado assim do começo , porque depois que ele começa a í na aula, daí entóm aquela língua brasileira, português, ele aprende na aula. Ma como mudô que os novos que são italiano, mais nóm sabe muito bem, eles têm dificuldade de passá pros filho certamente tamém né.” (D-6-f-ita-cat-GI-Ca).

Além de ser favorável ao aprendizado da variedade minoritária, temos, na citação acima, um exemplo interessante no que diz respeito às diferenças sociais de cunho geracional. A informante coloca que o não domínio da variedade imigrante não é culpa dos “filhos” (da geração mais jovem), mas sim, o problema já vem de gerações

anteriores, ou seja, os próprios pais já vêm com grande deficiência quanto ao domínio da variedade minoritária. Dessa forma, os pais deixam de passar a variedade minoritária ao filho por ele próprio não a dominar. Outro ponto discutido anteriormente é o caso das escolas que, na maioria das vezes se limitam ao ensino da língua portuguesa e inglesa, estigmatizando a variedade minoritária de imigrantes. A informante cita a importância de saber se comunicar em mais de uma variedade linguística. Ela cita o exemplo de que mesmo falando uma variedade minoritária – no caso a variedade italiana - ela obteve bons resultados, inclusive quando visitou o país de origem dos antepassados.

O ponto de vista da informante condiz com o de outros informantes da Ca. Todos acham importante que os filhos e jovens aprendam a variedade italiana em casa com a família e lastimam que grande parte da juventude atual não consiga se pronunciar nesta variedade. Este fato aponta para um declínio acentuado da identificação dos jovens com a variedade minoritária. O mesmo acontece entre os descendentes da Cb, que valorizam muito a questão do preservar e, principalmente, falar a variedade imigrante, mas também lamentam o crescente desinteresse pela mesma.

“E: Tu acha importante que os filhos aprendam italiano dos pais?

DM: Eu acho, acho muito importante. Eu queria sabê melhor o italiano, acho importante que aprendam.” (D-4-f-ita-cat-GI-Ca)

“E: (...) Tu acha importante que os filhos aprendam alemão ou italiano com os pais em casa?

SB: Aho que é muito importante que aprendam se possível sempre com os pais. Pra podê usá desde a infância isso. Isso só tá reforçando as crianças que tão vindo agora pra frente. Conhecê mais línguas, seja ela alemão, italiano que é da nossa região, sejam outras línguas que seja o que for, mas sempre é bom.” (D-4-m-ita-cat-GI-Ca)

“E: Uhum. Eu vejo que aqui tem muitagurizada que não fala mais o italiano. O que o senhor me diz disso?

AZ: Eu acho que isso ali falta um pouco em casa os pais também. Sabe né, eu acho que tem que mantê um pouco né a:::

E: Sim, e é bonito.

AZ: Lá em casa azjente tem um só. A gente é um pouco sistema antigo ainda, mantê as coisa nada diferente...” (D-3-m-ita-cat-GII-Cb)

A partir dos comentários acima, podemos confirmar que os informantes lastimam o crescente abandono da variedade minoritária. Isso remete ao fato de que eles se identificam com ela como algo que faz parte da cultura deles. Dito em outras palavras, a identidade linguística minoritária dominada está cedendo/perdendo lugar para uma identidade concentrada em uma variedade padrão dominante.

O constante contato entre descendentes de alemães e italianos resulta, muitas vezes, na troca linguística entre as variedades faladas nos dois núcleos. Observando o

quadro 4, dentre os italianos que responderam ao questionário, apenas um se diz falante da variedade da língua alemã, embora a pratique com pouca frequência. O fato de o entrevistado falar uma variedade alemã é respondido por sua mãe ser descendente de alemães e praticar a variedade em casa, com os filhos, desde pequenos.

“SB: Não, não, muito pouca coisa com o pai alguma coisa em italiano... mas... só. Alemão, alguma coisa com a mãe, mas só, brincadeira mais, mais que isso não.”

(...)

“E: Muitos jovens eu vejo que não falam mais o italiano aqui o que tu me diz disso.

SB: Na verdade eles sabem falar alguma coisa, só que como ocorre essa mistura grande de italiano com alemão aqui, acontece aquilo que eu acabei de falar, a família não fala nem italiano nem alemão em casa. Então até talvez saiba falar algumas palavras, mas não têm com quem falar em casa e não conseguiu aprender, porque nunca ouviu ninguém falando, quando ouvia tava fora e não sabia o que significava, não tinha pra quem pedir. Então eu acho que não... por isto que não... essa coisa acontece.” (D- 4- m- ita- cat- GII- Ca).

A fala do entrevistado acima é um exemplo de uma família plurilíngüe, em que o pai é descendente de italianos e a mãe descendente de alemães. Em casos como estes, muitas vezes, os filhos não aprendem nem uma nem outra variedade minoritária, tornando-se, com isso, monolíngües. O monolíngüismo em famílias como estas, geralmente, é eleito como o melhor meio para a comunicação, pois, afinal, é o código através do qual todos se entendem. Nesse sentido, prevalece a variedade de maior prestígio no grupo, enquanto as variedades menos prestigiadas, no caso, as variedades imigrantes, são abandonadas.

Estima-se que o indivíduo que possui a capacidade de pensar em uma segunda língua não só demonstre grandes habilidades como um ser bilíngüe, mas também apresente grande afinidade no que diz respeito à sua identificação para com as variedades lingüísticas dominadas. Neste sentido, foi observado e os dados mostram que os descendentes de alemães, mais uma vez ficaram com uma pequena vantagem. Dos doze informantes do núcleo de Imigrante (alemão), sete informaram que pensam nas duas variedades, enquanto cinco afirmaram pensar somente em português. Já no núcleo de Daltro Filho, dos doze informantes, apenas quatro informaram pensar nas duas variedades, e oito afirmaram pensar somente em português.

“E: (riso) E quando tu pensa, tu pensa em alemão?

EB: Se::m. Tem que ser mais ligeiro.” (I- 3- m- ale- lut- GI- Cb).

“E: E quando você pensa, pensa em italiano ou pensa em português?

DM: Quando eu penso?

E: É.

DM: Não, eu penso em português, eu penso em português as coisas ahã.” (D-4- f- ita- cat- GII- Ca).

O pensar em outra língua pode ser entendido como um reflexo do “se identificar” não só com aquela língua ou variedade lingüística, mas também, identificar-se a tudo o que gira em torno dela, como, por exemplo, a cultura, os costumes, as danças e outros. Além disso, percebe-se que os integrantes da GI são os que mais pensam nas variedades minoritárias. Entre os quatro informantes do núcleo italiano que dizem pensar em italiano, três pertencem ao GI e apenas um pertence ao GII. Sendo assim, cinco do GII se dizem pensar somente em português, e três informantes da GI dizem pensar somente em português. Já no núcleo alemão foram sete integrantes que informaram pensar em alemão. Destes, cinco, pertencem ao GI e dois ao GII. Por outro lado, cinco informantes informaram pensar somente em português, distribuindo-se em um integrante da GI e quatro da GII.

Quanto à questão do pensar em uma variedade minoritária, os descendentes de alemães novamente lideram com alguma vantagem sobre os descendentes de italianos. Isto não quer dizer que os italianos não pensem na variedade minoritária, mas sim, em proporções inferiores aos descendentes de alemães. Este fato remete aos traços identitários, ou seja, a questão de pensar em uma variedade minoritária reforça ainda mais a identidade do indivíduo em relação ao uso de determinada variedade.

3.1.5 Traços lingüísticos de identidade no português de contato

Início esta subseção com a seguinte citação:

“(…) E enquanto Pedro estava ali, uma das criadas lhe disse: ‘Você também é um deles.’ Ao que Pedro, naturalmente, (e de acordo com a profecia de Jesus, poucas horas antes) se pôs a negar enfaticamente. Mas as pessoas ao seu redor insistiam: ‘Ah, sim, você também é: **a tua fala te denuncia.**’: Língua tua manifestum te facit (Mateus: 26: 73). Desse modo é que lá estava ele, revelado por sua língua como pertencente a um determinado, e não muito respeitado, grupo étnico, o dos galileus, e ainda associado a alguém que estava prestes a ser condenado por alta traição e, depois, executado.” (Mey, 1998: 71)

Partindo do exemplo apresentado por Mey de que “a fala denuncia o indivíduo” e de acordo com os depoimentos coletados nos núcleos de Imigrante e Daltro

Filho, é possível afirmar que existe uma diferença no que se refere ao português de contato entre os dois núcleos.

“E: E a senhora acha que tem diferença entre o português falado em Imigrante e aqui de Daltro Filho?

IG: Tem, tem.

E: A senhora saberia me dizÊ o quê, por exemplo.

IG: Em Daltro Filho eles pegaM mais o TACO de italiano Imigrante mais brasileiro.” (D-1-f-ita-cat-GI-cb)

“E: E tem alguma diferença entre o português falado em Imigrante e o português falado em Daltro Filho?

LH: Acretito que sim. Eu acho que nós aqui na parte, na sede pra paixo, falamos mais com sotaque alemão. Se esse é o termo que se usa, não sei. E os italianos têm um sotaque italiano. A genti, falando com uma pessoa por exemplo, esses vendedor de PATATA que passa em casa, falando c’essas pessoas a genti logo sabi que é um italiano.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca).

Uma característica quanto ao uso do português e das variedades italiana e alemã é que a grande proporção de indivíduos, geralmente os mais jovens, consideram-se falantes da variedade minoritária e orgulham-se disto, mas não a exercem quando em contato com a comunidade.

“E: O que tu acha daquelas pessoas pessoas que sabem falá italiano mas que preferem falá o brasileiro.

IA: Ó, isso depende que elis, tá de pequeno, de repente eles só falava italiano, depois foróm crescendo elis foram pa as iscola aí era só brasileiro né. uma vez era... entóm se acostumaró nesse rítimo e tóm levando nesse ritimo tamém. Porque eu acho céрто, se eu tenho o italiano no lado e um alemóm, se eu falá só o italiano com meu amigo italiano isso fica muito feio po alemóm né, que tá ali junto, eu acho.” (D-5-m-ita-cat-GI-Ca)

Como já mencionamos anteriormente e reforçamos na citação acima, os italianos alegam sentimento de respeito para com aqueles que não entendem a variedade; no entanto, o que pode se observar são situações em que o jovem é impulsionado pelo prestígio e estigma das variedades, em especial os descendentes de italianos, que normalmente falam a variedade minoritária unicamente com familiares e dificilmente com estranhos. Por outro lado, os dados mostram que os descendentes de alemães são mais ousados. Mesmo falando com estranhos, muitas vezes, caem para a variedade alemã, o que denota uma maior adesão ao bilingüismo e, ao mesmo tempo, uma maior identificação com o grupo alemão. Quando os alemães se encontram no seu meio, o *code-switching* é algo constante e inconsciente. Esta troca de código ocorre tanto quando a interação é em português, quanto na variedade alemã. Somente uma

diferença pode ser observada em relação à faixa etária. Os mais velhos falam muito mais a variedade alemã e usam o português na troca de código somente quando desconhecem algum termo na variedade alemã. Quando os mais velhos estão interagindo na língua portuguesa, a tendência de fazerem o *code-switching* com termos da variedade alemã é muito maior. Já os descendentes de alemães ditos “mais novos”, da GII, que ainda interagem na variedade alemã, tendem a usar mais termos em português. E quando a interação se procede no português, dificilmente fazem o *code-switching* usando vocabulário na variedade alemã. Através destes fatos conseguimos abstrair que as variedades do alemão estão perdendo força, embora, em Imigrante, ainda encontremos um número expressivo de falantes dessa variedade.

“E: E se a visita só fala português?

RB: Ó, volta e meia sai o alemon no meio... (risos)

E: (risos) Ele sai automático.

RB: Já::, de kommt mit.”

(...)

“RB: Si::m, istu si vê. Normalmente o:: alemon, de ist Heller wie de bresiliana so naquele sentido, mesmo o gringo, tanto faiz, mais sinn einfach Heller...”

(...)

“RB: Ja, eu sei falar um pouco aber nét viel.” (I-1-m-ale-lut-GI-Cb)

“E: Se a visita só fala português, que língua tu fala assim...”

EH: Se ela só fala português eu falo português, porque se eu falar alemão ela não vai sabê na::da.

E: Mas nunca te aconteceu de tu entrar no alemão e a pessoa não sabê falá.

EH: Não, não aconteceu de eu falá com uma pessoa aqui em casa, mais já aconteceu de eu falá com um piá CRI::NGO que não entendia nada de alemão” (I-2-f-ale-lut-GII-Cb)

Em relação à variedade italiana, as ocorrências de *code-switching* são encontradas em menor escala, isto é, os descendentes, falantes de italiano, na sua grande maioria, não têm o hábito de interagir na variedade minoritária com tanta intensidade quanto os falantes da variedade alemã, principalmente quando se trata da geração mais jovem. Estes, na maioria das vezes, sequer falam a variedade ou preferem não demonstrar que a falam. São raros os casos em que se percebe alguma ocorrência de *code-switching* durante a interação em língua portuguesa entre descendentes e falantes da variedade italiana. Por outro lado, é mais fácil a ocorrência de *code-switching* – para o português – quando a interação se dá na variedade minoritária (italiana). Em outras palavras, podemos perceber entre os entrevistados que é mais fácil um descendente de italiano trocar o código do italiano para o português que do português para o italiano.

Estas observações apontam para o aportuguesamento e o abandono da variedade italiana por parte dos seus descendentes.

“E: Pode falá em italiano.

IA: Manjá polenta, beber vin, manjar salám, murcílíe. É qui mistierle caça tamém, pescá tamém...

E: E, assim, como é que é um italiano assim?

IA: Um italiano é, mais cum é que ’l é mas morenot, cusito. Qui alemáni é biánqui, talian é poquin diferent.” (D-5-m-ita-cat-GI-Ca)

Quando questionados sobre quem fala melhor o português, em ambos os grupos a maioria se autodenominava melhor falante do português. Dos doze informantes do núcleo alemão, seis disseram ser os descendentes de alemães quem melhor falava o português, cinco mencionaram ser os italianos e um coloca que ambos falam com dificuldades. Já entre os descendentes de italianos, sete colocaram que o italiano fala melhor o português, enquanto apenas dois citaram os descendentes de alemães como melhor falantes do português e três colocam que ambos têm dificuldades ou não vêem diferença. O fato de a maioria dos grupos apontarem o seu grupo como detentores do melhor português, demonstra que o domínio da variedade portuguesa é grande em ambos os grupos. Por outro lado, a indicação do seu grupo como “melhor falante de português” pode ser visto como um “desejo” de que seja assim. Afinal, o domínio do português é recomendado como fator de prestígio social.

“E: E assim de modo geral, quem fala melhor o português o alemão ou o italiano, na tua opinião.

LH: Eles TIZEM que eles falam melhor.

E: Eles, os italianos?

LH: Os italianos. Os que eu convivo e conheço. Eles, pra eles a gente nota que eles acham que a gente fala errado, fala mal. Agora eu não sei até que ponto isso é errado, isso eu não sei dizer. Agora na minha opinião eu acho que isso é INTIFERENTE. Assim como, tem aqueles nossos alemães, que falam no meio palavras que nem nósso e ... sabe. Eu acho que os italianos também tem algumas palavras que eles exageram em algumas ...en-to-na-ções, sei lá. Mais nós, meu Deus nós temos muita gente assim que fala perfeitamenti português e que é de origem alemã.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca).

O avanço e o domínio da língua portuguesa em relação ao uso de variedades minoritárias é uma questão que vem se prolongando e agravando há vários anos. Dados coletados nos núcleos de Imigrante e Daltro Filho comprovam que muitos indivíduos da GI aprenderam o português em casa com os pais, pois as variedades minoritárias – alemã e italiana – haviam sido proibidas pela política de nacionalização implantada pelo governo do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1938 (Altenhofen, 2004: 84).

“E como o senhor aprendeu o brasileiro?”

IA: Óia, im casa nós aprendemo tamém né. porque quando nós começemo a í na aula, nós nám podia falá italiano na aula. Aquilo era tudo né, entóm já os pais já ensinaru em casa né. brasileiro.” (D- 5- m- ita- cat- GI- Ca)

“E: E como a senhora aprendeu português?”

MP: Na escola.

E: Em casa só falava....

MP: Em casa só falava em alemom. Eu sabia, por isso o meu português não é o coReto assim, porque a gente falava mu::ito alemom em casa. Eu entrava na escola eu não sabia falá em português. Aí eu muitas vez tava em castigo porque eu falava em alemom, porque a gente nom era mais pra falá em alemom na escola. E muitas veis eu tinha que i de castigo.” (I- 4- f- ale- lut- GI- Ca).

Ao falar o português/brasileiro, pode-se caracterizar alguns traços típicos que identificam os descendentes de alemães e italianos⁹. Dentre os traços que mais se destacam está a não-palatalização de /d, t /, a realização de /a/ diante de nasal, a não-distinção fonológica no uso da vibrante /r/, desonorização das consoantes sonoras, a realização do ditongo nasal /ãõ/ como[õ] bem como realizações peculiares das laterais /l, lh/. De modo geral, estas características são mais comuns entre os integrantes da GI, devido à maior influência da variedade minoritária, comparativamente aos descendentes da GII.

Os traços acima podem ser encontrados nos dois núcleos, exemplos desses traços mencionados são expressos pelos informantes como marcas de identidade dos alemães e italianos:

“E: Teria um exemplo pra me dar.

DM: Deixa eu pensá. ... deixa eu vêr uma palavra que as pessoas costumam falá que eu perce::bo. Deixa eu vêr, como é que a Aline me disse esses dias... eu tô, eu tô, como é que ela disse...ela não disse apavorada, mais é uma palavra assim, no mesmo sentido. Ai, a troca do D pelo T, umas coisas assim, né o italiano não, ele não faz isso.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca).

“RP: A:: têm porque a gent fala de um jeito e eles lá tipo... puxam mais o português prum italiano assim **rrrã**, assim o **ERE** deles é be::m mais forte que o nosso, apesar que o nosso é forte mais o deles é mais. Eles falam **GRR::I::NGO::** eles falam assim bem stranho assim. Que tem diferença, tem.” (I-2-m-ale-lut-GII-Cb).

“E: Tem alguma diferença entre o português falado aqui em Imigrante e o de Daltro Filho?”

FB: Um poco tem, depende a pessoa né, fala assim “um grandalhóm” sabe, os italianos, eles, eles, fazem um... Falam mais rápido, e, e, assim, né sotaque, o sotaque fica.” (I-5-f-ale-cat-GII-Ca).

⁹ Estes traços típicos aqui referidos caracterizam os descendentes de alemães e italianos dos núcleos em estudo, mas isso não impede que estes mesmos traços não sejam característicos de outras comunidades ou grupos sociais.

Como podemos ver acima, as marcas de identidade alemã ou italiana através do uso da variedade portuguesa são características apontadas pelos próprios entrevistados. Estas características também podem ser comprovadas com trechos extraídos das entrevistas com eles realizadas.

“IG: O brasileiro a gente escreve mais das vezes pelo **sobreno::me**, sempre tem um **sobreno::me** mais **cumpri::do**. **Entóm** a gente sempre acha esse é brasileiro. Um pouco difere também do **italia::no**.” (D-1-f-ita-cat-GII-Ca).

A realização da vibrante /r/, a realização do ditongo nasal /ãõ/ e a realização das laterais /l, lh/ são marcas que identificamos como comuns entre os dois grupos, ou seja, estas marcas identificam tanto os descendentes de alemães quanto os descendentes de italianos e são encontradas em abundância na fala dos entrevistados. Por outro lado, são exclusivos de um grupo ou outro, por exemplo a desonorização das consoantes sonoras em relação aos falantes de alemão (chente, terepente) e a realização das fricativas /ʃ, ʒ/ com [ʃ, ʒ] pelos falantes de italiano (zente, cassias). Estes traços expressam mais fortemente a identidade étnica e lingüística de cada grupo.

“(…) Falamos português, mas **terepepe** aparece uma palavra **alemóm** no meio isso não saberia dizer.

(…)

LH: Isso eu não saberia dizer, porque tem pessoal **tescendência alemóm** porque na minha cabeça o **alemóm** é evangélico e o italiano é católico.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca).

“EB: Dá, mais isso é uma coisa que, que, a **chende nom** é racista e nada né, mais um nego, um brasileiro nunca tem tanta confiança né, parece um **tradiçom** nossa que a gente levo né. Isso nunca a chente tem tanta né. E:: tu vê, até nos estudo a chente vê. Estes **tia** eu tive lá em Ivoti né, teve **formaçom** dos rapaiz né, **entom** lá **nom** tinha nem um, vamos dizer, moreno **chundo**. Tudo, tudo pranco. Até sobrenome tinha né, de brasileiro né, mais é tudo né, tudo cor branca né. Iсту chá se vê né que pra estudo né, que o pranco ele é mais pra estudo, ele presta mais **atençom** e tudo e que ele qué aprendê né.” (I-3-m-ale-lut-GI-Ca).

“IG: A gente torce sempre pro **Brasil** porque mo:ra no **Brasil** né. Brasileiro então vai pro **Brasil** mesmo.” (D-1-f-ita-cat-GI-Cb).

“IA: Tamém. Aqui é mais **inrola::da** a coisa. Us da cidade elis fala mais **coREto** na cidade, porque elis também elis estudam mais.” (D-5-m-ita-cat-GI-Ca).

Estes traços não só identificam os dois grupos entre si, como também os diferenciam em relação a outros grupos, essencialmente falantes nativos do português. Ou seja, “os traços na língua portuguesa os denuncia”. Evidentemente, seria desejável uma descrição mais detalhada da dinâmica de identificação dessas variantes

identificadas com ambas as etnias. Para o âmbito deste estudo, nos limitamos a mostrar a sua importância na constituição e expressão da identidade étnica e linguística dos membros da comunidade, ficando o seu aprofundamento para um estudo futuro. De qualquer forma, alguns aspectos serão analisados mais adiante.

3.1.6 Relação da língua com outras marcas identitárias

A língua não é a única marca de identidade de um grupo, mas em muitos casos é através dela que outras marcas identitárias se manifestam. Segundo Földes (2003), a língua é um constituinte central, mas não é o único marcador étnico-nacional de um grupo.

“Sprache ist mithin ein zentrales, aber keineswegs das alleinige konstitutive Merkmal einer ethnisch-nationalen Gruppe.” (Földes 2003: 183)

Em muitos casos a língua perde a função de marca de identidade para fatores como os aspectos físicos, a religião, grupos folclóricos, estilos de construção – enxaimel – modos de se vestir, enfim, várias outras marcas que, além da língua, identificam um grupo.

Um dos fatores que, neste trabalho, merece ser citado é a questão do nome atribuído ao município. A partir do nome Imigrante já é possível ter uma noção da formação da população e, de certa forma, da identidade deste município. No entanto, o nome atribuído ao município de Imigrante justifica a sua população ser formada principalmente de descendentes de alemães e italianos. Dito em outras palavras, a identidade étnica do município de Imigrante encontra-se refletida em seu próprio nome. Da mesma forma, cito os municípios de Teutônia e Westfália, que, a partir do nome, nos remetem à imigração alemã no estado. Antes de se emancipar, a atual Imigrante tinha o nome de Arroio da Seca, por muitos conhecida apenas por Seca. Este nome ainda hoje é muito usado pela população do município, bem como pela população dos municípios vizinhos.

“AZ: A acho que sim. Ele tava muito nas deretoria ali no colégio. Aí na **Seca** elis conheci eli muito bem, inté ele fala naquela rádio nova.” (D-3-m-ita-cat-GI-Ca)

“SB: Não, o alemóm, na sua maioria é evangélico né. E o italiano é praticamente todo ele católico, mas nós temos o nosso caso aqui que o pessoal

que é de origem alemã que é daqui de perto, é católico porque aqui nós só temos a igreja católica, mas por exemplo em **Arroio da Seca**, tem italiano, provavelmente tem italiano, descendente de italiano que é evangélico. Assim como têm descendente de alemão que é católico. Que é o que acontece aqui também né.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca)

Para obter dados que evidenciassem características identitárias dos descendentes de italianos e de alemães, os informantes foram solicitados a descrever um descendente típico de sua etnia. No quadro a seguir, encontram-se listadas as principais características que, segundo os informantes, identificam os italianos e alemães dos dois núcleos.

Dentre as identificações mais citadas pelos informantes estão a língua ou o modo de falar e os aspectos físicos. Dos doze descendentes de alemães, apenas seis citaram a língua como algo que os identifica, enquanto dos doze descendentes de italianos, todos citaram a língua como um fator de identificação. Em seguida, os informantes mencionam os aspectos físicos e fisionômicos como fatores de identificação. A partir desse quadro, temos um panorama sobre a visão dos informantes no que se refere à identificação dos descendentes das duas etnias em questão. Questões como jeito de caminhar, teimosia, vestimentas, jogos e a tradição de ingerir bebidas alcoólicas (cerveja), principalmente por parte dos descendentes de alemães, também foram mencionadas como traços identitários.

Quadro 5: Quadro com os principais traços que identificam um alemão e um italiano na visão dos informantes

CARACTERÍSTICAS	ALEMÃO	ITALIANO
Na fala ou língua	6	12
Físico	6	4
Jeito de caminhar	2	2
Vestimentas	1	1
Psicológicas (teimoso, seguro...)	2	1
Bebidas	4	
Jogos	1	

Os descendentes de italianos, apesar de estarem mais abertos às influências da variedade portuguesa, como vimos nas subseções anteriores, são os que em maior número mencionam a língua como principal fator na identificação de seus descendentes, enquanto os descendentes de alemães, apresentando-se mais conservadores e mais

fechados às influências da variedade portuguesa, são os que em menor número afirmaram a língua¹⁰ como principal meio de identificação dos seus descendentes.

“E: e como é que tu me identifica um italiano típico daqui, desta região?

SB: É, a gente fala que o italiano é mais cabelo escuro, pele escura, tem italiano loiro também, mas normalmente o italiano é mais troncu::do. Normalmente maiorzão de corpo, cabelo escuro, todo mundo é meio parecido. Não tem uma diferença muito, claro tem diferença, mas todo mundo tem um esTllo meio parecido de, de vida. Eu acho por esses aspectos dá pra identificá, ... claro que a gente se erra, com certeza, várias vezes, mas dá pra identificá acho que por esses aspéctos, **principalmente na hora que tu conversá com alguém. Não pscisa nem falá em idioma, mas fala em português tu já vai sabê diferenciá.**” (D- 4- m- ita- cat- GI- Ca).

“DM: Esse diferente.. os italianos acho que tem assim algumas características, algumas maneiras de pensá, algumas discriminações né que identificam eles. Algumas coisas diferentes. Por exemplo, eu acho, eu vejo o alemão como sendo assim cabeça mais abe::rta, mais permite mais as coisas, aceita o diferente com mais naturalidade. O italiano é mais fechado, o italiano não aceita muito. Acho que quando apareceu, por exemplo, o beijo na novela né eu acho o alemão deve ter feito isso muito mais fácil que o italiano. Acho que nesse sentido o italiano é bem mais fecha::do, sabe tranca::do, não aceita as coisas tão fácil assim.” (D- 4- f- ita- cat- GI- Ca).

Além das marcas citadas acima, encontramos a religião que, na sua grande maioria, principalmente nos dois núcleos, pode ser vista como um marco divisor entre descendentes de italianos e alemães. Os descendentes de italianos são, na grande maioria, católicos, enquanto os descendentes de alemães são luteranos muito embora já existam descendentes de alemães freqüentando a igreja católica, assim como descendentes de italianos freqüentando a igreja luterana¹¹. Percebe-se, nas famílias mais tradicionais, a existência de uma pequena rivalidade entre italianos (católicos) e alemães (luteranos). Esta rivalidade não é perceptível entre as gerações mais novas. Por um lado, isso se explica pelo fato de a religião perder força entre a juventude, tornando-se algo sem grande valor. Os jovens argumentam que a religião é importante, mas não é por causa dela que irão gostar ou deixar de gostar de alguém, o que demonstra que ela está perdendo força como marca de identidade.

Outra marca de forte significado para a manutenção/substituição da identidade de um grupo são os constantes casamentos exogâmicos, comuns nos dois núcleos. A

¹⁰ Os informantes foram questionados em relação à Língua Portuguesa e suas variações nos dois núcleos.

¹¹ “SB: Não, o alemóm, na sua maioria é evangélico né. E o italiano é praticamente todo ele católico, mas nós temos o nosso caso aqui que o pessoal que é de origem alemã que é daqui de perto, é católico porque aqui nós só temos a igreja católica, mas por exemplo em Arroio da Seca, tem italiano, provavelmente tem italiano, descendente de italiano que é evangélico. Assim como têm descendente de alemão que é católico. Que é o que acontece aqui também né.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca)

maior parte destes casamentos são formados por homens de descendência italiana com mulheres de descendência alemã. Dados semelhantes foram encontrados por Koch (1974: 40), que resultam em um enfraquecimento quanto ao uso da variedade minoritária resultante destes casamentos. Os casamentos entre homens de descendência alemã com mulheres de descendência italiana são mais raros. Isto demonstra que as mulheres de descendência italiana são mais arraigadas às suas origens, enquanto as mulheres de descendência alemã aceitam o “outro” sem maiores restrições ou, em outras palavras, são mais abertas à mudança. É evidente que, para obtermos resultados mais claros, é necessário investigar mais a fundo várias outras questões que envolvem o tema. Como este não é o assunto desta dissertação, fica como uma sugestão para trabalhos futuros.

“E: Muitos jovens eu vejo que não falam mais o italiano aqui o que tu me diz disso.

SB: Na verdade eles sabem falar alguma coisa, só que como ocorre essa mistura grande de italiano com alemão aqui, acontece aquilo que eu acabei de falar, a família não fala nem italiano nem alemão em casa. Então até talvez saiba falar algumas palavras, mas não têm com quem falar em casa e não conseguiu aprender, porque nunca ouviu ninguém falando, quando ouvia tava fora e não sabia o que significava, não tinha pra quem pedir. Então eu acho que não... por isto que não... essa coisa acontece.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca)

Muitos informantes caracterizam os descendentes de italianos pelo ato de falar rápido e alto, além de xingar com palavras na variedade italiana, o que, a priori, pode ser considerado algo bem comum. Estas características, segundo os informantes, não são encontradas entre os descendentes de alemães. Embora festeiros, os alemães são considerados menos barulhentos. No entanto, podemos considerar traços como estes bem específicos de cada grupo, o que os diferencia um do outro e, ao mesmo tempo, identifica cada um dentro do seu grupo.

“IA: Eu acho que ele tem um sistema um pouco diferente do que o alemão e o brasileiro assim. Ele caminha um pouco mais e fala mais também.

E: Fala mais.

IA: Fala mais, eu acho. O italiano tem mais garganta. (riso)” (D-5-m-ita-cat-GI-Ca).

Quanto à música, os informantes alegam que os alemães preferem mais as músicas de bandas – polcas, marchinhas, valsas – enquanto os descendentes de italianos preferem as músicas tradicionalistas gaúchas – xote, vaneirão, chamamê – e dão preferência ao acompanhamento de uma gaita. Um fato que chamou minha atenção foi

em uma missa em homenagem ao dia das mães – maio de 2003 – na igreja de Daltro Filho: todos os hinos cantados na missa tiveram o acompanhamento de uma gaita, o que, em outras igrejas, principalmente luteranas, é representado por um órgão ou piano. Usar uma gaita para animar festas e inclusive nas missas pode ser visto como um traço que identifica os descendentes de italianos e ao mesmo tempo os diferencia dos alemães.

“RL: Jovem, pelo que eu vejo, do lado italiano gosta mais de roque né... e... o alemão já gosta mais de um dancezi...nho, uma coisa assim né. E daí as pessoa mais idosa gosta mais de banDinha, os alemão e us italiano gosta mais de vanerão, de gauchesca né.” (D-1-m-ita-cat-GII-Cb).

“E: A música?

RP: Também, o alemão gosta destas PANDINHA assim, o italiano não” (I-2-m-ale-lut-GII-Cb)

Nas festas, percebe-se que o alemão é mais festeiro se comparado com o italiano. Os informantes alegam que o italiano é mais de conversar com amigos em grupinhos pequenos, é mais reservado, enquanto o alemão é mais de dançar, de falar um pouco com todo mundo.

“E: E as festas?

DM: Tamém, com certeza. As festas também. Uma coisa que eu percebo, não sei se tu vais concordá comigo, por causa de toda a tua pesquisa tu já deve tê percebido também muitas coisas, mais eu percebo que as festas lá na região italiana, eles não SÃO assim TÃO festE...ros, são de conversá e conversá a...lto, o italiano conversa a...lto, ele não conversa baixinho. Então as vez eu tenho que me controlá aqui porque acho que os vizinhos ouvem minhas conversas. Eles têm o hábito de conversá, de né... mais eu acho que o alemão é mais solto. O alemão dança mais, o alemão se solta mais, o alemão conversa mais com todo mundo assim, não é di ficá mais... Parece que o italiano é um pouquinho mais reservado nesse sentido.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

Além das características mencionadas na citação acima, temos no quesito festa, a diferença da culinária. Em se tratando de uma festa no núcleo alemão, geralmente o cardápio principal é o churrasco, acompanhado de salada de batatas – maionese – e as cucas. Outras saladas, inclusive comidas como arroz, massa e molho também acompanham, mas não são tão importantes. Já nas festas no núcleo italiano, encontramos, além do churrasco, da salada de batatas e das comidas acima descritas, a sopa de capelleti, a polenta e o pão caseiro substituindo a cuca. Estas comidas diferenciam os descendentes de italianos dos descendentes de alemães. Não poderia deixar de mencionar que nas festas de italianos não falta, além da cerveja, o tradicional vinho, enquanto nas festas de alemães dificilmente esta bebida é servida.

Quando questionados em relação à casa, a grande maioria salientou que a mesma é uma marca de identificação entre italianos e alemães. O principal argumento foi o de que as casas dos descendentes de italianos são mais coloridas em relação as casas dos descendentes de alemães.

“E: Posso identificá, aqui mora um italiano, aqui um alemão?”

RL: Sabe porque, por causa da cor.

E: Como assim?

RL: Os italiano mete cor de por tudó.” (D-1-m-ita-cat-GII-Cb).

“E: E a casa? Você já disse antes

NR: É, da cor dela.” (D-2-f-ita-cat-GII-Cb).

“E: Comum. A casa, eu consigo identificá...”

DM: A casa consegue, geralmente o italiano faz a casa com porã::o, usa cores mais fortes, né, mais vivas.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

Além do colorido, destacou-se que as casas dos italianos geralmente possuem um porão, principalmente as construções mais antigas. Nestes porões é armazenada a produção de vinho, queijos, salames produzidos na propriedade. As casas construídas atualmente não seguem mais este estilo de construção, visto que poucos são os que fazem seu próprio vinho para consumo, assim como queijos e salames.

“E: E a casa, através da casa eu consigo identificá?”

SB: A:::, normalmente tu consegue. Pela casa é a maneira mais fáciL, sem tu conversá com ninguém é tu olhá pela casa. O alemão normalmente, mais, um pouco mais tempo atrás fazia aquelas casas cum cozinha separa::da, de, de, de sala e..., digamos, cozinha separada de qua::rtos, cum uma areazinha aí no me::i. Faz aquelas casas com aquelas viga de madeira pintada de cor diferente da ca::sa. São coisa que italiano não costuma fazê. A casa de italiano normalmente tem um porão ele pode, pra guardá o vi::nho. Mas isso digamos de um pouco tempo atrás né. Hoje já sim é, já não são os donos da casa que fazem ela. Alguém já, pessoal já manda fazê a casa e naquela época eles faziam, então eles faziam de acordo com o costume que trouxeram de lá. A nossa cas tem que sê assim, assim e assim porque lá se fazia assim e aqui vai sê feito assim. Então aí identifica o italiano do alemão, sem dúvida.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca).

“E: A sua casa?”

RP: Também dá pra vê. Porque a casa de um alemom é mais, sei lá, uma casa mais velha assim pintada com umas listas pretas assim. Tu vê que que é uma casa de alemão assim.” (I-2-m-ale-lut-GII-Cb).

Já as moradias dos descendentes de alemães são caracterizadas pelas construções no estilo enxaimel, algumas casas são divididas em duas, com a cozinha separada do restante da construção, como vimos na citação acima. Estas características dificilmente são encontradas em construções mais recentes. Como podemos notar, com estas características encontradas nos estilos de construção da casa, os próprios informantes colocam que “sem tu conversá com ninguém” conseguem identificar se é

um italiano ou um alemão. É a partir destas marcas que a língua perde seu poder de identificação do grupo.

Atualmente, nas gerações mais recentes, os nomes deixam de ser uma marca forte na identificação do indivíduo com o grupo. Esta marca ainda está presente em gerações mais velhas, cujos nomes “Giusepe” ou “Reinoldo” apontam claramente para a descendência italiana e alemã, respectivamente. Percebe-se que os nomes estão seguindo o mesmo caminho da variedade minoritária, ou seja, o uso de nomes que aparecem na televisão, na mídia, estão tirando o lugar dos nomes que muitas vezes passaram de família para família.

”E: Uhum. E os nomes?

DM: Nos nomes também:m... Ago:::ra eu acho que as coisas já tão mudando um pouco, a coisa tá ficando mais comum assim. Mas a gente percebe com os nossos pais, nossos avós, que os nomes dos italianos, são nomes que são originários de italianos, da Itália, de antepassados. Já os nomes dos alemães acontece a mesma coisa, então eles são, eles têm bastante diferença.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

“E: E os nomes identificam?

FB: Os nomes, os italiano sempre tem nome de santo. Né, Fernanda Maria de Fátima. No alemão já não é tanto nome de santo. É porque não acreditam. Também evangélico.” (I-5-f-ale-cat-GII-Ca)

Enfim, se a identidade está garantida por diversas outras marcas identitárias, há uma possibilidade maior de abandonar a língua, ou seja, dispensar a língua da função de identificar o grupo.

3.2 Papel da identidade étnica no uso e manutenção da língua minoritária

Estima-se que a identificação de um indivíduo com um grupo venha a se refletir em questões envolvendo o uso e a manutenção de uma língua ou variedade lingüística. No momento em que um indivíduo se identifica com determinado grupo, ele estará automaticamente aderindo aos costumes, à cultura e principalmente à variedade lingüística falada no grupo.

Prevendo que a identidade mais ou menos arraigada dos informantes de Imigrante e Daltro Filho resultasse em um maior ou menor uso da variedade minoritária, foram elaboradas questões que os levassem a argumentar sobre qual a variedade lingüística preferencialmente utilizada em dois meios distintos: no meio familiar e em rodas de amigos.

Os dados coletados mostram que dos descendentes de alemães apenas duas entrevistadas da GII preferem comunicar-se na variedade portuguesa, enquanto os outros dez afirmam se comunicar preferencialmente na variedade minoritária no ambiente familiar. Isto demonstra que a identidade dos entrevistados vem refletida na manutenção da língua do grupo.

“E: Que línguas tu costuma falar na família?

JG: Alemão.

E: Alemão, e com quem?

JG: Com a mãe e com o pa:i. Mais o pai já é mais, o pai as veiz cai pro português essas coisa.” (I-5-m-ale-cat-GII-Cb)

Os descendentes do núcleo italiano também falam a variedade italiana no ambiente familiar, porém não com tanta frequência como observado no núcleo alemão. Dos doze entrevistados, seis dizem que a variedade minoritária predomina no ambiente familiar, enquanto seis informam que a variedade portuguesa detém o domínio. Destes seis informantes que dizem falar mais na variedade minoritária em casa com a família, quatro são integrantes da GI e dois da GII, enquanto dos entrevistados que dão preferência à variedade portuguesa, quatro são integrantes da GII e dois da GI.

“E: E que línguas tu costuma falá com a família em casa?

IA: Noventa por cento é brasileiro, dez por cento é italiano.” (D-5-m-ita-GI-Ca).

Na questão que abordava a língua utilizada quando recebiam visita, percebeu-se uma pequena diferença entre os dois núcleos. Oito descendentes de italianos dizem que preferem falar o português quando vem visita e apenas quatro declararam ter preferência pela variedade italiana. Já os descendentes de alemães, dos doze, apenas um prefere falar o português, enquanto os outros onze dão preferência à variedade alemã. Destes onze temos três informantes que destacaram ser indiferente se a visita fala alemão (Hunsrückisch) ou Platt, o que interessa é que não é o português. Tanto os descendentes de italianos quanto os de alemães colocam que para eles não é importante em que variedade irão interagir, muito embora prefiram dialogar na variedade minoritária. No entanto, ainda existem indivíduos, principalmente entre os descendentes de alemães, que gostam de falar mais alemão, inclusive quando seu interlocutor não é bilíngüe nesta variedade.

“E: Uhum, já sicher... E quando vem visita qual é a língua que tu usa ou prefere usar...

RB: Já so:: oitenta por cento é o alemon já né, se é alemon, se é prasilero né, cha muda né.

E: E se a visita só fala português?

RB: Ó, volta e meia sai o alemon no meio... (risos)” (I- 1- m- ale- lut- GI- Cb)

“E: E se a visita só fala português.

LH: Ai... Falamos português, mas TEREPENTE aparece uma palavra alemão no meio isso não saberia dizer. É que eu tenho essa idéia, eu falo as vezes o alemon com o Sérgio, quando eu me to conta eu to falando alemon com a Edí também.

E: O Sérgio é italiano

LH: A Edí também. A Edí responde e o Sérgio fica quieto.” (I- 1- f- ale- lut- GI- Ca)

Como podemos perceber nas citações acima, os dois indivíduos estão cientes das interferências da variedade alemã, mesmo quando o interlocutor não entende essa variedade. Casos como estes não são difíceis de serem encontrados no núcleo alemão (Imigrante); já no núcleo italiano (Daltro Filho) situações como estas são menos freqüentes. Em marcas como estas podemos nos basear para “analisar” níveis de identidade em relação ao uso de determinada variedade ou não.

3.2.1 Estigmatização e prestígio

O uso ou não de uma variedade lingüística falada pela minoria está, porém, muitas vezes, relacionada a questões de preconceito, de prestígio e de poder (Silva, 2000: 81). No momento em que a identidade de um indivíduo ou grupo é prestigiada, a variedade lingüística do mesmo é repotenciada, tornando o uso da mesma algo constante e de prestígio. Entretanto, a mesma variedade minoritária, quando fora do grupo, pode ser estigmatizada e, em muitos casos, vista como algo negativo.

O uso do português tornou-se constante na comunidade e raras vezes observa-se um jovem falar espontaneamente na variedade minoritária. Os jovens usam a variedade minoritária, principalmente, quando se encontram fora do núcleo, ou seja, quando esta variedade lhes traz algum benefício, como, por exemplo, quando estão na presença de monolíngües ou mesmo de bilíngües de outra variedade e querem que os mesmos não entendam o que estão falando. Esse comportamento confirma observações já feitas por Constantino (1991) em relação aos moraneses em Porto Alegre, ou Carneiro da Cunha (1986) no seu estudo de afro-brasileiros que retornaram à África. Estas características são observadas principalmente entre os descendentes de alemães.

Já os descendentes de italianos não costumam, ou melhor, evitam falar na variedade italiana na presença de alguém que não a entende.

“RP: Sim, porque tu vai... principalmente quando a gente vai pra praia, fazê festa, a gente só fala alemão pra complicá com os otros (risos)...” (I-2-m-ale-lut-GII-Cb)

“SB: Não, não, não tem diferença, não tem diferença. Eu só não gosto de fala italiano ou... alemão, quando têm alguém por perto que não entende né. Parece sê uma exclusão daí né. Mas não têm diferença nenhuma.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca)

O fato de os italianos não falarem a variedade minoritária na presença de indivíduos que não a entendem pode ter múltiplas interpretações: por um lado, pode ser visto como uma questão de respeito; por outro, uma questão de cultura e de identidade – sou italiano, falo italiano, mas não o falo quando alguém não entende – o contrário dos descendentes de alemães, que falam a variedade alemã, indiferente se seus interlocutores a entendem ou não. Atribuindo este fato à hipótese da repotencialização da identidade no exterior, é possível confirmar que a identidade italiana não adere ao fator da repotencialização fora de seu núcleo, para a sua determinação.

„IA: Ó, isso tepende que elis, tá de pequeno, de repente eles só falava italiano, depois foróm crescendo elis foram pa as escola aí era só brasileiro né. uma vez era... entóm se acostumar nesse ritmo e tóm levando nesse ritmo tamém. Porque eu acho céрто, se eu tenho o italiano no lado e um alemóm, se eu flá só o italiano com meu amigo italiano isso fica muito feio po alemóm né, que tá ali junto, eu acho.“ (D-5-m-ita-cat-GI-Ca)

Outro aspecto que chama a atenção está relacionado ao uso das variedades lingüísticas, especificamente as variedades alemãs. Altenhofen (1996) menciona, em sua tese, a existência de variações na própria variedade do Hunsrückisch. Além disso, o autor cita a necessidade de empréstimos da língua portuguesa para a variedade alemã, visando suprir a carência de vocabulário antes não existente na variedade alemã. Em Imigrante, no entanto, este quadro não é diferente. São encontrados empréstimos de toda natureza. Um, em especial, chamou minha atenção, que designa a raça de determinados bovinos em português - “Zebu” -, o que passa para a variedade Hunsrückisch *Schimbu*, /■/ até então não se vê nada de errado nisso, mas o interessante é, que esta palavra pode ser considerada um *Schibolet* para a identificação de variedade entre os Hunsrücker. Além disso, o uso desta palavra pode ser vista como uma identificação da classe social, da origem, bem como, muitas vezes, é atribuída à

escolaridade do indivíduo. Em outras palavras, o falante desta variedade é visto como inferior dentre os descendentes de alemães. Isto demonstra um certo estigma entre os próprios falantes das variedades Hunsrückisch, o que resulta em deboches, isolamento e, principalmente, o abandono da variedade lingüística minoritária.

O que chama a atenção é o modo como os descendentes de alemães denominam as variedades do alemão por eles falada, pois chamam a variedade que Koch (1974) classifica como um Hunsrückisch “melhorado”, ou seja, mais próximo do “Hochdeutsch” (alemão padrão), como alemão. Já a variedade Platt ou, também chamada, “Westfälisch”, como Platt. Em nenhum momento, tanto na entrevista, quanto na observação participante, alguém citou o Hunsrückisch como a variedade que falavam, sempre foi o nome Deutsch que apareceu. Muitas vezes, quando questionados sobre a variedade Hunsrückisch, os entrevistados diziam que a variedade que falavam era o Deutsch e não o Hunsrückisch, e que a variedade Hunsrückisch era mais falada na região de Teutônia, Colinas e Estrela.

“LH: (...) Eu nunca conseguia me localizá porque a gente não fala o Hunsrück como vocês falam. E hoje pelo trabalho que a Aline fez com o vestfäler e tudo o mais é porque a gente é descendente de Vestäler. A gente usa o alemon mais puxado para o hochdeutsch.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca).

A questão que está em jogo neste caso é o estigma e o prestígio, pois falar um “alemão mais quebrado que o deles” não é bem visto no núcleo de Imigrante. Normalmente, os falantes do Hunsrückisch são motivo de risadas. Para alguns, a variedade do alemão por eles falado ainda é o *Platt*, só que um *Platt* mais próximo do alemão padrão.

“E: E que tipo de alemão é esse. Como se chama esse alemão. Tu saberia me dizer?

JG: Ja, que que vou te dizer. Hunsrückisch is es nét. Eu acho né.” (I-5-m-ale-cat-GII-Cb)

“E: E que tipo de alemão é?

CT: Iiich. Como é que vou explicá. Não é o alemão certo da Alemanha, mais é um dialeto que a gentchi fala aqui.” (I-6-f-ale-lut-GII-Ca)

Da mesma forma ocorre com a variedade italiana. Todos dizem falar o italiano e em nenhum momento se ouviu dizer que falavam o vênето. Surgiram três pessoas que se diziam falantes do Bergamasco e um informante diz ter descendência de tirolês. Diziam que falavam o dialeto italiano com muito orgulho, mas em hipótese alguma mencionaram falar o vênето. Quando questionados sobre o vênето, a maior parte dos

informantes dizia desconhecer o nome da variedade por eles falada e não sabiam responder à pergunta.

“NG: (...) Por exemplo o italiano da Itália eles fala im gramática i nós aqui é um dialeto (...).” (D-6-f-ita-cat-GI-Ca)

Os registros encontrados em Imigrante confirmam a hipótese defendida por Auer (2002) de que está ocorrendo uma mudança lingüística da variedade *Platt* para a variedade *Hunsrückisch*. Com esta mudança lingüística, os indivíduos também mudam de identidade, mudam os valores, pensamento e modos de agir em relação ao uso de uma ou outra variedade. Auer enfatiza que, em casos como estes, o indivíduo somente irá usar ou se manifestar falante de uma variedade de menor prestígio se esta lhe trazer vantagens; caso contrário, ela será ignorada e, com o tempo, esquecida.

“E: Já teve situações que tu teve vergonha de falá alemão?”

CT: Sim (risos), algu::mas ve::zis. Porque a gente fala só que não é ce::rto muitas vezes a gente si enrola até. Mais eu já falei com alemães da Alemanha ondE mi enrolei. Até consegui falá, entendi, eles me entenderam. Até por telefone já falei com gente da Alemanha assim, mas ...as veis eu sinto vergonha assim porque, principalmente quando tô... que nem têm muitos brasileiros que falam, são de origem alemã, falam bem o alemão e daí eu converso com eles, tenho vergonha as vezes de não falá direito.

E: Isso com brasileiros também?

CT: Não, eu digo, eu tenho mais vergonha quando tô com alguém que sabe falá alemão bem.

E: E assim com... assim indo pra Estrela, Lajeado, Porto Alegre ou Caxias tu não teve...

CT: Não, vergonha não, porque eles não entendem igual o que eu tô falando.” (I-6-f-ale-lut-GII-Ca)

Os descendentes de alemães, principalmente os da GI, na sua grande maioria só entendem a variedade *Platt* (Westfaliana), e os mesmos alegam que não desenvolveram a fala nesta variedade devido a falta de companhia para dialogar. É curioso, pois o mesmo argumento está sendo usado hoje quando a questão é o desinteresse pela variedade *Hunsrückisch*.

“E: Em que língua tu gosta de conversá mais?”

EB: Mais em alemom né. Que mais que eu gosto né. agora se for brasileiro tamém né.

E: E o Platt?

EB: É sapato de pau tamém né, conforme se tem os amigo, também fala um poco né.

E: É, principalmente quando eu vou na obra né.(risos)

EB: (risos) É, lá tem os parcero que fala, entom a gente acompanha né.” (I-3-m-ale-lut-GI-Cb)

“E: Muitos jovens não falam, vejo muitos jovens aqui em Imigrante que não falam mais o alemão na rua. O que tu acha disso os pais sabem mas os filhos não falam.

MM: Ali... pelo que eu passei, eu também me considero um jovem, né, eu tenho vinti anos né. Então assim, pelo que eu noto, o:s meus pais em casa, a enti fala, de tard, sabe de tardi ants di sai di casa a enti fala tchau, a enti fala tchau em alemão ich gehe in di Vila so und so mais na hora que eu chega... como eu tinha no caso, num sábadu de tardi eu vou jogá uma bola tá. Aí ants de saí de casa a enti fala tchau a gent fala alemão e tudo. Momento que eu chego aqui na vila como chamam, no centro, os meus otros amigos que são talvez aqui da vila, do centro, eles não falam muito o alemã:::o. Então ali eu me sentia constringido com esse... então ali eu pegava, em vez de fala o alemão como eu falava em casa, pa não me constringi com eles eu falo o português, no caso. Eu acho que por esse motivo que muitos não falam mais o alemom, principalmente quando tom fora de casa.” (I- 4- m- ale- lut- GII- Ca)

Os informantes da GI muito se orgulham em saber falar ou entender a variedade Platt, mas lastimam o desinteresse crescente apresentado pela juventude atual em aprender esta variedade. Ao contrário, os jovens (GII) atribuem a culpa aos descendentes da GI por não terem lhes ensinado essa variedade. Outros atribuem a culpa aos colegas, por discriminar, carregando negativamente as variedades minoritárias de preconceito e estigma, privilegiando, neste caso, a variedade portuguesa. Mas num ponto, tanto os integrantes da GI quanto os da GII, concordam: sentem-se muito orgulhosos de serem descendentes de alemães.

Outro fator, que inibe o uso de uma variedade minoritária está relacionada a questões de prestígio e de estigma, principalmente entre os integrantes do GII (os mais jovens).

“E: Eu vejo que muitos jovens que não falam mais o italiano por aqui né, os pais falam mas os jovens não. O que tu me diz disso?

RR: Que que eu digo disso. É que os jo::vens... os tempos mudaram muito, se tu vai numa festa ou coisa assim e tu vê duas pessoas conversando italiano, alemão, ai!, eles vão dizê aí colono, não sei o quê, são do interior, não sei o quê. Por isso os jovens não tão falando mais, não têm conversado italiano um com o outro.” (D- 3- f- ita- cat- GII- Ca)

Os descendentes de italianos apontam praticamente para as mesmas causas, anteriormente apontadas pelos descendentes de alemães, para justificar o desinteresse e o abandono pela variedade minoritária entre eles.

A negação da identidade também pode ser medida através da negação da língua, ou seja, negar que fala determinada variedade ou, ainda, evitar falar a variedade minoritária é um fato explícito de negação da identidade. Neste sentido, foram aplicadas

perguntas que evidenciassem a visão dos entrevistados sobre o indivíduo bilíngüe que nega falar a variedade minoritária. Dos 24 informantes, todos afirmaram ter presenciado situações com indivíduos bilíngües evitando o uso da variedade minoritária. Isto demonstra nitidamente que a variedade portuguesa está, aos poucos, dominando as variedades minoritárias. Este domínio eleva o número de indivíduos falantes desta variedade e, conseqüentemente, reduz o número de indivíduos interessados em aprender a variedade minoritária. Tal comportamento é reconhecido pela maioria dos informantes como uma perda de uma parte da cultura ou, até mesmo, como ignorância – “burrice” – por parte daqueles que “querem se aparecer” perante os outros.

“E: E o que a senhora acha das pessoas que só falam português, sabem falá italiano mas só falam português?

IG: Bom era pra eles falá a língua italiana pra preservá nosso tipo de gente...”
(D- 1- f- ita- cat- GI- Cb).

“E: O que tu acha das pessoas que só falam português em casa. Sabem falar alemão, mas só falam português em casa.

RB: Ach, isso é dummheit (Burrice).

E: Dummheit.

RB: Eu acho.... Se é o alemon enton continua falando alemon, weis'd que nem nós aqui

E: Uhum. E já te aconteceu uma vez uma pessoa chega na tua casa ou tu chega nela e ela sabia fala o alemão e insistia em falar o português.

RB: JÔ:::: tem. Mais só pra aparece.

E: Tu acha?

RB: Eu acho. Die sche::me sich fo Deutsch spreche né. (I- 1- m- ale- lut- GI- Cb)

“E o que tu acha das pessoas que sabem falá alemão e insistem em falá só português?

CT: A:: acho que é uma desvalorização da cultura, porque eu acho que é uma coisa... eu acho que é bom pro crescimento de uma pessoa sabê falá alemom. Porque tem muitos empregos que exigem que fale alemão, pelo menos aqui na região né.” (I- 6- f- ale- lut- GII- Ca)

Muitos indivíduos, principalmente os mais velhos, se habituaram a falar o português em locais públicos de Imigrante, sob o pretexto de não serem entendidos quando se expressam nas variedades minoritárias. Fatos como estes parecem comuns na comunidade de Imigrante. Veja o que é exposto por uma informante do núcleo alemão na citação a seguir:

“E: E já te aconteceu de estar com uma pessoa que fala o alemão ou o Platt e ela só falava em português?

FB: Já. Já aconteceu até por pensar que eu não sabia né. Como, no local que eu trava::lho assim, eles chegam com vergonha e falam e tentam se expressá direito em português e não conseguem, daí tu diz Werum desse nich in Platt

Köden? Né, porque não falar em sapato de pau, daí eles se sentem em casa né.” (I- 5- f- ale- cat- GII- Ca).

A partir dessa citação, podemos ter uma noção da importância que é saber se comunicar em outra variedade linguística. Pelo fato de a informante exercer a profissão de bancária, faz as pessoas crer que ela não saiba se comunicar na variedade minoritária; por outro viés, isso exigiria dos clientes um domínio mínimo do português, em outras palavras, distancia a identificação entre ambos. No entanto, no momento em que a atendente fala na variedade minoritária, ocorre uma identificação entre ambos. Isto realça a identidade do cliente, deixando-o mais seguro, pois a variedade minoritária é a de seu melhor domínio.

A identidade dos informantes também pôde ser analisada em relação ao outro, ou melhor, a relação entre identidade e diferença. Silva (2000) coloca que a identidade e a diferença andam juntas, mas por caminhos distintos. Neste sentido, elaboraram-se perguntas que abordassem questões envolvendo fatores sentimentais, conceitos e preconceitos dos próprios indivíduos e dos indivíduos em relação ao “outro”, ao diferente. A visão dos indivíduos oriundos dos grandes centros (vindos de fora) sobre os descendentes dos núcleos minoritários de Daltro Filho e Imigrante apresenta um traço importante na definição da identidade. Esta visão pode gerar conflitos pessoais de identidade no sentido de não saber o que é certo e o que é errado, ou ainda, ser como é o “outro”, é mais “legal” do que ser como sou. Perante estas perguntas, algumas das respostas superaram as expectativas, outras derrubaram a hipótese de que os indivíduos oriundos dos grandes centros viam os indivíduos dos dois núcleos como colonos, grossos, ignorantes, inferiores a eles.

“E: E como você... como as pessoas que vem de fora, na sua opinião, vêm as pessoas daqui.

RR: Elas acham muito engraçado nosso jeito, nosso jeito de falá. Es já í, tu é italia:na só pelo. Té me acontece na faculdade né... E:::, eles acham importante a nossa tradição, nossos costumes italianos. E eles gostam muito da nossa comida italiana. Quando vem pra cá.” (D- 3-f-ita-cat-GII-Ca)

“E: O senhor que lida com muita gente, quando vêm as pessoas de fora como é que eles vêm as pessoas daqui?

AZ: Eu acho que eis gosta muito né se diz assim né, quem sabe.” (D- 3-m-ita-cat-GI-Cb)

“E: E como é que tu acha que as pessoas de fora vêm vocês daqui. Por exemplo Porto Alegre, Lajeado...

CG: Sei lá:::, inferior a eles, eu acho. Geralmente se o pessoal é mais do interior, coisa assim. Nôm sei se é isso que tu quis sabê tamém” (D- 2-m-ita-cat-GI-Cb)

“E: Como é que tu acha que as pessoas de fora vêem as pessoas daqui. Assim Porto Alegre, Lajeado...

RL: A::, vê... num tom assim de::, sei lá de::... vou falá assim ó, tipo uma pessoa grossa sebê, assim mais é, é, .. num tom nom de mais a, sei lá como explicá (risos) Assim ó a pessoa mais grossa...

E: Colono..

RL: Mais ton::ga vamo dizê assim. É, mais colono, exato.” (D- 1-m- ita-cat-GI-Cb)

Ainda com relação ao ser diferente, alguns informantes justificam sua visão focando, além dos aspectos físicos – jeito de caminhar, modo de se vestir etc. – a questão da leitura e da fala em si. Um entrevistado argumenta, inclusive, que uma das diferenças que identifica uma pessoa da cidade e do interior é a leitura e a fala. Ele coloca que o colono vive em função do trabalho, enquanto o morador da cidade tem mais tempo para estudar e se aperfeiçoar e, portanto, consegue falar mais corretamente.

“E: E como é que as pessoas que vem de fora, vamos supor, Lajeado, Estrela, Porto Alegre, como é que tu acha que elas vêem as pessoas daqui?

IA: Que que vô te dizê. É uma boa pergunta. Até difícil de respondê. De repende pra uma coisa elas vê um poco diferente porque aqui o... noventa por cento é agricultura, vem uma pessoa da cidade, vê di longe, uma pessoa da agricultura. Ela têm um sistema diferente, até de conversá, de caminhá tamém né, um jeito diferente né. eu acho.

E: Eles vêem uma coisa assim, tipo são colono.

IA: Sim, é::, eis vê que u jeito dele é de um colono né. colono temo um jeito tudo diferente da pessoa de cidade.

E: E quanto a fala, assim no falá?

IA: Tamém. Aqui é mais inrola::da a coisa. Us da cidade elas fala mais coREto na cidade, porque elas também elas estudam mais. Porque aqui de repente na agricultura passa uma semana sem lê um livro, sem lê um jornal né. só vive no trabalho né.” (D- 5- m- ita- cat- GI- Ca).

Os descendentes de alemães, quando questionados em relação ao outro, seguem praticamente a mesma linha que os italianos. Muitos percebem que são vistos como diferentes dos indivíduos da cidade, mas nem todos se sentem inferiores.

“E: Como é que tu acha que as pessoas que/de fora vêem os daqui, assim, por exemplo se tu vai para Lajeado ou Porto Alegre, vamos um pouco mais longe, como é que tu acha que aquele pessoal lá vê o pessoal daqui.

RB: A::: isso aí dass... são pobre assim, naquele senti::do... são do interior, são da roça... isso eles vê lo::go.

E: E assim, eles dão risa::da quanto à fala, a maneira como o pessoal fala aqui.

RB: Oia, isso, normalmente Weis... eu quando vou a Porto Alegre volta e meia entra o alemon no brasileiro... vai se metendo... eis dão as risada, mais vai faze o que.” (I-1-m-ale-lut-GI-Cb).

A visão de inferioridade é gerada no momento em que um indivíduo pertence a um grupo que se sente menos valorizado, desprovido de poder. Este, no entanto, não é o caso dos núcleos de Imigrante e Daltro Filho, pois ambos podem ser considerados núcleos com grande poder econômico. Pode-se dizer que as mesmas marcas ou traços prestigiados pelos descendentes de alemães e italianos quando em contato com o seu grupo, são estigmatizados quando os mesmos se encontram fora do grupo. O que nos leva a crer que eles não tenham os traços mais urbanos, que são amplamente valorizados na nossa sociedade.

3.2.2 Escolhas lingüísticas motivadas pela identidade

Comunicar-se em uma variedade lingüística exige que os integrantes da ação comunicativa detenham um certo domínio do código utilizado na interação. A escolha entre uma ou outra variedade lingüística geralmente é resultado da identificação entre os interlocutores.

“E: Tá, quando vem visita, prefere usá mais o...

IH: O alemão

E: O alemão.

IH: Wenn ich weiss, das der jenige Deutsch sprecht, eu embarco e vou embora.” (I-3-f-ale-lut-GI-Ca).

A partir da citação acima, podemos ver que a identificação entre indivíduos de um mesmo grupo torna-se um marco para a escolha da variedade minoritária. De acordo com a informante, resta ela saber se seu interlocutor fala alemão para ela então “embarcar”, também interagir, nesta variedade.

“E: Quando vem visita, que língua tu preferes usá?

LH: Isso tanto faz, depende quem é a visita. Se são aqui os vizinhos eles só falam alemon.

(...)

E: E se a visita só fala português.

LH: Ai... Falamo português, mas TEREPENTE aparece uma palavra alemão no meio isso não saberia dizer. É que eu tenho essa idéia, eu falo as vezes o alemon com o Sérgio, quando eu me to conta eu to falando alemon com a Edí também.” (I-1-f-ale-lut-GI-Ca).

A escolha por uma variedade minoritária/imigrante ou por uma variedade dominante se dá a partir da identificação do “outro”. De acordo com a informante I-1-f, se a interação acontecer entre os vizinhos, a variedade lingüística utilizada será o

alemão; caso contrário, será em português. Marcas como estas são encontradas tanto entre descendentes de alemães quanto entre descendentes de italianos. É interessante salientar que estas marcas são mais comuns entre os integrantes da GI, embora os integrantes da GII também façam uso delas, mas em menor quantidade.

“E: E quando vem visita?
 IG: Quando vem visita, quase sempre talian.
 E: Que bonito isso.
 IG: Aqui na nossa região tem bastantE italiáno.
 E: E se a visita só fala português?
 IG: A, aí tem que falá né.” (D-1-f-ita-cat-GI-Ca)

A existência de descendentes de italianos e alemães que falam a variedade minoritária nos núcleos pesquisados ainda é grande. Uma característica a se considerar idêntica aos dois grupos vem a dizer sobre a tentativa de preservar as variedades minoritárias por eles faladas. Não obstante o português seja a variedade detentora do domínio nos dois núcleos, mas isso não restringe o uso das variedades minoritárias dentro e fora dos grupos.

“IH: Eu tinha uma consulta com um clínico geral em Porto Alegre semana, ano passado, eu dei Craças a Deus e pati trÊis veis na mesa, a Totorá era alemoa. Da han mir Deutsch gesprochen, da hab ich mein ga::nze proble::m uf Deutsch ausgeled und do hat die sich vor mich gehokt und hat gesacht, “pois não dona Maria, agora, jetzt dun ich sache vie dass dings mit dich steht né. Eu vim pra casa assim, super, super, super satisfeita.
 E: Que bom.... . E o que a senhora acha assim, das pessoas que só falam português, mas sabem falá o alemão?
 IH: Eu acho que é falta de força de vontade. Né, porque wann ich gehen bai jemanden besuchen, und weis dass der jenigen gern Deutsch spricht, warum soll ich brasilónisch sprechen, né.” (I-3-f-ale-lut-GII-Ca).

A escolha da variedade lingüística também sofre influência da função/profissão exercida por cada indivíduo. Não são poucos os casos encontrados em Imigrante, em que os descendentes alemães e italianos exercem funções que exigem contato direto com indivíduos de ambas as origens, como, por exemplo, comerciantes, cabeleireiros, atendentes de lojas, funcionários públicos e outros. Como já descrevemos e vimos em citações nos capítulos anteriores, eles são quase que obrigados a falar, além do português, as variedades italiana e, principalmente, alemã.

“E: O que tu sabe da língua alemã? Tu sabe me dizê alguma coisa?
 RR: Ai, eu sei agora um pouco porque eu tô trabalhando mais na área alemã. O que que eu sei: Ales gut. Não sei se se diz assim, mais é como eu sei.” (D-3-f-ita-cat-GII-Ca).

“MP: Olha, tanto faiz... eu gosto de falá alemom. O que a gente aprendeu desde nascência e a gente convive muito com os alemom. Eu preciso falá muito alemom, como o meu trabalho na prefeitura. Ali entram bastante alemom, entram italianos também, mas com esses a gente fala o português.” (I-4-f-ale-lut-GI-Ca).

Enfim, pode-se dizer que o uso de determinada variedade lingüística está fortemente relacionada com a identificação entre os indivíduos em contato, assim como pela função que cada um exerce.

3.2.3 Manutenção/substituição da língua minoritária

Da mesma forma como a variedade italiana, a variedade alemã também sofreu influências da variedade do português, como, por exemplo, da ordem dos empréstimos (Fausel, 1959; Bonatti, 1974). Ao contrário da variedade italiana, a variedade alemã não apresenta semelhanças em relação à variedade portuguesa, neste caso, a preferência pela variedade do português pode ser atribuída ao alto grau de dificuldade em falar e dominar a variedade alemã. Apesar destes contras relatados, a variedade alemã ainda é, segundo o informante D-4-m, mais usada no meio alemão que a variedade italiana no meio italiano

“E: E de modo geral, quem preserva mais a língua e os costumes daqui assim, são os alemães ou são os italianos?

SB: Eu acho que são os alemães. Italiano costuma falá poco italiano. Eu trabalhei numa região só de italiano e lá eles não falam italiano. Volta e meia dão aquelas pegada no meio de batê e... assim, batê uma pancada de palavrinha em italiano, pará e daqui a poco tão falando português de no::vo. Então eu acho que o alemão, quando se junta, o alemão fala alemão. Mas quando se junta o italiano, ele fala português.” (D-4-m-ita-cat-GII-Ca)

O depoimento acima aponta para uma constatação importante de nosso estudo: a identidade do indivíduo alemão está muito mais vinculada ao uso e manutenção da língua minoritária em comparação com o indivíduo italiano. Dito em outras palavras, o papel da língua parece ser muito mais relevante na expressão da identidade alemã do que na do italiano, ou seja, o alemão é mais identificado como membro da comunidade que fala alemão; italiano não necessariamente.

Percebe-se uma tendência cada vez maior em substituir a variedade minoritária/imigrante falada nos dois núcleos pela variedade dominante portuguesa. Este fato está relacionado a vários fatores. Dentre os que mais se destacaram nesta

pesquisa estão a) a vergonha de não saber falar corretamente a variedade minoritária, b) não usar a variedade minoritária na presença de indivíduos que não a entendem, c) falta de interlocutores e deficiência vocabular, d) o desinteresse em aprender a falar uma variedade minoritária motivada pelo baixo prestígio a ela atribuído. A partir destes fatores, pode-se perceber uma crescente substituição da variedade minoritária pela variedade dominante, o que, em parte, propicia a substituição da identidade de cada indivíduo.

O sentimento de vergonha em “falar errado¹²” ou “não saber falar bem” uma variedade, faz com que os indivíduos deixem de usá-la. Este sentimento de vergonha é encontrado somente entre os integrantes da GII. Já os integrantes da GI eles sentem-se orgulhosos em saber falar alemão.

“E: Já teve situações que tu teve vergonha de falá alemão?

CT: Sim (risos), algu::mas ve::zis. Porque a gente fala só que não é ce::rto muitas vezes a gente si enrola até. Mais eu já falei com alemães da Alemanha ondE mi enrolei. Até consegui falá, entendi, eles me entenderam até por telefone já falei com gente da Alemanha assim, mas ...as veis eu sinto vergonha assim porque, principalmente quando tô... que nem têm muitos brasileiros que falam, são de origem alemã, falam bem o alemão e daí eu converso com eles, tenho vergonha as vezes de não falá direito.” (I-6-f-ale-lut-GII-Ca).

“E: Teve alguma situação que tu já teve vergonha de falar o alemão? Em saber falar o alemão.

RB: E::: não, vergonha em... que os cara via quando nois falava né. Isso sim, mais eu, vergonha não, eu falo alemão vo a Porto Alegre, vo a qualquer lugar falo alemon.

E: Sim, sim, claro...

RB: Eu to acostumado isso. Eu vo pedi nos baile, eu também vo lá, vo pedi em alemon, non vo inventa o prasilero ali.” (I-1-m-ale-lut-GI-Ca).

Além de não sentir vergonha, muitos integrantes da GI mantêm o alemão e interagem nesta variedade inclusive em locais onde ela não é de domínio comum, como é o caso do entrevistado I-1-m acima. Neste caso, podemos dizer que a identidade do indivíduo está assegurada pela manutenção da variedade minoritária dentro e fora do grupo.

O uso da variedade minoritária/imigrante está mais presente entre os descendentes de alemães. Estes usam a variedade minoritária tanto dentro, quanto fora do grupo alemão. Os descendentes de italianos, pelo contrário, evitam falar na presença

¹² Não existe na lingüística um falar certo ou errado, existem variações entre uma e outra variedade.

de indivíduos que não entendem a variedade minoritária italiana. Com isso, aumenta a incidência de substituição de uma variedade pela outra. Em contextos como este, a identidade étnico-lingüística minoritária é substituída por uma identidade baseada na variedade dominante – o português.

“IA: Porque eu acho certo, se eu tenho o italiano no lado e um alemôm, se eu falá só o italiano com meu amigo italiano isso fica muito feio po alemôm né, que tá ali junto, eu acho.” (D-5-m-ita-cat-GI-CA).

“E: Tu sabe me dizê algumas coisas?

CG: Até certas palavras aqui a gentE nom usa o italiano porque não sabe falá ela, aí a gente mistura o italiano com o português.” (D-2-m-ita-cat-GII-Cb).

Em outros casos, os indivíduos se deparam com a deficiência vocabular. Geralmente são utilizados vocábulos do português devido à falta dos mesmos na variedade minoritária. Isso se deve, em muitos casos, à modernização e à criação de novos produtos e equipamentos antes não existentes. Associada a esta falta vocabular, surgem fatores como a falta de interlocutores com quem a variedade minoritária possa ser praticada.

“E: Que língua você gosta de conversá mais?

NL: Olha, na verdade eu gostaria de conversá ma::is italia::no do que eu falo. Mais fluentemente...

E: Sim, sim...

NL: Mais eu não consigo por causa que no meu serviço não tem como. E tipo, uma vez, eu morava na Boa Vista do Sul, lá eu tenho minhas primas e minhas amigas falam fluentemente italiáno. Assim, elas se reúnem pra tomá um chimarrão, elas falam tu::do em italiano. Então, assim, aqui não, as minhas amigas daqui não, e as pessoas com quem eu me né, com quem eu lido né não, não têm (...) é mais português. Então é por isso que eu não falo. Mas eu gostaria sim, porque eu acho isso su::per bacana né.” (D- 2- f- ita-cat- GII- Ca)

O fato de não ter com quem falar, com quem praticar a variedade minoritária, está muito mais presente entre os descendentes de italianos que entre os descendentes de alemães. Analisando por outro viés, podemos dizer que os descendentes de italianos estão mais propensos a substituírem a variedade minoritária/imigrante pela variedade dominante/portuguesa. Isso demonstra que a identidade dos descendentes de italianos não tem no uso da variedade minoritária a marca principal da sua identidade.

“E: O que a senhora acha das pessoas assim que, sabem falá o italiano, mas preferem falá o português. O que a senhora me diz disso? Se negam as vezes de falá italiano ou tem vergonha.

LR: Ma eu acho que nom é por isso tamém. Né que quem sabe falá o português, sabi, que nom é todos que entendi italiano e vem uma

peessoa daí tu tem que falá o português, porque daí tu começa a falá italiano que nom entendi. Só conhecendo a pessoa né, daí... eu, quando conheço a pessoa que ela fala italiano, daí eu falo, mais se não, não, porque.” (D-5-f-ita-cat-GI-Ca).

Como descrito no subitem acima, o baixo prestígio e a estigmatização da variedade lingüística minoritária faz com que muitos indivíduos, principalmente os mais jovens, substituam a mesma pela variedade dominante, prestigiada.

“DM: É eu acho até que tem jovens que devem ter vergonha de falá o italiano né. Porque existe um poco de discriminação. Eu não entendo, porque alemão, os jovens falam, mas italiano, realmente muitos jovens... eu acho muito aquela coisa da vergo::nha, do querê falá de acordo com a modi::nha, de acordo com a tu::rma que eles saem e tudo. Acho que por isso vai se perdendo.

E: E você já teve vergonha de falá italiano?

DM: Depende o ambiente que eu tô. Acho que no colégio, tipo assim, lá em Estrela, eu tinha vergonha de falá italiano. Muito poca gente, não sei se mais alguém além de mim falava italiano lá. Aho que uma ou outra pessoa eu tinha um poco de veronha. Hoje não mais. Hoje eu percebo que não é assim, que é uma língua legal, hoje eu tô vendo o lado bonito do italiano.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca).

Existem situações em que a variedade minoritária é mantida pelos indivíduos. Neste sentido, podemos dizer que a identidade está assegurada pelo uso e manutenção da variedade minoritária.

“MM: Com certeza português... Mas ... não,... existe uma grande possibilidade também de falá alemão. O próprio serviço porque mu::itas pessoas, como o meu serviço é, que falam a língua alemam, então eu já conheço o pessoal então com eles eu procuro falá em alemão no caso, né.” (I-4-m-ale-lut-GII-Ca).

“E: E já teve situações em que a senhora teve vergonha de falá italiano ou de sabê falá italiano.

IG: Já, porque a gente fala, pras pessoas assim, fala bastante o brasile:ro e se atrapalha muito entóm as veze sai as palavra meia a meia né.” (D-1-f-ita-cat-GI-Cb).

Concluindo pode-se dizer que os descendentes de alemães mantêm mais a variedade minoritária em comparação aos descendentes de italianos. Neste sentido, pode-se dizer que a identidade dos descendentes de alemães tem na variedade lingüística minoritária uma forte marca, enquanto os descendentes de italianos apresentam a variedade lingüística como uma marca menos forte. Isso quer dizer que a

variedade minoritária identifica os descendentes de italianos, porém em menores proporções.

3.2.4 Educação e fomento da língua minoritária

Geralmente a culpa de os jovens não falar em alemão ou italiano é atribuída à escola e aos pais que, segundo os informantes, “desde cedo, largam seus filhos na creche e vão trabalhar em empresas”. Deste modo, crianças estariam perdendo o contato com a variedade minoritária e se tornando monolíngües. Como ainda não existe uma lei que incentive a criação de creches alternativas¹³ (bilíngües) em comunidades bi- ou plurilíngües, estas crianças, em vez de se tornarem indivíduos bilíngües, são isoladas das variedades das quais são ascendentes – alemã e/ou italiana – e são submetidas ao monolíngüismo em português. Em uma conversa informal com uma das atendentes da creche do núcleo de Imigrante, obteve-se a seguinte resposta quando indagada sobre qual variedade lingüística usava com as crianças:

“Geralmente falo só em português, porque assim, as crianças já vão aprendendo e não vão ter tanta dificuldade na escola. Agora, se os pais pedem para falar em alemão, então a gente fala um pouco, sem prejudicar os outros que não entendem a língua.” (caderno de campo).

A partir do comentário, percebe-se que os professores ainda cultivam o sentimento de que aprender uma variedade minoritária é sinônimo de atraso no ensino/aprendizado do português. Este é um dos problemas centrais, também analisado por Auer (2002), Altenhofen (2004), também citado por Kielhöfer & Jonekeit (1983) como parte das crenças populares em muitos estudos¹⁴. Constitui um dos motivos contrários ao ensino e aprendizado de duas variedades lingüísticas em comunidades bilíngües. Apesar do papel relevante da língua na identidade do grupo minoritário, como mostram os depoimentos anteriores, este se confronta com o papel fundamental da aprendizagem (ensino no caso dos professores e pais) do português, estabelecendo uma tensão entre ambas as funções – identidade na língua 1 e aprendizagem da língua 2 – entre benefícios e malefícios da variedade minoritária.

¹³ Refere-se a creches alternativas, creches que ofereçam atendentes com o domínio da variedade alemã e ou italiana que somente se comuniquem nesta variedade quando solicitado pelos pais.

¹⁴ Existe a crença de que “o indivíduo bilíngüe se torna um indivíduo atrasado e que a variedade minoritária impede o bom aprendizado da variedade dominante”.

Muitos jovens, tanto de Daltro Filho, quanto de Imigrante, falaram suas respectivas variedades minoritárias na infância, porém estas variedades deixam de ser usadas quando eles entram na escola ou pré-escola, ou seja, quando entram em contato com outras crianças, que são monolíngües em português. Incluídas neste contexto – como vimos na citação acima – estão as professoras e atendentes que, na maioria das vezes, limitam-se a falar apenas o português, temendo que as variedades minoritárias venham a prejudicar o desenvolvimento intelectual das crianças no futuro.

Por um lado o sentimento de estar fora do grupo, de não conseguir se comunicar com os colegas, de não entender o que os outros estão falando faz com que a criança e o jovem aprendam rapidamente a língua portuguesa. Por outro lado, ela esquece a variedade minoritária, ignora-a e, muitas vezes, taxa-a como uma variedade “cafona” falada apenas pelos pais, avós e colonos, afirmando que a variedade minoritária não é tão “legal” quanto a variedade falada pelos coleguinhas e pela professora na escola.

Neste caso, pelo que foi observado, os descendentes de italianos são muito mais vulneráveis à língua portuguesa, se comparados com os descendentes alemães, ou seja, os italianos aderem com maior facilidade à língua portuguesa em relação aos alemães. Em princípio, este fato pode ser explicado pela maior semelhança entre as línguas portuguesa e italiana, duas línguas românicas que ainda garantem uma maior intercompreensão.

Tanto os descendentes de alemães quanto os descendentes de italianos alegam que o português é mais fácil para falar que a variedade alemã ou italiana. Os italianos alegam que a semelhança existente entre a variedade italiana e o português, fato que é explicado por ambas serem de origem latina, facilita o “aportuguesamento”. Tal se acentua ainda mais, considerando que a variedade minoritária italiana está repleta de vocábulos provenientes de empréstimos oriundos da variedade portuguesa, como podemos ver nas citações extraídas do questionário.

RL: É, porque aqui mistura mais o português né a língua aí já fica um dialeto, uma coisa assim.” (D-1-m-ita-cat-GII-Cb)

DM: Acho que o italiano falado aqui não é o italiano original, não é exatamente igual o falado na Itália né. É que ao longo do tempo, eu penso que ele foi se modificando, né que as pessoas foram se ensinando uma pras outras e ele foi se misturando com o português e ele foi ficando um poquinho diferente. O italiano falado na Itália é um italiano mais original, né, mais correto.” (D-4-f-ita-cat-GII-Ca)

Outros dados importantes podem ser tomados na questão “quando os indivíduos aprenderam a falar a variedade portuguesa”. Nesta questão, novamente os descendentes do núcleo alemão tomaram a liderança. Dos doze entrevistados do núcleo alemão, apenas um informante respondeu ter aprendido o português em casa, na frente da televisão, assistindo aos programas da Xuxa, enquanto outros dez responderam que aprenderam o português na escola, quando pequenos, e uma informante respondeu que aprendeu em casa com o auxílio dos pais.

“E.. como tu aprendeu o português? Tu aprendeu ele em casa ou na escola?
 EH: Em casa na frente da televisão. (Risos)
 E: Na frente da televisão!
 EH: No programa da Xuxa.” (I- 2- f- ale- lut- GII- Cb)

“E: Alemão E como tu aprendeu o português?
 LH: Olha, na escola, aqui na escola primária, mas eu ainda tinha muita dificuldade em falar português quando eu fui pro segundo grau. Eu não tinha todo o vocabulário que eu precisava quando eu fui pro segundo grau e isso com vinte e poucos anos. Ai aprendi isso na escola e na convivência do pessoal lá fora que então só falava português ai tu era obrigada.” (I- 1- f- ale- lut- GI- Ca)

Na mesma questão, dos doze informantes de descendência italiana, sete aprenderam o português em casa com os pais e parentes, enquanto os outros cinco aprenderam na escola. É importante salientar que os cinco que aprenderam o português na escola são informantes da GI. Com isso, é possível acompanhar a rápida evolução da variedade do português frente à variedade italiana.

“E: Como a senhora aprendeu português?
 IG: Na Chco::la.
 E: Na escola.
 IG: Meus pai só falava italiano.” (D- 1- f- ita- cat- GI- Cb)

“E: E como o senhor aprendeu falá português?
 AZ: Nói lá em casa, assim, praticamenteE, na nossa família, foi falado muito português. Em casa, mais só que eu fui criado com meu avô, minhas Tio, minhas Tia, mais aí era só italia::no né. Tinha três irmão sóm solte::ro, pra dizê a verdade elas nó m schabia nem lê e schrevê ainda. Irmã do meu pai. E elas só falavam, uma praticamente schó faláva italiano.” (D- 3- m- ita- cat- GI- Cb)

“E: E como tu aprendeu português?
 SB: A, português eu aprendi em casa. Porque em casa não se falava italia::no nem se falava alemão. Porque é uma mistura. Tem o pai italiano e a mãe de origem alemã, então ninguém falava alemão em casa, muito po::co e italiano também ninguém fala::va pra eu podê pegá, então eu aprendi português em casa.” (D- 4- m- ita- cat- GII- Ca)

Embora já se tenha reduzido consideravelmente o número de praticantes da variedade minoritária alemã, seus descendentes costumam se comunicar muito mais nesta variedade com as pessoas da própria família, o que não impede o uso desta variedade em rodas de amigos, bem como entre vizinhos. No entanto, basta perambular pelas ruas da cidade de Imigrante para perceber o quão forte se encontra o uso da variedade minoritária entre a população de descendência alemã. O mesmo não se confirma quanto ao uso da variedade do Platt. Poucos são os indivíduos que ainda se comunicam nesta variedade. Infelizmente, ela é, praticamente, de entendimento e uso único da GI, visto que a GII se exclui pelo desinteresse, ou deles em aprender, ou pelo desinteresse dos pais em ensinar-lhes esta variedade. Outro aspecto que pode ocasionar o não uso da variedade Platt é a falta de interlocutores nesta variedade, pois a manutenção de uma variedade lingüística, está estritamente ligada ao uso e exercício da mesma.

No que diz respeito ao uso da variedade minoritária entre os descendentes de italianos, pode-se dizer que ela não apresenta uma consistência quanto ao uso, comparado aos alemães. Eles se apresentam mais reservados. Com certeza, usam a variedade minoritária para sua comunicação intrafamiliar, mas num nível de frequência muito inferior ao dos descendentes de alemães. Um fato interessante é observado quanto ao aspecto localização geográfica dos indivíduos, pois os que moram mais ao centro do núcleo urbano são os que menos usam a variedade minoritária, enquanto os residentes mais nas periferias apresentam uma frequência de uso maior da variedade minoritária.

“IC: Depende o italiano, também depende onde eli foi criado, si fosse o italiano aqui de Daltro Filho, ele fala melhor. Tu vai pegá um italiano aí do morro, já é mais um... já nó é o brasileiro certo né. Que nem vamos supor aí da Vila, Elis si criaróm flando brasileiro né, desde pequano já é um brasileiro mais sotaque mais certo.” (D-6-m-ita-cat-GI-Ca)

Para alguns entrevistados, o aprendizado do português ocorreu apenas com o ingresso dos mesmos na escola. Até então, a variedade por eles falada era a de imigrantes. Tal característica pode ser percebida tanto entre descendentes de alemães quanto entre descendentes de italianos. Atualmente, o falar uma variedades minoritária entre os mais jovens está restrita às famílias mais conservadoras, que ainda atribuem um valor estimável ao falar uma variedade de imigrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, no que concerne aos objetivos estabelecidos à luz de uma metodologia baseada no método de análise qualitativa, procurou investigar a influência da língua na constituição da identidade étnica em um meio plurilíngüe. Tal estudo implicou uma série de análises que, ao final, resultou no que segue.

- a) A identidade através da língua 1 – minoritária – se confronta com as exigências da aprendizagem da língua 2 – oficial e majoritária, o português – produzindo em muitos falantes um comportamento conflitante de ambos os extremos e entre benefícios e malefícios da língua de imigrantes.
- b) Os malefícios não seriam tantos se ambas as funções (expressão da identidade e aprendizagem da língua oficial fossem conciliáveis e não uma o problema da outra) ao invés disso, o que predomina em Imigrante é a visão positiva de línguas de imigrantes e esta parece ser mais forte entre alemães que italianos.
- c) Se a língua se mantém como meio de expressão da identidade, isso se deve a uma série de fatores vinculados ao caráter situacional e dinâmico da identidade, isto é, conforme a situação o indivíduo é mais alemão/italiano ou brasileiro ou gaúcho ou minoria/imigrante (não nativo).
- d) Tal constatação é maior entre falantes com baixo domínio do português, como por exemplo, falantes da geração mais velha e membros da classe média baixa.
- e) O papel da língua na expressão da identidade é mais relevante entre alemães do que entre italianos, para os quais “o alemão preserva mais seu alemão que o italiano seu italiano”.

- f) Os grupos minoritários alemão/italiano compartilham a identidade de minoria imigrante com características idênticas, se comparado com o nativo luso-brasileiro, quer dizer, ambos vêm de fora, falam uma língua não oficial, possuem outro sistema de vida e trabalho, vivem de forma diferente.
- g) Os descendentes de alemães da GI, devido à maior frequência de uso da língua 1 e pelo histórico de aquisição das línguas em contato, dominam mais a variedade minoritária que os descendentes da GII e, portanto, apresentam uma identidade mais arraigada. Um reforço se dá naqueles falantes que tiveram um contato maior com a literatura alemã e, em alguns casos, inclusive alfabetizados na língua alemã.
- h) Os descendentes de alemães, representantes da GII, identificam-se mais com a variedade minoritária quando em contato com representantes da GI. Isto demonstra que a GII possui uma identidade alemã arraigada e esta se repotencia na presença de representantes da GI (por exemplo, avós).
- i) Da mesma forma como as variedades minoritárias imigrantes, outras marcas identitárias, principalmente os estilos de construções das casas (antigamente em enxaimel, com porão etc.) e certos prenomes (como Wilibaldo, Luigi) estão perdendo força de expressão, cedendo lugar ao novo, ao moderno, ao que aparece na mídia atual.
- j) A identidade dos descendentes de alemães do núcleo de Imigrante apresenta indícios de repotencialização, quando fora do grupo, superiores aos dos descendentes de italianos. Em outras palavras, os descendentes de alemães usam muito mais a variedade alemã como marca de identidade fora do seu grupo em comparação aos descendentes de italianos.
- l) O uso das variedades minoritárias apresenta uma forte relação de identificação entre os interlocutores. Se o interlocutor é falante da variedade minoritária/imigrante, a probabilidade de comunicação nesta variedade é maior.
- m) As escolas propiciam o uso da variedade dominante, o português, contribuindo, desta forma, na redução do uso da variedade minoritária. Pode-se também destacar a escola como uma das principais fontes geradoras de estigmatização, preconceito e falta de prestígio atribuídos a uma variedade minoritária.

A partir destas conclusões, espera-se ter contribuído não somente para auxiliar na questão da identidade, como também na elaboração de uma política lingüística que atribua o merecido e devido valor às variedades minoritárias oriundas da imigração, saindo da marginalidade para uma perspectiva que possa mostrar o verdadeiro Brasil diferente do país monolíngüe que muitos costumam enxergar. (Bortoni-Ricardo 1984 *apud* Zilles [no prelo]).

Como contribuição, sugere-se, a partir deste trabalho, o incentivo ao aprendizado das variedades minoritárias, através da implantação das línguas alemã e italiana nas escolas, junto com o inglês, como alternativa para resgatar o prestígio e a valorização das variedades minoritárias, minimizando com isso o impacto da estigmatização e do preconceito existente.

Vê-se a importância em expandir o uso das variedades minoritárias/imigrantes, não só na comunidade pesquisada, mas sim, no âmbito regional ou até nacional, explorando para este fim a mídia com anúncios em jornais, outdoor's, programas em rádios e TV. Estes anúncios poderiam ser elaborados na própria variedade falada na comunidade ou na língua oficial "padrão". A exemplo das inúmeras expressões da língua inglesa, utilizadas pela mídia atual, seria oportuno/adequado usar também a língua alemã e italiana. Embora uma decisão não solucione de todo o problema do pouco prestígio, do preconceito lingüístico e da baixa auto-estima atribuído às variedades minoritárias, poderá auxiliar a reduzir os impactos negativos a elas atribuídos, bem como facilitar o trabalho do professor em sala de aula.

Seria de suma importância a elaboração de um "Atlas Lingüístico Contatual" com levantamentos que identificassem as principais variações lingüísticas envolvendo comunidades bi- ou plurilíngües. Estudos como este em muito se beneficiariam com um macro-projeto desta natureza, que constituísse um banco de dados representativo. A partir do Atlas, com o objetivo de fortalecer e preservar o uso das variedades minoritárias, como também a identidade dos grupos, fica a sugestão da elaboração de um dicionário com o objetivo de tornar a variedade minoritária falada em uma variedade também escrita.

Como autor deste trabalho, ciente de minhas limitações e dificuldades, bem como da imensidão do tema escolhido "língua e identidade", convém destacar que o estudo foi de grande valia e ampliou em muito meus conhecimentos. Este trabalho obrigou-me a pensar sobre minha própria identidade no que se refere ao uso,

manutenção e substituição da língua minoritária, bem como a influência de outros fatores sociais sobre a língua e, conseqüentemente, sobre a identidade. Ao mesmo tempo, obrigou-me ao distanciamento necessário para uma pesquisa lingüística de cunho científico. É relevante destacar, no entanto, o incansável auxílio prestado pelo orientador deste trabalho, que, com sabedoria e paciência, soube auxiliar na compreensão do tema abordado, evitando uma fuga maior do objetivo central do estudo e puxando-me constantemente para uma visão de fora da comunidade de fala ou mesmo do grupo étnico a que pertenço.

Enfim, espera-se que este estudo tenha dado significativa contribuição para o campo da pesquisa científica, principalmente no que refere ao papel da língua na constituição da identidade. Além disso, espera-se que o presente trabalho sirva de incentivo para futuras pesquisas, pois, como já mencionamos, ainda há muito a ser pesquisado em todos os campos envolvendo tanto a língua como a identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEEMI, Janet. *Zur sozialen und psychischen Situation von Bilingualen: Persönlichkeitsentwicklung und Identitätsbildung*. Frankfurt a.M. : Peter Lang. 1991. v. 6
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson: *A aprendizagem do português em uma comunidade bilíngüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. (masch. Magisterarbeit.) Porto Alegre, UFRGS, 1990.
- _____. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart : Steiner, 1996. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.).
- _____. *O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do “Hunsrückisch” no Rio Grande do Sul*. In: Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.
- _____. *O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil*. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine & SCHÖNBERGER, Axel (eds.). Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt a. M.: TFM, 2000. p. 79-93.
- _____. *Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Brasil*. In: Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.
- AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Tese de Doutorado Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- ANTON, Dörte. *Genährte Identitäten: Die Nähmaschine in Sach- und Erinnerungskultur in den Kolonien deutscher Einwanderer in Rio Grande do Sul in Südbrasilien*. (masch. Magisterarbeit) Kiel : Philosophische Fakultät der Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, 2001.
- APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London; New York: Arnold, 1992. [1987]
- ARENDT, Isabel Cristina & SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades*. Porto Alegre : EST, 2000.
- Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: v. 1 - Introdução. Org. KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Ed. da UFSC; Ed. da UFPR, 2002.
- Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*: v. 2 - Cartas fonéticas e morfossintáticas. Org. KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Ed. da UFSC; Ed. da UFPR, 2002.

- AUER, Peter (ed.). *Code-switching in conversation. Language, interaction and identity*. London; New York : Routledge, 1998a.
- _____. *Introduction: bilingual conversation revisited*. In: AUER, Peter (ed.). *Code-switching in conversation. Language, interaction and identity*. London; New York : Routledge, 1998b. p. 1-24.
- _____. *From code-switching via language mixing to fused lects: Toward adynamic typology of bilingual speech*. In: *International Journal of Bilingualism*, 1999.
- _____. *Identitäten und Alteritäten*. Deutsches Seminar I/Lehrstuhl für Germanische Philologie; Projekt der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg; 2000.
- _____. *Sprache im Zeitalter des Transnationalismus: die Deutschbrasilianer in Rio Grande do Sul*. Deutsches Seminar I. Projekt der Albert-Ludwigs-Universität Freiburg; 2002.
- AUER, Peter; BARDEN, Birgit & GROBKOPF, Beate. *Long-Term Linguistic Accomodation and its sociolinguistic interpretation: evidence from the Inner-German immigration after the Wende*. In: MATTHEIER, Klaus (ed.). *Dialect and migration in a changing Europe*. Frankfurt a.M. [Offprint] : Peter Lang, 2000. p. 79-98.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo : Loyola, 1999.
- BARANOW, Ulf Gregor. *Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien*. (Diss. masch.) München : Ludwig Maximilian-Universität München, 1973.
- BATTISTEL, Arlindo Itacir & COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos. A vida italiana em fotografia*. Porto Alegre : Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1983. vol. 3.
- BISOL, Leda. *Interferência de uma segunda língua na aprendizagem da escrita*. Porto Alegre, PUCRS/Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, 1975.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt Richart and Winston. 1933.
- BONATTI, Mário. *Aculturação lingüística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina, Brasil (1875-1974)*. Lorena (SP) : Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras; Blumenau (SC) : Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, 1974.
- BORTONI, Stella Maris. *A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística*. In: TARALLO, Fernando. (org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP, Pontes; Ed da univ. estadual de Campinas, 1989. p. 167-80.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUNSE, Heinrich A. W. *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Instituto de Letras da UFRGS, 1975.
- _____. *O vinhateiro; estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul; IEL, 1978.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CAMPOS, Cynthia Machado. *Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas*. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 7, p. 45-71, 1999.
- CARBONI, Florence. *Talian & Talian*. In: MAESTRI, Mário. *Nós os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996. p. 154-157.

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CEM anos de germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924. Trad. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo (RS) : Ed. UNISINOS, 1999. [Orig. ed. pelo Verband Deutscher Vereine. Porto Alegre : Typographia do Centro, 1924.]
- CHAMBERS, J.K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. New York : Cambridge University Press, 1980.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CONFORTIN, Helena. *Comportamento de falantes bilíngües do Alto Uruguai gaúcho frente à língua materna (dialeto italiano) e à língua portuguesa*. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre : Edições EST, 1996. v. 3, p. 572-592.
- _____. *A simbologia do mundo doméstico do imigrante italiano*. In: SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001. p. 504-518.
- CONTANTINO, Núncia S de. *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrese*. Porto Alegre: EST, 1991.
- COSTA, Rovílio et al. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. 2. impr. rev. Porto Alegre : EST; Caxias do Sul : Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 1986.
- DAMKE, Ciro. *As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, 1988.
- DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt a. M.; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien : Lang, 1997.
- DE HEREDIA, Christine. *Do bilingüismo ao falar bilíngüe*. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP) : Ed. da UNICAMP, 1989. p. 177-220.
- DÍAZ, Norma: "... Und in welcher Sprache träumst du?" "Da kür ik ma português" (Apuntes sobre un caso de contacto lingüístico en el sur de Brasil). In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 277-306.
- DREHER, Martin. *Protestantismos na América Meridional*. In: DREHER, Martin (org.). *500 anos de Brasil e igreja na América Meridional*. Porto Alegre : Edições EST, 2002. p. 115-138.
- ECKERT, Penelope. *(ay) goes to the city: Exploring the Expressive use of variation*. In: GUY, Gregory R. et al. *Towards a social science of language - papers in honor of William Labov*. Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- EDWARDS, John. *Multilingualism*. London; New York: Routledge, 1994
- ERICKSON, Frederick. *Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza*. In WITTRICK, Merlin C. *La investigación de la enseñanza, II. Métodos cualitativos y de observación*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.
- _____. *Qualitative Methods. A project of the american educational research association*. In: ERICKSON, Frederick. *Research in Teaching and Learning*. New York: Macmillan, 1999. p. 76-194.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin : Schmidt, 1959.
- FERGUSON, Charles A. *The language factor in national development*. In: *Anthropological Linguistics* 35. Special issue. A retrospective of the Journal Anthropological Linguistics:

- selected papers, 1959-1985. Bloomington, Indiana University, 1993. [Published August 1994.] p. 124-129.
- _____. *Diglossia*. Trad. Maria da Glória Ribeiro da Silva. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro : Eldorado Tijuca, 1974. p. 99-118.
- FISHMAN, Joshua A. *Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*. In: *Journal of Social Issues*, n. 23, 1967. p. 29-38.
- _____. *The relationship between micro- and macro-sociolinguistics in the study of who speaks what language to whom and when*. In: PRIDE, J. B. & HOLMES, Janet [eds.]: *Sociolinguistics*. Harmondsworth : Penguin Books, 1972a. p. 15-32.
- _____. *Varieties of ethnicity and varieties of language consciousness*. In: FISHMAN, Joshua A. *Language in sociocultural change: essays by Joshua A Fishman*. Selected and Introduced by Anwar S. Dil. Stanford, California : Stanford University Press, 1972b. [1968] p. 179-190.
- _____. *A sociologia da linguagem*. Trad. Álvaro Cabral. In: FONSECA, Maria Stella V. & NEVES, Moema F. (org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro : Eldorado Tijuca, 1974. p. 25-40.
- _____. *Advances in the study of societal multilingualism*. New York : Mouton, 1978.
- FIX, Ulla. *Identität durch Sprache – eine nachträgliche Konstruktion*. In: JANICH, Nina & THIM-MABREY, Christiane (Hrsg.). *Sprachidentität – Identität durch Sprache*. Tübingen : Narr, 2003. p. 107-123.
- FOUQUET, Carlos. *Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien; 1808-1824-1974*. São Paulo; Porto Alegre : Instituto Hans Staden; Federação dos Centros de Cultura 25 de Julho, 1974.
- FÖLDES, Csaba. *Dialektalität und variation des Deutschen unter Mehrsprachigkeitsbedingungen*. In: *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, Stuttgart, v. 70, heft 2, p. 177-193, 2003.
- FRANZINA, Emilio. *Pátria, região e nação: o problema da identidade na imigração italiana na América Latina*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Org. Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, Maria Beatriz Pinheiro Machado. Caxias do Sul - RS : EDUCS, 1999. p. 13-43.
- FROSI, Vitalina Maria. *A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil*. In: NÓS, OS ÍTALO-GAÚCHOS. 2.ed. Coord. Mário Maestri. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 158-167.
- FROSI, Vitalina Maria & MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul. Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre : Movimento; Caxias do Sul : EDUCS, 1975.
- _____. *Comunicação lingüística na região de colonização italiana (os dialetos italianos e a língua portuguesa)*. In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre : EST, 1979. p. 97-104.
- _____. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul : EDUCS, 1983.
- GAL, Susan. *Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria*. In: SANKOFF, David (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York : Academic Press, 1978. p. 227-238.
- _____. *Language shift. Social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. New York; San Francisco; London : Academic Press, 1979.
- GEOLIVRE. <http://www.geolivres.gov.br/> agosto de 2004.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1988. [1963]
- GUMPERZ, John J. *The speech community*. In: GIGLIOLI, Pier P. (ed.) *Language and social context*. Harmondsworth : Penguin Books, 1972. p. 219-231.
- _____. *Types of linguistic communities*. In: Anthropological Linguistics, Special Issue. A retrospective of Journal Anthropological Linguistics: Selected Papers, 1959-1985. Bloomington : Indiana University, n. 35, p. 130-142, 1993 [Published August 1994]. [1962]
- HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e Diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Ed Vozes, 2000. p.103-133.
- HALLIDAY, M. A. K. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- HELLER, Monica. *Linguistic minorities and modernity: a sociolinguistic ethnography*. With the colab. of Mark Campbell, Phyllis Dalley and Donna Patrick. London and New York : Longman, 1999.
- HINDERLING, Robert. “Wej mir sog’n.“ *Sprache und Identität des Mundartsprechers in Nordostbayern. Erfahrungen bei der Erhebung des Materials für den Sprachatlas von Nordostbayern*. In: JANICH, Nina & THIM-MABREY, Christiane (Hrsg.). *Sprachidentität – Identität durch Sprache*. Tübingen : Narr, 2003. p. 125-136.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elab. no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>, jun. 2003.
- JUNG, Neiva Maria. *Identidades Sociais na Escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngüe*. Tese de Doutorado Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- KAUFMANN, Göz. *Varietätendynamik in Sprachkontaktsituationen. Attitüden und Sprachverhalten rußlanddeutscher Mennoniten in Mexiko und den USA*. Frankfurt a . M.; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien, Lang, 1997. (VarioLingua; Bd. 3.)
- _____. *Language maintenance and reversing language shift*. In: Sociolinguistics: an International Handbook of the Science of Language and Society. 2. ed. [no prelo]
- KIELHÖFER, Bernd; JONEKEIT, Sylvie. *Zweisprachige Kindererziehung*. Tübingen: Stauffenburg, 1983.
- KLEIMAN, Angela B. *A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas : Mercado de Letras; São Paulo : Fapesp, 1998. p. 267-302.
- KOCH, Walter. *Notas etnológico-lingüísticas sôbre a moenda de cana-de-açúcar nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. In: Separata da Revista Organon, Porto Alegre, UFRGS, n. 14, p. 51-58, 1970.
- _____. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, 1974a.
- _____. *Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul*. In: ENGEL, Ulrich & VOGEL, Irmgard (Hrsg.). *Deutsch in der Begegnung mit anderen Sprachen. Beiträge zur Soziologie der Sprachen*. Bearb. v. Heinz KLOSS. Mannheim : Institut für deutsche Sprache; Tübingen : Narr, 1974b. p. 79-117. (Institut für deutsche Sprache. Forschungsberichte; 20.)
- _____. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme ihrer Untersuchung*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen*

- Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 307-322.
- LABOV, William. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972a.
- _____. *The logic of nonstandard english*. In: P. P. Giglioli (org.). *Language and social context*, Middlesex, OK: Penguin Books, 1972b
- _____. *Principles of linguistic change*. V.2: Social factors. Oxford: Blackwell, 2001. 572p. (Language in Society; 29) - Social Networks p. 325-365
- LAMY, Paul. *Language and ethnolinguistic identity: the bilingualism question*. In: *International Journal of the Sociology of Language*, The Hague / Paris / New York, n. 20, p. 23-36, 1979.
- LANCHEC, Jean. *Psicolinguística e pedagogia das línguas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- LÜDI, Georges. „Zweisprachige Rede“ als Zeichen von Fremdheit und/oder mehrsprachiger Identität. In: SCHNEIDER, Hansjakob & HOLLENWEGER, Judith (Hrsg.). *Mehrsprachigkeit und Fremdsprachigkeit: Arbeit für die Sonderpädagogik?* Luzern : Ed. SZH/SPC, 1996. p. 185-204.
- LUFT, Lya. *A luta pela brasilidade*. In: FISCHER, Luís A. & GERZ, René E. (coord.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre : UFRGS, 1996. p. 334-337.
- MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. (Hrsg.). *Reading in the sociology of language*. 3. Aufl. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584.
- MASON, Jennifer. *Qualitative Researching*. 4. ed. London : SAGE, 1998.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. *O falar bilíngüe*. Goiânia: UFG, 1999.
- MEY Jacob. *Etnia, identidade e língua*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas : Mercado de Letras; São Paulo : Fapesp, 1998. p. 69-88.
- MORTARA, Giorgio. *Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendents in Brazil*. In: *Cultural Assimilation of Immigrants. Supplement to Population Studies*. London; New York : Cambridge University Press, 1950. p. 39-44.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo & SILVA, Fábio Lopes da (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis : Insular, 2000.
- OBERACKER JR., Carlos H. *Transformações da língua alemã no Brasil*. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 5(n. 1), p. 1-36, 1957.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico*. In: SILVA, Fábio Lopes da & MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis : Insular, 2000. p. 83-92
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- OPPENRIEDER, Wilhelm & THURMAIR, Maria. *Sprachidentität im Kontext von Mehrsprachigkeit*. In: JANICH, Nina & THIM-MABREY, Christiane (Hrsg.). *Sprachidentität – Identität durch Sprache*. Tübingen : Narr, 2003. p. 39-60.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Identidade lingüística escolar*. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas : Mercado de Letras; São Paulo : Fapesp, 1998. p. 203-211
- _____. (org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP : Pontes; Cáceres, MT : Unemat Editora, 2001.

- ORO, Ari Pedro. *Mi son talian: Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre : Edições EST, 1996. v. 3, p. 611-627.
- PAYER, M. Onice. *A interdição da língua dos imigrantes (italianos) no Brasil: condições, modos, conseqüências*. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP : Pontes; Cáceres, MT : Unemat Editora, 2001. p. 235-255.
- POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : EST/EDUCS, 1983. (Assim vivem os italianos; 4.)
- _____. *A arquitetura residencial rural norte-italiana e a imigração italiana no Rio Grande do Sul*. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre : EST, 1987. p. 452-488.
- _____. *Talian: língua e identidade cultural*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA & FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : Caxias do Sul). *Anais...* Org. Juventino Dal Bó, Luiza Horn Iotti, Maria Beatriz Pinheiro Machado. Caxias do Sul - RS : EDUCS, 1999. p. 255-280.
- POTTHAST, Barbara. *El mestizaje del Paraguay como identidad nacional y mito nacionalista*. In: POTTHAST, Barbara; KOHUT, Karl & KOHLHEPP, Gerd (eds.). *El espacio interior de America del Sur: geografía, historia, política, cultura*. Madrid : Iberoamericana; Frankfurt/Main : Vervuert, 1999. p. 345-362.
- POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?* In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 21-45.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Globo, 1969.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995. [1989] (Language in society; 13.)
- ROSENBERG, Peter & WEYDT, Harald. *Sprache und Identität: Neues zur Sprachentwicklung der Deutschen in der Sowjetunion*. In: MEISSNER, Boris et al. *Die Russlanddeutschen gestern und heute*. Köln : Markus, 1992.
- ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. Trad. Martin N. Dreher. São Leopoldo (RS) : SINODAL; Porto Alegre : Edições EST, 1997.
- SAMBAQUY-WALLNER, Virginia. *A língua alemã em São José do Hortêncio - RS*. Caxias do Sul : EDUCS, 1998.
- SANTIN, Silvino. *Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul* In: DE BONI, Luis A. (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre : Edições EST, 1996. v. 3, p. 593-610.
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes lingüísticas e manutenção do bilingüismo*. [Diss. de Mestrado] Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.

- SCHADEN, Egon. *Aculturação de alemães e japoneses no Brasil*. In: Revista de Antropologia, São Paulo, n. 4(1), p. 41-46, 1956.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- _____. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH, Márcia & VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura - etnicidade - história*. Canoas : ULBRA, 1994. p. 11-28.
- SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas (SP) : Mercado de Letras; São Paulo : Fapesp, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis : Vozes, 2000. p. 73-102.
- SKUTNABB-KANGAS, Tove. *Multilingualism and the education of minority children*. In: SKUTNABB-KANGAS, Tove & Cummins, Jim (eds.). *Minority education: from shame to struggle*. Clevedon / Avon : Multilingual Matters, 1988. p. 9-44.
- _____. *Swedish strategies to prevent integration and national ethnic minorities*. In: GARCÍA, Ofelia (ed.). *Bilingual education: Focusschrift in honor of Joshua A. Fishman on the occasion of his 65th birthday*. Amsterdam / Philadelphia : Benjamins, 1991. v. 1, p. 25-40.
- SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.
- TABOURET-KELLER, André. *Language and Identity*. In: COULMAS, Florian (ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell. 1998. p. 315-26.
- TARALLO, Fernando & ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo : Ática, 1987. (Série Fundamentos; 15.)
- TEYSSIER, Paul. *Manual de língua portuguesa*. Trad. Margarida Chorão de Carvalho. Lisboa: Coimbra Editora, 1989.
- THIM-MABREY, Christiane. *Sprachidentität – Identität durch Sprache. Ein Problemaufriss aus sprachwissenschaftlicher Sicht*. In: JANICH, Nina & THIM-MABREY, Christiane (Hrsg.). *Sprachidentität – Identität durch Sprache*. Tübingen : Narr, 2003. p. 1-18.
- THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.
- TITONE, Renzo. *Bilinguismo precoce e educazione bilingue*. 2. ed. Roma, Armando, 1993. [1972]
- TORNQUIST, Margareta. *Deutsch als Minderheitssprache; ein Beispiel aus Südbrasilien*. Dortmund: UMEA Universität: Herbstsemester, 1992.
- _____. „Das hon ich von meiner Mama“ – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Umeå : Umeå University, 1997.
- TREVISAN, Armindo. *Eu, um não supremo, mas um obscuro ítalo-gaúcho...* In: MAESTRI, Mário. *Nós os ítalo-gaúchos* Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1996.
- VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna*. (Diss. masch.) Porto Alegre, PUCRS, 1970.
- _____. *Contati linguistici in Brasile - tedesco, italiano e portoghese*. In: Parallela, *Linguistica contrastiva / Linguaggi settoriali / Sintassi generativa. Atti del 4° incontro italo-austriaco dei linguisti*, Tübingen, Narr, n. 3, p. 94-102, 1987.

- _____. *A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL – 1985-2001*. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro : 7Letras, 2003. p. 13-29.
- VERMES, Geneviève & BOUTET Josiane. *Multilingüismo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.
- WEIMER, Günter. *Hunsrücker in Süd-Brasilien oder „Wo ist das deutsche Dorf geblieben?“* In: *Landeskundliche Vierteljahrsblätter*, Trier, n. 34, p. 109-118, 1988.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact. Findings and problems*. 7th Printing. The Hague; Paris : Mouton, 1970. (1953)
- WIESINGER, Peter. *Die Einteilung der deutschen Dialekte*. In: BESCH, Werner et al. (Hrsg.) *Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung*. 2. Halbbd. Berlin; New York : de Gruyter, 1983. p. 807-900. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft; 1.2.)
- WILLEMS, Emílio: *Assimilação e populações marginais no Brasil. Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1940.
- _____. *Procesos de culturalización lingüística entre poblaciones brasileñas de origen germánico*. In: *Revista Mexicana de Sociología*, 2(1), p. 35-45, 1941.
- _____. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. erw., ill. u. nachges. Aufl. São Paulo : Companhia Editora Nacional; [Brasília] : INL, 1980. [1946]
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis : Vozes, 2000. p. 7-72.
- ZIEGLER, Arne. *Probleme des Sprachkontakts in Südamerika. Deutsche Sprache in Brasilien*. Bochum: Ruhr-Universität Bochum, 1994.
- _____. *Deutsche Sprache in Brasilien: Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen: die blaue Eule, 1996.
- ZILLES, Ana Maria Stahl. *A língua que a gente fala no Brasil*. In: GUEDES Paulo Coimbra. (org.) *Ensino de Português e Cidadania* [no prelo].

ANEXOS

**Identidade e Comportamento Lingüístico na Comunidade Plurilíngüe
Alemão-Italiano-Português de Imigrante - RS**

(Pesquisa de Campo: Questionário)

FICHA CATALOGRÁFICA

Localidade:

Informante:

Endereço:

Sexo: masculino feminino

Idade: GI _____ GII _____

Classe: GI _____ GII _____

Religião: católico luterano

outra: _____

Origem: alemão italiano luso alemão-italiano

Línguas que fala: alemão italiano luso alemão-italiano

I - Bilingüismo dos informantes¹⁵

1. Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?)

2. *Que tipo de alemão/italiano é? Como se chama? Podia falar "um pouquinho sobre o que é típico alemão/italiano"? O que disse que vc colocou vc. acha que apresenta?*

3. *Tem diferença entre o alemão da Alemanha/italiano da Itália e o daqui? Qual é a diferença?*

4. *Sabe ler/escrever em alemão/italiano?*

¹⁵ A barra (/) significa que vale a primeira OU segunda alternativa, conforme o enfoque da pergunta e a língua do informante. P.ex., "alemão/italiano" significa "alemão" no caso de informante falante de alemão, OU "italiano", no caso de informante falante de italiano.

5. Em que língua gosta de conversar mais?
6. *De modo geral, costuma falar mais alemão/italiano ou português?*
7. Quando vem visita, que língua prefere usar?
8. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão/italiano?
9. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, alemão ou italiano?
10. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa alemão/italiano, mas insistia em só falar português?
11. Como aprendeu o português? (Lembrete: escola, quartel, contato, trabalho...).
12. Como é/foi na escola e na igreja o uso de alemão e/ou italiano?

II - Identidade dos informantes (objetivo descritivo)

13. Como acha que as pessoas de fora vêm os originários daqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais)
14. *Como se sente mais? Alemão/Italiano? Brasileiro? Gaúcho?*
15. *Quem nasce no Rio Grande do Sul é...*
16. *E quando pensa no alemão/italiano?*
17. Se joga a seleção brasileira de futebol contra a alemã/italiana, para quem torce?

III - Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

18. O que identifica o alemão/italiano típico daqui?
19. Brasileiro
Como chamam as pessoas que não são de origem alemã / italiana? (**na língua de imigrante e no português**)

Sugêrncias:

a) Bloe, **b)** Blaue, **c)** Bresilioner, **d)** gringo; **e)** alemão-batata, **f)** outra forma

- 20 Características do brasileiro
Como é esse brasileiro?

Sugêrncias:

a) de pele escura?, **b)** só fala português, **c)** provém da cidade?, **d)** confiável?, **e)** gosta de trabalhar?, **f)** organizado?, **g)** amigo?, **h)** conversador?, **i)** hospitaleiro?, **j)** desconfiado?

- k) **palatalização de /d, t/:** *noite, quente, tarde, sabonete* [v. gênero], *tesoura, dia, dinheiro, tio, tipo, mentira*;
- l) **realização da vibrante:** *borracha, terra, ruim, rapaz, rua, morro, perguntar, morrer, sair, calor*;
- m) **alternância entre / l : /ʎ/, / l : /ɲ/:** *hoje, a gente, jantar/janta, jornal, joga, baixa; peixe, bocha, cachorro, chuva, chapéu, vizinho*;
- n) **realização das laterais:** *mulher, velho, trabalhar, barulho, sol, mel, sal, planta, Brasil*;
- o) **realização do ditongo nasal /ãõ/:** *procissão, pão, então, calção, alemão*;
- p) **realização de /a/ diante de nasal:** *italiano, ano, tanto, interessante, também, andando, banho, ganhar*;
- q) **harmonização vocálica/alçamento:** *menino, bonito, esquerdo, gordura, pedir, ferida*;
- r) **vogal tônica diante de consoante sonora:** *emprego, estrada, passagem, igreja, casa*;
- s) **vocalismo - diversos:** *três, dois, luz, mas, pés, arroz*;
- t) **elementos do léxico:** *mais ou menos, pedir=perguntar, nono/avô, etc.*

